

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

JÉSSICA MARIANA PARRILHA DA SILVA

**UMA VIAGEM PARA O FIM DO MUNDO:  
OS DISPOSITIVOS DE CAPTURA SUBJETIVA E AS NARRATIVAS DE  
SOFRIMENTO NO NEOLIBERALISMO CONTEMPORÂNEO**

VITÓRIA  
2022

JÉSSICA MARIANA PARRILHA DA SILVA

**UMA VIAGEM PARA O FIM DO MUNDO:  
OS DISPOSITIVOS DE CAPTURA SUBJETIVA E AS NARRATIVAS DE  
SOFRIMENTO NO NEOLIBERALISMO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional na linha de Subjetividade e Clínica.

VITÓRIA  
2022

**JÉSSICA MARIANA PARRILHA DA SILVA**

**UMA VIAGEM PARA O FIM DO MUNDO:  
OS DISPOSITIVOS DE CAPTURA SUBJETIVA E AS NARRATIVAS DE  
SOFRIMENTO NO NEOLIBERALISMO CONTEMPORÂNEO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional (PPGPSI) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional na linha de Subjetividade e Clínica.

Aprovada em 10 de março de 2022.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Fabio Diaz Camarneiro**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**  
**Orientador**

---

**Prof. Dr. Christian Ingo LenzDunker**  
**Universidade de São Paulo**

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Janaína Mariano César**  
**Universidade Federal do Espírito Santo**

Aos meus pais, que me possibilitaram um viver afetivo e cheio de amor, onde eu tive o privilégio de sonhar acordada com o amanhã.

## AGRADECIMENTOS

Os agradecimentos sempre são muitos, visto que, nesse caminho bastante solitário da escrita, são os vínculos e afetos ao nosso redor que nos sustentam. Principalmente em tempos tão duros e esvaziados de presença como tem sido esse momento de pandemia mundial.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Ângela e Marius, que com seu amor e presença me fortaleceram nesse processo, tanto no mestrado, como na pandemia. E, muito antes dele, me possibilitaram uma vida onde eu sempre tive espaço para sonhar e para crescer. Que força tem crescer em meio ao amor, que ainda guarda em si uma das mais potentes formas de viver uma vida potente. Obrigada pai e mãe por proporcionarem um lar afetivo que foi fundamental para o meu caminhar. Obrigada pelo cuidado constante, pelos conselhos, pelas comidas enviadas, pela ajuda nas mudanças que decidi viver nesse período do mestrado. Vocês são o porto seguro que me possibilita navegar por aí. Amo vocês!

Agradeço à minha família, aos meus avós pelo apoio e torcida por mim e especialmente aos meus irmãos, Mônica e Victor, que em meio a uma pandemia tão dura me deram a chance de vê-los se reinventarem. E, sem que soubessem, me fizeram seguir adiante quando eu mais precisava.

Agradeço carinhosamente ao meu companheiro Pedro, com quem eu divido a casa, a vida e tudo misturado que compõe a vida a dois. Obrigada por me acolher nos momentos em que eu sentia o cansaço tomando conta de tudo. Obrigada pelo incentivo constante, por compartilhar leituras, cafés, e conversas mil sobre o meu tema, assim como as coisas rotineiras da vida, ainda bem por elas. Obrigada pela companhia e por embalar a minha escrita ao som do seu violão. Obrigada por transformar nossa rotina em dias dançantes mesmo em tempos de pandemia e confinamento.

Agradeço aos amigos, e são muitos os que se fizeram presente nesse processo, tanto de perto como de longe. Espero que se identifiquem nas descrições que farei e saibam que vocês sempre são apreciados. Houveram os amigos que me fortaleceram mandando textos e afins sobre o meu tema. Houve aqueles que

fortaleceram através de leituras e revisão do meu trabalho, muito obrigada por isso. Não seria possível seguir sem a generosidade de suas leituras atentas. Obrigada! Houveram aqueles que faziam companhia na hora da escrita. Houve aqueles com quem partilhei do trabalho como psi, em especial minha querida sócia e companheira de escrita. Houve também aqueles que me acompanharam nas horas de lazer para compor a vida com outras conversas. Houve os que vinham para o café e as comidinhas. Houve os que me abraçaram em meio ao choro e os que riram comigo. Houve os que faziam chamadas de vídeo mesmo de outro país. Há os que caminham comigo há muito tempo, há também os que chegaram com a graduação, outros com o mestrado. Que rica é a vida com tanta presença! Ninguém se faz sem redes de afeto e sou composta também pela presença de todos vocês. Agradecimentos muito carinhosos a todos vocês que vibraram na pele de vocês esse sonho comigo. Obrigada queridos!

Agradeço ao PPGPSI, programa que acolheu meu trabalho. Muito obrigada por apostarem no meu projeto e acreditarem no desenvolvimento do meu tema. A insistência em fazer pesquisa em tempos de movimentos anticiência dá muito mais trabalho. Obrigada!

Agradeço demasiadamente a minha banca, aos professores Christian Dunker e Janaína Mariano. Grata pela disponibilidade, pelas intervenções importantes na qualificação, que foram fundamentais para definir os caminhos para o trabalho de defesa, e por também por comporem comigo esse momento de trabalho final. Muito obrigada por tanta generosidade e por dividir com tanta atenção esse tema tão caro para mim. Muito obrigada professores!

Agradeço ao meu orientador Fabio Camarneiro, que topou esse trabalho comigo desde a seleção do mestrado. Obrigada pelo cuidado com o meu tema, por entender meu tempo e por respeitar os caminhos que decidi seguir. Agradeço pela orientação cuidadosa, pelas intervenções sempre generosas e importantes. Agradeço pelo seu tempo sempre disponível, pelas leituras muito precisas. Agradeço por ter caminhado junto comigo, ter partilhado tanto em tempos tão duros, em um trabalho que não seria possível sem sua orientação e amizade.

A Ele, por tudo, sempre. A essa minha fé, que carrego comigo por onde for, e que me fortaleceu e me possibilitou também continuar em tempos sombrios.

Tenho pedido a todos que descansem  
De tudo o que cansa e mortifica.  
Mas o homem não cansa.

Hilda Hilst (1959)

## RESUMO

Esta dissertação se propôs a analisar os conceitos de mal-estar e adoecimento psíquico para compreender as narrativas de sofrimento a partir de um trabalho de escuta dentro do ambiente da clínica. Para isso, nos dedicamos a destrinchar o processo histórico de formação do neoliberalismo e as principais dimensões de seu funcionamento, como o biopoder, a competitividade, o conceito de homem-empresa, a demanda por alta produtividade, que constituem a produção de subjetividade do sujeito contemporâneo.

**Palavras-chave:** saúde mental; adoecimento psíquico; mal-estar contemporâneo; neoliberalismo; capitalismo; biopoder; produção de subjetividade; clínica.

## **ABSTRACT**

This dissertation analyzes the concepts of malaise and mental illness stouder stand the narratives of suffering as they appear in the clinic environment. Other goal is to unravel the historical formation of capitalism and its presence nowadays. We examine concepts as biopower, competitiveness, man-company, and also the demands for high productivity which constitute the production of subjectivity of the contemporary subject.

**Keywords:** mental health; mental illness; contemporary malaise; capitalism; biopower; production of subjectivity; clinic.

## SUMÁRIO

<b>PISTAS DE UM CAMINHO.....</b>	<b>12</b>
<b>APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA.....</b>	<b>14</b>
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
1.10 CONTEMPORÂNEO.....	17
1.2 REGIME COLONIAL-CAPITALÍSTICO.....	19
<b>2. NEOLIBERALISMO COMO RACIONALIDADE.....</b>	<b>23</b>
2.1 A QUESTÃO LIBERAL.....	24
2.2 A QUESTÃO DA LIBERDADE.....	29
2.3 A QUESTÃO DA LIVRE CONCORRÊNCIA.....	31
2.4 NEOLIBERALISMO NA CLÍNICA.....	37
2.5 DISPOSITIVO DO MEDO COMO GESTOR DE SEGURANÇA.....	48
2.6 A QUESTÃO DA FINITUDE.....	50
<b>3. PATOLOGIAS CAPITALÍSTICAS: UM MAL-ESTAR ANUNCIADO.....</b>	<b>63</b>
3.1 O TAL DO MAL-ESTAR.....	63
3.2 A LÓGICA 24/7 E A MÁQUINA CAPITALISTA .....	73
<b>4. CORPOS ESGOTADOS: UMA CARTOGRAFIA DO SUJEITO DEPRESSIVO...83</b>	
4.1 DEPRESSÃO COMO MAL ESTAR: UM BREVE HISTÓRICO.....	87
4.2 A PANDEMIA COMO VINGANÇA DO ANTI TRÁGICO BARTLEBY?.....	92
<b>5.TRAÇOS DE UMA CLÍNICA NO CONTEMPORÂNEO: UMA VIAGEM PARA O FIM DO MUNDO.....</b>	<b>100</b>
<b>6.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>109</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>113</b>
<b>ÍNDICE DE FIGURAS.....</b>	<b>116</b>
<b>ÍNDICE DE VINHETAS CLÍNICAS.....</b>	<b>117</b>

## PISTAS DE UM CAMINHO

Gostamos de pensar, de muitas formas, que partimos para a escrita com algum tema ou problemática que nos deixariam mais confortável. Entretanto, sinto que um processo de escrita insiste em caminhar por lugares muitas vezes incômodos. Afinal, por que escrevemos com tamanho desconforto? Entendemos que a vida é movida de descompassos, de confusões, de desvios; escrevemos porque é urgente acessar justamente esses desconfortos, e talvez seja neles onde mais precisamos nos demorar. São eles que nos instigam a escrever. Para então compreendê-los, digeri-los, para que nos tornemos capazes de elaborá-los e, se preciso, reconstruí-los.

Compreendemos no estudo da subjetividade que nunca dizemos apenas sobre nós. Por isso minha experiência neste processo de escrita inicia-se muito antes da possibilidade de um mestrado. Ela caminha por um emaranhado de desejos e vivências que tomam fôlego na passagem pela graduação de economia — com o estudo de *O Capital*, de Karl Marx, e dos dispositivos de poder do capitalismo, da história econômica, das micro e macroeconomias — e toma forma de fato em uma formação como psicóloga na Universidade Federal do Espírito Santo. Ao acessar o estudo do campo das subjetividades, uma complexa dimensão de questões e possibilidades de análises e trabalhos se desabrocha a partir de um fio que começou a ser tecido ainda lá como estudante de economia e toma forma nessa dissertação. Pretendo destrinchar algumas delas — por agora me atentarei às que considero mais urgente — através desta escrita.

Com a oportunidade de exercer uma prática clínica ainda durante a graduação, formo uma incipiente, porém importante, experiência clínica. Prática que decidi estender para depois da minha finalização do curso em 2018, momento em que passo a ocupar outro espaço clínico com novos desafios. O mestrado veio logo depois, em uma continuação do meu percurso pela Ufes, de trabalho e de estudo, como inquietações que precisavam tomar corpo. A experiência clínica é, por muitas vezes, solitária, o profissional psicólogo está só nesse processo de escuta, porém ao mesmo tempo é um processo que só se dá no encontro com esse outro indivíduo que se dispõe ao trabalho de análise, nos transportando assim para diversos outros

mundos que precisamos explorar, estudar, construir pontes, formar uma escuta atenta, sensível e potente. O que não se configura como um trabalho simples. Nesse processo, a constituição de um corpo *psi clínico* pede caminhos mais firmes.

As narrativas presentes na clínica se repetiam em muitos casos. Narrativas de sofrimento construídas em volta de um mesmo discurso que implicava uma sensação de falta de sentido e de propósito. Por diversas razões não era possível projetar um futuro, devido a adversidades externas a exemplo de um cenário político. E nessa falta de projeção, o próprio presente se esvaziava de sentido. Por vezes, devido à constituição fragilizada de vínculos de ordem familiar, romântico e outros laços sociais; em outros casos, planos frustrados descaracterizavam as possibilidades de novos momentos; bem como a conquista de certos ideais construía novamente a ideia de um vazio a ser preenchido, apresentando um esgotamento frente à necessidade de construir novos modos de enfrentar o viver. Outras narrativas constantes na clínica traziam discursos sobre a sensação de um atraso em relação aos outros, de uma comparação de si constante, de uma pressão produtivista manifesta na necessidade de sempre ser e ter mais. Tais discursos culminam em uma imagem pejorativa do próprio sujeito, trazendo à tona um cansaço de si, um esgotamento dessas dimensões. É preciso se atentar aos valores que estão sendo despejados através dessas narrativas, pois elas também falam da criação de sentidos constituídos no mundo hoje. E a repetição das narrativas partindo de diferentes sujeitos não é ao acaso.

A produção de subjetividade passa por uma análise social do atual modo de vida capitalista e é esse desafio que travo aqui. Esse sistema baseado na exploração, dominação e colonização do desejo, causa um estancamento na produção subjetiva de novas normativas frente às adversidades da vida. Produção que se compreende como fundamental a uma vida potente. Se o desejo nos diz sobre a produção do real, logo, como constituidor de realidades, é preciso entendê-lo também como objeto de captura do capitalismo (DELEUZE; GUATTARI, 2014). Mas é exatamente em seu campo que podemos encontrar mudança, revolução. É nessa dimensão que se encontra o trabalho do profissional psicólogo, analista, pesquisador acadêmico; é esse campo de produção subjetiva e suas possibilidades que nos interessa, seja em uma experiência de clínica *stricto sensu*, seja na escrita ou em

qualquer outro campo que convoquea urgência de uma existência permeada por uma dimensão onde seja possível criar sempre novas formas de viver, de pensar, de sentir. É somente nessa dimensão criativa onde o sujeito compreende sua existência como uma vida potente e não uma existência que apenas sobrevive. É nela que ele pode se encontrar e sustentar seu desejo.

## APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Esta dissertação tem como objetivo investigar a produção de sentidos e territórios existenciais dentro do capitalismo. Essa análise dos sentidos pretende dimensionar a constituição de um sofrimento coletivo que perpassa pelo contemporâneo. Principalmente no que diz respeito à constituição do adoecimento psíquico do sujeito.

Tecer tal discussão no campo teórico é mapear modos de produção de subjetividades do nosso contemporâneo, bem como investigar o plano de forças que segrega o indivíduo do mesmo jogo de forças no qual ele produz e é produzido. Um jogo que explora a capitalização dos sentidos, dos sujeitos, dos desejos. Olhar de perto para o fenômeno da serialização das subjetividades, justamente para investigar suas produções através de máquinas sociais, ou seja, de instituições responsáveis por construir as subjetividades no contemporâneo, como por exemplo, e principalmente, o capitalismo.

A urgência de mapear as modulações da subjetividade moderna vai de encontro com explorar as dimensões produtivas de saúde do ser humano. Com quais formas de se produzir saúde que o sujeito contemporâneo tem compactuado? Pretende-se apurar os constructos sociais de busca por um corpo saudável, seu caminhar pelo ideal de um corpo produzido pelo sistema capitalista e debruçar criticamente frente essa aceleração do sujeito que tem se destacado no contemporâneo. “O ser interiorizado no registro do pensamento se transforma no ser exteriorizado e performático, que quer agir, *antes de mais nada*” (BIRMAN, 2012). O que tem se produzido com isso? Para onde iremos daqui?

A investigação da produção de sentido é algo muito caro nessa pesquisa, pois diz de uma invenção de mundo feita com e pelo sujeito, que, por sua vez, apresenta-se a esse mundo que ele construiu a partir de uma imagem que estabeleceu para si. Para construção dessa investigação é preciso analisar minuciosamente o sistema econômico no qual estamos inseridos assim como suas dimensões. Compreendemos então, enquanto parte fundamental deste trabalho, mapear o sistema econômico vigente em seu estado atual: o neoliberalismo. Fazendo um mapeamento a partir do seu contexto histórico, suas ideias e seus ideais, assim

como seus conceitos. O neoliberalismo reverbera de certa forma a determinar o que deveríamos desejar e como nos desejamos ser *sujeitos* nesse mundo. Portanto, partir dele é indispensável para visualizarmos a produção subjetiva do contemporâneo.

Que mundos tem se construído hoje? Como construir novos possíveis? Como criar para si territórios-existenciais, firmes, em um mundo fluido? Construir um sentido a respeito de uma vida que vale a pena ser vivida em toda sua multiplicidade é o que me toca aqui em levantar essas questões. Como podemos, como profissionais *psi*, sempre acolher a diversidade com nossa prática? A nós cabe o desafio de apresentá-la sempre como ferramenta da vida, vida cheia de afetos, de alegrias, de amor; onde também caiba o acolhimento para o mal-estar expresso no sofrimento humano, e espaço para um viver reflexivo. O caminho é árduo. São indicações para os surgimentos de novos campos de potência, novas redes de afeto; é caminhar entre a medida e a desmedida e fazer deste caminho a afirmação de um intenso conhecimento de si, nunca em uma busca de um ideal, de um conhecimento de si que se dá de forma individualizante, mas sempre coletiva e também singular a cada experiência. É preciso desbravar o andar por onde não se endureça perante os impasses da vida, mas para que o sujeito seja ativo no mundo, que se possibilite o desconhecimento de si para ser capaz de criar suas próprias condições de potência e se efetivar nos encontros com essas outras forças. Esse o grande desafio desse trabalho que parte de uma investigação complexa, porém pertinente, importante, urgente: contribuir para ampliar as possibilidades de existência de uma vida que não sobreviva apenas, mas que crie constantemente.

Esta pesquisa nasce do desejo de dar consistência a uma trajetória acadêmica e um fazer clínico. Na caminhada dos estudos dessa pesquisa, me aproximei do diálogo com a teoria psicanalítica, que me trouxe análises consistentes sobre o contexto neoliberal. Junto a esse campo até então inédito ao meu percurso, busquei também um caminho mais familiar à minha trajetória: a filosofia pós-freudiana de Gilles Deleuze e Félix Guattari para dizer sobre a máquina capitalista e suas capturas subjetivas. Esse diálogo faz-se relevante, uma vez que Freud inaugura uma matriz de pensamento com os conceitos de inconsciente e de desejo. E, de outro lado, Deleuze, além de propor uma nova forma de pensar, se opondo a certas concepções freudianas, também se apropria de diversas conceituações, contribuindo para um

saber psicanalítico e um fazer clínico, indissociados, cada vez mais implicado e transversalizado. Sendo assim, entendendo a importância desses autores e do diálogo estabelecido e a se estabelecer entre eles, ressaltamos a pertinência e o desejo de contribuir com a construção desse diálogo de alguma forma.

Entendemos que promover atravessamentos entre o pensamento dos referidos autores, sustentando as aproximações e afastamentos nesse plano conceitual, é uma tarefa que vem a enriquecer os saberes que circundam um fazer clínico. Consideramos, com Gilles Deleuze e Félix Guattari (2014), que os conceitos não são unidades reflexivas dadas de antemão, mas que são históricos, políticos, operam mundos, e, assim, exigem o pensamento mais do que provêm soluções. Pensar a emergência da subjetividade foi, no século XX, um dos desafios da filosofia de Gilles Deleuze. Para isso, o autor serve-se de noções e conceitos da tradição filosófica e psicológica para revirá-los e interrogá-los.

Tão bem sabemos das dificuldades para traçar um percurso nas obras tão vastas de dois autores igualmente abrangentes. Por isso utilizo autores que passaram por tais leituras e trazem suas análises do contemporâneo para ajudar a construir a minha. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de lado a questão que move este trabalho. Desse modo, tomamos como necessário entender os caminhos que nos conduziram até nossa questão, assim como, a pertinência do estudo dessa questão para o saber e prática psicanalítica, ainda que de uma forma introdutória. Não traço aqui uma vasta análise sobre tais contribuições desses autores, mas me utilizo de suas ferramentas para fazer a minha própria análise sobre os efeitos do neoliberalismo nos corpos contemporâneos, a partir da minha escuta clínica, que é uma das ferramentas de que disponho juntamente a um caminho de revisão bibliográfica.

Por fim, além de um percurso de referências bibliográficas entre historiadores, sociólogos, filósofos, psicanalistas e psicólogos, trago também para discussão a minha incipiente bagagem clínica através de vinhetas clínicas. Um dispositivo metodológico que serve para sinalizar o que tenho escutado dentro do meu trabalho no consultório, de uma forma que não traga identificação possível a nenhum paciente. Não se pretende neste trabalho fazer estudos de casos mais clássicos, ou seja, específicos e mais detalhados sobre um paciente, mas justamente evidenciar como as questões levantadas nesta dissertação se repetem através das narrativas

de diferentes analisandos e como as escuto e analiso perante o cenário do neoliberalismo contemporâneo.

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 O CONTEMPORÂNEO

Pensar as afetações do mundo contemporâneo nos faz desenhar as subjetividades que estamos construindo como sociedade hoje. O que nos diz esse contemporâneo? E, antes de qualquer coisa, o que queremos dizer por contemporâneo? Entendemos que ao fazer um estudo sempre partimos de um recorte que, apesar de limitador também configura uma possibilidade mais realística de iniciar um debate e constituir uma discussão valiosa. O olhar do pesquisador que constrói um estudo sobre qualquer recorte de tempo, sempre enfrenta desafios, visto que jamais conseguiria abranger todas as compreensões sobre as diversas dimensões da sociedade, que são fundamentais para um entendimento de coletivo. Por isso partiremos da ideia de um tempo contemporâneo a partir do filósofo Giorgio Agamben:

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo (AGAMBEN, 2007, p. 58).

Agamben nos diz com muita precisão sobre quem é esse ser contemporâneo. Ele não descreve como alguém que olha de fora e consegue fazer alguma análise a partir disso. Até porque nunca é possível sair de um espaço-tempo, ainda que apenas subjetivamente. Ele está em seu tempo justamente por se sentir deslocado ao mesmo. Agamben nos atenta sobre a importância do olhar crítico, atento, aquele que se sabe atravessado, mas que permite o atravessar na mesma medida em que permite a possibilidade da elaboração desse acontecimento. Ele ainda segue dizendo que mesmo que um homem odeie seu tempo, a ele pertence por completo e dele não pode fugir.

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta adere perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (AGAMBEN, 2007, p. 59).

Interessante essa ideia que Agamben nos traz, a imagem de uma não identificação completa com a época. Ele diz de um participar e compor o tempo, mas que também olha para além com estranhamento, que olha seus acontecimentos e o questiona. Contemplar as próprias pegadas ao mesmo tempo em que se sente atropelado pelas mesmas. Como é difícil habitar esse tempo contemporâneo.

O contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo (AGAMBEN, 2007, p. 64).

Agamben nos convida a analisar o contemporâneo com uma sensibilidade que esteja afinada com uma ideia do escuro do tempo. É interessante pensar que deixar à luz certas análises é antes de tudo adentrar o obscuro, nunca separar luz e escuridão nesse sentido, pois uma coisa necessita da outra. Agamben nos lembra dessa necessidade. Não é possível se afastar do escuro, diz Agamben, justamente reforçando a ideia de que não podemos fugir da nossa realidade. Logo, devemos dispor de tempo para nos debruçarmos nos mapeamentos subjetivos e afetações de nossa época, por mais dureza que possa parecer impor aos nossos corpos, pois somente nesse fazer é possível construir a possibilidade da análise. Não é um trabalho fácil o que nos propõe o filósofo: manter os olhos abertos em certos momentos é atravessar a mais profunda das sombras, não apenas no encontro com os dispositivos sociais, mas também com os signos que carregamos dentro de nós, nossos próprios escuros e fantasmas. Afinal, somos e compomos o *socius* mesmo tempo em que somos compostos por ele a todo instante. Não à toa Agamben diz que os contemporâneos são raros: “[...] e por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem” (AGAMBEN, 2007, p. 65).

No que pretendemos tratar do nosso tempo nessa escrita, Agamben é um aliado, pois esse olhar sugerido por ele nos é pertinente visto que olharemos justamente para os limites e dificuldades do contemporâneo na tentativa de desenhar outros possíveis caminhos analíticos. Por isso olharemos para o escuro na tentativa de trazer à luz aquilo que insiste em se distanciar de nós.

Por isso o presente que a contemporaneidade percebe tem as vértebras quebradas. O nosso tempo, o presente, não é, de fato, apenas o mais distante: não pode em nenhum caso nos alcançar. O seu dorso está fraturado, e nós nos mantemos exatamente no ponto da fratura. Por isso somos, apesar de tudo, contemporâneos a esse tempo. Compreendam bem que o compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. (AGAMBEN, 2007, p. 65)

Agamben nos sugere travarmos uma corrida contra nosso próprio tempo a fim de olharmos para ele com propriedade. São nessas vértebras quebradas que nos trazem uma imagem de dureza e desajuste de habitar esse nosso tempo, com nossos corpos que tentam se aclimatar a todo custo, onde o próprio ajuste é o descompasso. Até porque não é possível se deparar com as questões da vida sem se contorcer. Neste trabalho aceitamos o desafio de trazer a dimensão dessa contemporaneidade entendendo suas adversidades e limitações. Como muito bem descreve o filósofo: “ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar” (AGAMBEN, 2007, p. 65).

## 1.2 REGIME COLONIAL-CAPITALÍSTICO

Uma atmosfera sinistra envolve o planeta. Saturado de partículas tóxicas do regime colonial-capitalístico, o ar ambiente nos sufoca.

Suely Rolnik (2019)

Em tempos de Covid-19, onde uma pandemia se instaurou no planeta devido a um vírus que pode ser fatal, transmitido inclusive pelo ar, dizer que o “ar ambiente nos sufoca” não parece mais apenas uma metáfora sobre os aprisionamentos políticos que analisamos. Foi um medo instaurado em nossos corpos também nesses tempos de pandemia. Um medo muito palpável que paira sobre o mundo desde meados de março de 2020 que escancarou limitrofes de um sistema capitalista que colocou à mostra singularidades desse sistema que gere vida e morte sob os corpos. Tentar desenhar então, os tempos em que vivemos, fazer o esforço de entender quais são suas singularidades, os modos de relações estabelecidos até então, seja uns com os outros, com os espaços que ocupamos, com a natureza em si, enfim, se atentar para

as produções de subjetividade desse nosso momento histórico envolve dizer sobre o pano de fundo, nada discreto, que as envolve: o sistema capitalista.

O regime capitalista está em vigor desde o final do século XV, e suas inúmeras modernizações possibilitaram sua permanência até os dias de hoje. Nenhum sistema econômico se solidifica em pouco tempo, tendo séculos de existência e atualizações, o capitalismo conseguiu se estabelecer principalmente em um momento pós-Primeira Guerra. E, agora, a partir de Suely Rolnik (2019), o compreenderemos em sua forma mais eficiente: a forma financeirizada, neoliberal e globalizada.

A modernização capitalística ao longo dos séculos trouxe requintes de captura mais complexos e que nos interessam nessa escrita. É preciso revirar o que compreendemos para nos localizarmos como partes dessa engrenagem maquínica do capital, mas também, e principalmente, para conseguirmos entender que lugares são esses, se os queremos ou não, como nos deslocamos, o que desejamos mudar ou não. Nessa nova dobra atual do capital, que Rolnik nomeia também como regime colonial-capitalístico, compreendemos este novo momento como mais do mesmo, justamente pelas suas características retrógradas opressoras que insistem em uma manutenção, adicionando toques de atualizações. O fascismo dos dias atuais aparece sempre revestido de novas intenções, de boas novas até, mas é o velho modo cruel a qual estamos habituados, onde as relações de poder permanecem sempre no mesmo lugar, fazendo com que a fenda da divisão de classes seja cada vez um buraco mais profundo: é a manutenção da miséria. Por isso cresce a necessidade de olhar com mais atenção a forma como todo esse movimento do capital tem mudado nossas relações e modos de ser-estar no mundo.

A citação de Rolnik que inicia esse trabalho talvez nunca seja tão literal quanto hoje. A citação engloba a atualidade complexa do exato momento em que vivemos. Em tempos de pandemia mundial, o medo e a imprudência assombram o planeta de forma feroz. No momento em que escrevo, o mundo é pego de surpresa pela doença denominada COVID-19 causada por um vírus que começa a eclodir na China no final de 2019. Doença essa de contaminação rápida através de partículas no ar acaba por não encontrar obstáculos, se alastrando sem distinção nenhuma entre as barreiras sociais e econômicas até então constituídas. A COVID-19

rapidamentetomou vários países na Ásia, Europa, Estados Unidos, e chega então à América do Sul no início de 2020, e por consequente ao Brasil. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), foram confirmados no mundo quase dois milhões de casos de COVID-19 e 130.885 mortes até 16 de abril de 2020. O sistema de quarentena foi estabelecido em diversos países como forma de conter a contaminação rápida. A OMS orienta a permanência em nossos lares, o mundo nos pede pausa, calma, paciência. Pede-nos que trabalhemos em casa, que fiquemos com nossas famílias ou sozinhos, que tenhamos apenas contato online. De muitas formas, nossas relações e construções subjetivas já estão em novos movimentos. Movimentos esses que ainda precisaremos de certo tempo para analisar de forma mais apurada quais serão seus desdobramentos.

Enquanto isso, o Brasil seguiu com um governante anti-ciência, que insistiu em não ouvir autoridades sobre o assunto, levando o país a uma vasta quantidade de mortos com a justificativa de que a economia não pode parar frente a essa ameaça. A estratégia perversa é dizer que aqueles nas camadas mais pobres não podem ficar em casa sem ganhar dinheiro. É perversa porque tal discurso é usado para se esquivar de responsabilidades do Estado em casos de calamidade pública, é perversa porque estampa a fome do povo pobre brasileiro, não para que seja cuidada, cessada, mas para liberar usar como justificativa um intenso retorno dos trabalhadores aos seus postos. O capital reforça o seu lugar. Ele nos lembra que a produtividade não deve cessar, a roda da economia precisa girar e somos parte dela. Para muitos, ficar em casa foi uma estratégia de sobrevivência, para outros não é justificável parar em prol de “algumas” mortes. Importante lembrarmos a quantidade de trabalhos essenciais que nunca param em momentos assim, como área da saúde, manutenção da cidade, como garis, por exemplo, e comércios alimentícios. A pandemia é usada aqui como exemplo, pois foi algo sentido em nossas peles. Esse exemplo nos desenha sobre o que desejo tratar aqui: as questões das construções, modulações e agenciamentos da subjetividade humana no contexto do capitalismo.

Busquei traçar sobre uma produção de subjetividades no nosso contemporâneo a partir de uma revisão bibliográfica que me ajudasse a mapear uma análise histórica do neoliberalismo em primeiro lugar. Passarei pelo conceito de malestar em Freud, avançando por conceitos de instituições capitalísticas e desejo de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e chegando a análises contemporâneos do sistema neoliberal e seus

desdobramentos em diversas dimensões com autores como Jonathan Crary, Suely Rolnik, Christian Dunker e Peter Pál Pelbart. Desenhando uma importante linha histórica da constituição do que compreendemos como capitalismo hoje e quais são os dispositivos de poder vigente em nossos dias. O que os sujeitos nos dizem sobre a produção de si no contemporâneo? Somos atravessados por forças e fluxos de vida e de morte o tempo todo. Nesse processo muitas se desfazem e outras se constituem. Nesse diagramar de forças em constante movimento produzimos e somos produzidos pelo mundo em uma coemergência constante, delineando uma percepção deste, afetando e sendo afetado, configurando dessa forma os territórios-existenciais. Tais territórios mapeiam a zona de percepção do sujeito direcionando uma criação de sentidos a partir de cada nova afectação. Essa escrita então se propõe também a discorrer sobre uma produção de um corpo esgotado e seus desdobramentos no contexto de uma conjuntura neocapitalista (que diz respeito à nova dobra financeirizada do capitalismo) a partir dos autores, mas também usando vinhetas clínicas para elucidar experiências reais de um trabalho de escuta clínica que se via debruçado sobre narrativas que insistiam em se repetir no âmbito da clínica. É uma forma de trazer vivências que explanem o momento delicado que vivemos em relação à política, economia, relacionamentos e, conseqüentemente, constituindo adoecimentos psíquicos. É a isso que queremos estar atentos aqui, afinal quais afetações têm se constituído no contemporâneo? Que desejos tem se composto nessa dimensão? Que real se produz em um contexto de um novo capitalismo?

## 2. NEOLIBERALISMO COMO RACIONALIDADE

O indivíduo, a meu ver, está na encruzilhada de múltiplos componentes de subjetividade. Entre esses componentes alguns são inconscientes. Outros são mais do domínio do corpo, território no qual nos sentimos bem. Outras são mais do domínio daquilo que os sociólogos americanos chamam de “grupos primários” (o clã, o bando, a turma, etc.). Outros, ainda, são do domínio da produção de poder; situam-se em relação à lei, a polícia, etc. Minha hipótese é que existe também uma subjetividade ainda mais ampla; é o que chamamos de subjetividade capitalística.

Félix Guattari e Suely Rolnik (1996)

Esse trabalho nos exige destrinchar a problemática de um capitalismo contemporâneo no qual estamos inseridos. Afinal, entendemos como necessário nesse processo analisar de muito perto esse sistema para dizer dessa subjetividade capitalística que Guattari e Rolnik (1996) se debruçaram a analisar e descrever. Dizer sobre produção de adoecimento psíquico envolve destrinchar os contextos que nos atravessam. Contexto de um sistema econômico. Contextos de construções relacionais: sejam elas familiares, relações de trabalho, relações de território, nacionalidade, relações amorosas e relações econômicas. Comportamo-nos e, mais do que isso, nos compreendemos como parte de uma sociedade a partir desse emaranhado de atravessamentos que formam nossas subjetividades. Estamos sempre em fluxo, visto que essas dimensões que nos constituem se modificam constantemente ao mesmo tempo em que constituímos também os territórios ao nosso redor. Somos muitas coisas, ocupamos diferentes espaços, subjetivos ou físicos, porque somos constituídos a partir de muitas outras coisas, outros lugares, outros atravessamentos subjetivos.

No tecer dessa pesquisa, precisamos entender de qual fase do capitalismo estamos tratando justamente para especificar certos atravessamentos que faço menção. O que nos interessa nesta escrita é o neoliberalismo, mas o que isso quer dizer exatamente? E o que de fato conhecemos sobre neoliberalismo? Precisamos voltar um pouco na história para dar conta de que sistema econômico é esse que dita os jogos de poder e os atravessamentos econômicos e que, assim, termina por

construir nossas subjetividades contemporâneas. O que afinal chamamos de neoliberalismo, seus primórdios e dimensões é o que investigaremos neste capítulo.

O capitalismo se alimenta de suas contradições e crises, portanto conseguimos estabelecer nele fases. Nesse sentido então, o neoliberalismo se ambienta como uma nova modalidade do liberalismo, sólida e bem-sucedida. É a partir dessas crises que o sistema do capital pondera e faz ajustes necessários. A crise é compreendida como modo operacional de funcionamento, *crise* como modo de governo. Não há capitalismo sem elas. Nessa referência sobre o sistema é quase possível construir a ilusão de que o capitalismo seria como uma pessoa, que se senta e toma decisões sozinha, afetando a todos com uma simples decisão vinda de um só lugar. Seria muito simples se fosse assim. É todo um conjunto estrutural que faz a manutenção desse sistema na verdade. Mas a questão da manutenção de um sistema econômico advém justamente da perpetuação de um grupo que está permeado por ele mesmo, ou seja, mesmo que se passa o tempo, e os personagens se renovam, o sistema de poderes permanece a certos coletivos. O capitalismo se apresenta então como uma instituição.

Para nós, todavia, da Análise Institucional, instituição não é uma coisa observável, mas uma dinâmica contraditória construindo-se na (e em) história, ou tempo. Tempo pode ser, por exemplo, dez anos para a institucionalização de crianças deficientes ou dois mil anos para a institucionalização da Igreja Católica. O tempo, o social-histórico, é sempre primordial, pois tomamos instituição como dinamismo, movimento; jamais como imobilidade (LOURAU, 1993, p. 11).

Entender o capitalismo como instituição significa analisá-lo em sua “contradição na construção de um campo de coerência” (LOURAU, 1993, p. 27). É não determinar um único ponto de vista, afinal, ele está sempre se modificando e determina comportamentos e relações humanas em um tempo histórico que se inicia lá no século XV, com a decadência das relações do feudalismo. É justamente por isso que é preciso fazer uma análise histórica que traga a constituição desse sistema levando em conta uma linha de tempo mais extensa. Pierre Dardot e Christian Laval fazem uma análise sócio-histórica sobre a sociedade neoliberal contemporânea em sua obra “A nova razão do mundo” (2018), que muito nos interessa para partirmos a uma compreensão abrangente dessa modulação capitalística. Em seu livro, discorrem sobre a lógica capitalista descrita desde Marx até as representações políticas atuais

e suas formas de governo. Já no início eles nos alertam: o neoliberalismo é antes de tudo uma forma de racionalização.

O neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas referências arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

O neoliberalismo se apresenta como uma racionalidade justamente porque incide na produção subjetiva de quem governa e de quem é governado. O neoliberalismo estrutura e organiza gestões e comportamentos. Esse sistema é “plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17). Se faz preciso ir aos primórdios de seu funcionamento para entender o enraizamento das práticas capitalistas que até hoje habitam nosso inconsciente, como indivíduos e como sociedade.

## 2.1 A QUESTÃO LIBERAL

O liberalismo é um mundo de tensões. Sua unidade, desde o princípio, é problemática. O direito natural, a liberdade de comércio, a propriedade privada e as virtudes do equilíbrio do mercado são certamente alguns dos dogmas do pensamento liberal dominante em meados do século XIX. Modificar os princípios seria quebrar a máquina do progresso e romper o equilíbrio social.

Dardot e Laval (2016)

A ideia do liberalismo dominante em meados do século XIX, segundo Dardot e Laval, funcionava justamente por ser guiada por rígidos limites de funcionamento. O conceito de que as instituições como regulamentação do mercado, leis, economia, propriedade privada, trabalho, existiam em harmonia não pode ser sustentada. A ideia de uma mão invisível que rege o mercado, visto como um dos pilares de uma economia liberal, na verdade dizia de uma mão bem visível de um governo que precisava regular esse mercado para sobreviver. A ideia da não-intervenção do Estado na economia na verdade denunciou uma crise de

governamentalidade(FOUCAULT, 2008), pois o estabelecimento de uma regulamentação do Estado era extremamente necessário para proteger a propriedade privada e regular o mercado. Assim como ordenar os conflitos de classes, não considerados previamente como questão. E é nesse embate que a crise do liberalismo se instaura.

A própria ideia de um livre mercado não era possível de ser sustentada dentro de seu funcionamento. Desde o século XIX, passando pelo conflito da Primeira Guerra Mundial, até a grande depressão de 1929 — com a quebra da bolsa de valores — o liberalismo mostrou o seu lado menos estruturado naquele momento através de suas crises que sinalizam um sistema que não conseguia dar conta de sustentar uma ideologia com as demandas de seu funcionamento na prática. Dessa forma então, o liberalismo se viu limitado, era preciso dar espaço a outras performances de funcionamento. Menos estruturado também porque suas regulamentações responsáveis por regularizar o mercado, excluíram o papel do trabalhador como produtor imprescindível ao sistema e também como consumidor nessa engrenagem liberalista. Compreendemos hoje que o sistema de crises do capitalismo faz como que ele atualize seu jogo de forças de forma a continuar como sistema vigente, apesar de não solucionar aquilo que ocasiona uma crise.

Historicamente, em um momento de tensionamentos, o liberalismo se encontrou em uma disputa entre dois tipos de ideologia: um liberalismo que pregou por um ideal de bem estar comum ao coletivo e um liberalismo que possui a liberdade individual como lei absoluta. Interessante reforçarmos que, mesmo antes da fase de industrialização que mudará para sempre as relações de produção e trabalho, o liberalismo e seu livre comércio já não conseguiam se sustentar a partir das novas demandas do mercado que surgiram já na virada do século XIX para o XX.

Na realidade, o que se costuma chamar de “crise do liberalismo” é uma crise de governamentalidade liberal, segundo o termo de Michel Foucault, isto é, uma crise que apresenta essencialmente o problema prático da intervenção política em matéria econômica e social e o da justificação doutrinal dessa intervenção (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 38).

Outra questão disparadora da crise liberal muito importante: “todo um conjunto de tendências e realidades novas exigiram uma revisão a fundo da representação da economia e da política” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 39). A expansão da produção nas

indústrias, e do consumo, impulsionavam a economia em direção a necessidade de mudanças constantes na política, governo e relações comerciais.

Havia um embate constante no campo dos liberais a respeito de qual seria ou não o papel de um governo na garantia ou não de uma seguridade social. O liberalismo se sustentava a partir, principalmente, da defesa da propriedade privada e dos direitos do comércio e ele precisava regulamentar tudo isso. Alguns economistas defendiam que deveria haver uma assistência social mínima, para que a população periférica e detentora da força de trabalho (que lotava as novas indústrias) tivesse condições básicas para que continuassem a produzir (DARDOT; LAVAL, 2016). E existia um lado que defendia que caso o sujeito não trabalhasse, então não deveria usufruir de uma produção coletiva, logo, ele não deveria ser questão do Estado.

É sabido que, no fim dos anos 1870 e início dos 1880, a Europa começou de fato a regulamentar leis sobre as condições de trabalho, como limitação de jornada diária, legislação sobre trabalho infantil, direito a greve, aposentadoria e etc. de forma a estabelecer o mínimo necessário, sabemos que não por bondade ou caridade, era uma resposta de uma gestão liberal às lutas sociais, uma tentativa de lidar com a miséria e a possível perda de mão de obra. Vale dizer que o estabelecimento de leis trabalhistas nesse momento não chegou nem perto de resolver as desordens sociais da época. Passemos então para o momento da Primeira Guerra Mundial:

A Primeira Guerra Mundial e as crises que vieram depois dela aceleraram uma revisão geral dos dogmas liberais do século XIX. O que fazer com as velhas imagens idealizadas da livre troca, quando todo o equilíbrio social e econômico parece abalado? As repetidas crises econômicas, os fenômenos especulativos e as desordens sociais e políticas revelavam a fragilidade das democracias liberais. O período de crises múltiplas gerava uma ampla desconfiança em relação a uma doutrina econômica que pregava liberdade total aos atores no mercado. O *laissez-faire* foi considerado ultrapassado, até mesmo no campo dos que reivindicavam o liberalismo (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 57).

No deslocamento de forças que o jogo de poder exigiu nesse momento, as leis trabalhistas foram regulamentadas para continuar assegurando uma proteção do que era privado, inclusive a produção. Mas a questão desse momento é que tamanho deslocamento carregava consigo muitas outras práticas que não parecem visíveis, os mecanismos de poder invisíveis que agiram são os que mais nos

interessam nessa jornada. Estamos falando da construção de uma política que construirá um sistema neoliberal, que pelo nome já compreendemos como um novo liberalismo, uma forma atualizada do sistema, mas que ganhará uma roupagem muito valiosa: a ideia de uma liberdade plena.

Desde *Vigiar e punir*, Foucault havia começado a mostrar que, em uma sociedade liberal, o poder estava longe de se resumir às instituições disciplinares [...] o poder tem outras ferramentas, além de repressão, para dirigir a marcha dos indivíduos (LAVAL, 2020, p. 39).

O neoliberalismo surge como uma nova fase do liberalismo, mas não igual ou repetitiva, mas como uma tentativa de se renovar. A questão de ser chamado de *neoliberalismo* se dá justamente porque ele ganhou dimensões singulares. Singularidades que mudaram as relações estabelecidas até então. Quando as representações se movimentam, as subjetividades se movimentam junto. Isso significa que a compreensão do significado e valor de uma diversidade de elementos necessários à vida humana, desde território, moradia, alimentação, cultura, educação, saúde, governo, até as leis que os regem e etc., também se deslocam.

O grande paradoxo do neoliberalismo que Foucault nos traz à luz, é a possibilidade de conciliar um governo, cujo principal orientação é se limitar em suas intervenções, com uma política que atravessa todas as dimensões da vida de uma população, suas subjetividades, ideologias. Como pode um governo que deve se restringir, se fazer presente de forma generalizada nas ações cotidianas e escolhas de uma população inteira? Segundo Laval: “esse paradoxo aparente é o ponto de partida de sua investigação.” (LAVAL, 2016, p. 49). E a partir disso, o autor buscou entender o que o Foucault entendia por liberalismo.

Foucault toma o liberalismo como objeto bastante tardiamente (Bonnafous-Boucher, 2004), estudado sob dois ângulos: como prática ou arte de governo, que supõe tecnologia e dispositivos particulares, e como reflexão sobre o exercício do governo. Para Foucault, o que importa analisar é a articulação entre os enunciados e as práticas (LAVAL, 2016, p. 50).

Para compreendermos melhor como esse território é constituído, Laval destaca, a partir de Foucault, as duas escolas que formaram as ressonâncias do neoliberalismo atual: o ordoliberalismo da Escola de Friburgo, tendo como expoente o economista Walter Eucken, e o neoliberalismo estadunidense da Escola de Chicago,

localizado principalmente nos trabalhos de Gary Becker, e imensamente difundido e discutido nos dias atuais.

É no ordoliberalismo alemão que Foucault localiza as dimensões do neoliberalismo contemporâneo a ele. Retornando ao ordoliberalismo, compreendemos que a grande virada dele foi regular o Estado a partir do mercado e não o contrário. Nesse sistema o mercado é o grande foco, o grande regulador das instituições e, portanto um Estado deveria ser constituído para se encaixar em suas necessidades e princípios. Aqui mora a grande novidade desse liberalismo: “segundo a lógica ordoliberal, se o mercado é o fundamental do Estado, é também o efeito do Estado” (LAVAL, 2020, p. 64). Para além de uma regulação do mercado, essa lógica ordoliberal compreendeu que era necessária uma política para a sociedade, visto que “se o Estado extrai sua legitimidade do crescimento e do bem-estar, ele tem a responsabilidade de assegurar o bom funcionamento do mercado [...]” (LAVAL, 2020, p. 64). Em nenhum momento aqui se compreende políticas públicas sociais que ajudem a camadas marginalizadas criadas por esse sistema, mas sim como uma política de sociedade cujo objetivo fosse proteger e defender a lógica concorrencial e suas possíveis contradições, uma política que responsabilizasse as instituições e também defendesse o consumo e os consumidores. O neoliberalismo aqui é compreendido como reflexo de uma política bem organizada que amarraria pontas soltas necessárias ao seu funcionamento.

A Escola de Chicago traz nuances mais ousadas e perspicazes: “para Foucault — e sem que ele julgue necessário demonstrá-lo em detalhe — o “anarcocapitalismo” estadunidense quer realizar aquilo que o ordoliberalismo não esteve à altura de conseguir: uma “política social privatizada”, isto é, fundada na privatização dos mecanismos de seguridade social”. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 67). Essa grande diferenciação do pensamento americano consiste em priorizar e favorecer “as técnicas de capitalização em detrimento dos mecanismos de redistribuição entre grupos sociais” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 67). O objetivo aqui é maximizar o funcionamento do mercado, e não proteger as desigualdades que ele criará; mas proteger as poupanças privadas. Enfim, as ações sobre a sociedade são para conservar o necessário ambiente de concorrência e fazer com que os indivíduos se adaptem a esse sistema. Podemos compreender aqui de forma bem resumida como a base da lógica capitalista com a qual lidamos hoje é responsável por nossas

construções subjetivas, pois políticas foram feitas de modo a impactar completamente a vida do trabalhador, não apenas dentro dos ambientes do trabalho mas fora dela também. Se o Estado regulamenta poupanças, ele interfere diretamente sob as transições de trabalho, de comércio, relações entre os trabalhadores, com seus patrões, relações familiares e etc. Toda uma estrutura se molda a partir do que esse Estado está determinando como importante na sociedade. A partir dessa mesma lógica é estabelecido o dispositivo da competitividade como centro dessa sociedade, pois possuiu mais valor quem detém mais bens. E nessa ideia de uma sociedade concorrencial é preciso pensar qual subjetividade é mais adequada para se destacar.

Na realidade, a novidade reside antes da ideia de que é possível considerar a subjetividade humana como decorrente da lógica da acumulação capitalística, e isso graças ao conceito central de “capital humano”, proposto por Theodore Schultz e Gary Becker. O trabalhador é identificado por um capital de competências que lhe confere fluxos de renda. Subjetivamente, o indivíduo não é mais visto como uma força de trabalho com um preço de mercado — como era o caso na economia clássica de Marx —, mas como uma empresa que deve ser gerida segundo uma racionalidade específica (LAVAL, 2020, p. 68).

O conceito de capital humano reduz o trabalhador a um dispositivo cumpridor de funções. À ele é estabelecido um valor ao qual ele se lança ao mercado. O trabalhador em si é o produto a ser negociado. Sua força de trabalho é medida constantemente, avaliada, exigida. Retira-se da dimensão humana o que é mais próprio dela: sua capacidade de criar possibilidades para si e para seu coletivo de formas diversas e potentes de vida. Isso ocorre porque no final será ensinado socialmente que seu valor é dado a partir do salário que recebe; um valor precificado mesmo. A realidade do capital humano compõe padrões sociais a serem alcançados, fazendo uma manutenção de um funcionamento social ideal, de um sujeito ideal, é nessa dimensão que surge a ideia do indivíduo como empresa. Essa ideia do indivíduo como empresa, um “empresário de si mesmo” segundo Foucault (2014), nos transporta a uma análise que ultrapassa os parâmetros econômicos e indica uma gestão dos comportamentos humanos.

## 2.2 A QUESTÃO DA LIBERDADE

O neoliberalismo se apresenta então como um “novo regime de poder”, como “a nova forma da existência”. O que Dardot e Laval nos apresentam é que, para além de apenas um direcionamento em políticas econômicas, como muitos liberais gostam de enfatizar, o neoliberalismo é na verdade um novo produtor e modulador de subjetividades. Muito astuto e perspicaz, o neoliberalismo produz subjetividades úteis para seu próprio funcionamento, às vezes em tons mais afirmativos e escancarados e às vezes com jogos de poder que parecem sutis.

A tese defendida por esta obra é precisamente que o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

Laval prossegue sua análise nos sinalizando que a natureza do funcionamento de um governo liberal estava de fato atrelada aos “[...] direitos e a racionalidades dos próprios governados” (LAVAL, 2020, p. 50). Aqui retornamos à importante questão sobre governar a partir dos conceitos de uma segurança rígida e de uma liberdade ilimitada. A liberdade já não é mais compreendida como natural, ela é afirmada como um projeto de intervenção política.

Essa produção ativa de liberdade, ao mesmo tempo assegurada e vigiada, absolutamente necessária ao funcionamento de uma economia de mercado, tem sua própria lógica e efeitos perversos, já que organizar a liberdade, ou, como disse Foucault, “consumir a liberdade”, significa também que é preciso constranger, controlar, vigiar, ou seja, impor “custos” e, igualmente, limitar as liberdades. Ora, são essas intervenções que provocam “crises do liberalismo” ou crises da “governamentalidade liberal”. De fato, o “menor governo”, para funcionar, requer governo, muito governo (LAVAL, 2016, p. 52).

Se antes havia uma regulamentação sobre as formas de a indústria agir, dos trabalhadores agirem, até regulamentação sobre a existência da mendicância, a virada para uma nova tecnologia do poder passará por processos de normalização e controle mais sutis. Compreenderemos o sujeito liberal como um sujeito pleno de sua “liberdade”: “No liberalismo, deve-se entender a liberdade de duas maneiras inseparáveis: uma mentira ideológica e uma técnica de governo dos homens” (LAVAL, 2020, p. 54)

A liberdade é quase um artigo de luxo, desejado constantemente por todos os tipos de sujeitos sociais, mas parece que apenas poucos o possuem, afinal, o que se deseja quando se pede por liberdade? Seria possível citar os movimentos sociais e o texto prolongar-se-ia por longas páginas a partir do direito legal a um casamento com pessoas do mesmo sexo ou o direito à adoção por um casal gay, poderia dizer, também, sobre os direitos que a constituição brasileira de 1988 promulga sobre o direito de ir e vir, direito ao respeito e igualdade de tratamento independente de sua cor, classe social ou gênero. Enfim, seria possível evocar neste texto o fato de que vários direitos nesse país não são cumpridos, justamente para provar que a liberdade não é de fato algo ao alcance de todos, o tempo todo. Pois liberdade diz sobre ter os direitos garantidos também, mas além desse tópico importante, o que interessa a esta pesquisa, como dispositivo do neoliberalismo, é outro tipo de liberdade, que a princípio não ligaremos a uma regulamentação de leis constitucionais. O jogo da liberdade ao qual Laval (2020), bem como outros autores citados aqui, refere-se a um jogo de produção de subjetividades. Compreendida não mais como natural, a liberdade se torna responsabilidade de cada sujeito. Ele, por sua vez, cria e rege sua liberdade, aparecerá como o único responsável pela gestão de seus direitos e deveres. Esse é um ponto fundamental ao funcionamento neoliberal, pois essa ideia de liberdade culminará em uma valorização dos interesses individuais, fazendo a manutenção da livre concorrência.

### 2.3 A QUESTÃO DA LIVRE CONCORRÊNCIA

A livre concorrência se desdobra necessariamente em competitividade e essa, por sua vez, se transforma em cobranças pessoais, individualização, sensação de não pertencimento, baixa autoestima, adoecimento psíquico, porém, alimentando a engrenagem exigente e produtivista do capitalismo. Essa exigência de ser produtivo, de *ter* uma utilidade, vai distorcer as próprias possibilidades subjetivas de cada um, não apenas porque a exigência de um produtivismo 24/7, que consiste em uma produção que não cessa nem enquanto dormimos (CRARY, 2016), configura sujeitos esgotados, mas também porque lança mão da comparação enquanto mecanismo de poder e de dominação uns sobre os outros. A comparação se torna um dispositivo de valoração de cada um. O ponto de medida pela qual aceitamos passar inclusive,

pois se apresenta como algo já instituído em nossa organização social no sentido em que se apresenta por vezes vantagem do uso dessa ferramenta, seja para entender um lugar de sucesso e privilégio, seja para se punir, por exemplo. Enfim, a comparação produzida pela competitividade parece não ser mais possível de se descolar do sujeito neoliberal contemporâneo.

Enquanto princípio geral de governo, a competitividade representa precisamente a extensão da norma neoliberal a todos os países, a todos os setores da ação pública, a todos os domínios da vida social [...] sob o pretexto de tornar a oferta mais “competitiva”, e à concorrência entre os assalariados dos países europeus e dos outros países do mundo, o que acarreta deflação salarial e desigualdades crescentes (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 29).

Outro princípio regulador do sistema capitalista é a ideia de livre concorrência do mercado, presente desde seus primórdios como bem nos sinaliza o pensamento do economista do século XVIII Adam Smith. O que também nos é sinalizado aqui é como os termos pertencentes à economia começam a fazer parte do cotidiano para dizer sobre o comportamento humano. Na verdade, o que nos aponta Vladimir Safatle (2021) com a concepção do livro: “Neoliberalismo como gestão psíquica”, é que devemos analisar como a economia tem se apropriado de termos vindo da filosofia moral para falar de seus processos, e não o contrário. Isso não acontece à toa. Na análise sobre o neoliberalismo descrito no livro: “Neoliberalismo como gestão psíquica” (DUNKER; JUNIOR; SAFATLE, 2021) os autores nos apontam esse e outros fenômenos como essenciais ao contexto liberal e depois neoliberal. Os autores atentam sobre como a disseminação do uso de termos advindos da psicologia, por economistas (por exemplo), para descrever os sujeitos que no mercado financeiro, seus comportamentos etc., nos apontam o completo atravessamento do funcionamento de uma economia sob nossa produção de desejos.

No entanto, pelo fato da subjetividade estar reduzida ao sujeito, o desejo tende a desviar tal potência de seu destino ético, na esperança de lhe garantir sua suposta estabilidade e sua sensação de pertencimento. Com isso, o que se gera nesse processo são formas de existência das quais se extrai livremente capital econômico, político e cultural. É, portanto, por meios das ações do próprio desejo que a subjetividade alimentará a acumulação de capital e seu poder, oferecendo-se gozosamente ao “sacrifício”— como a trabalhadora do sexo que, enquanto não cai a ficha, se oferece ao cafetão na esperança de que este lhe garanta não só a sobrevivência, mas o próprio direito de existir (ROLNIK, 2019, p. 78).

Nesse trecho retirado da obra: “Esferas da insurreição” (2019), Suely Rolnik traz o conceito de vida cafetinada para dizer sobre esse “sacrifício” de bom grado, uma exploração tolerada, que a autora exemplifica a partir da ideia de uma trabalhadora do sexo e a relação de poder com seu cafetão. Não apenas diz de uma transição econômica, mas da necessidade mais urgente como seres humanos de possuir o direito de existir, como nos trouxe o trecho acima; ser autorizado a *ser* e habitar os espaços como todo mundo. Aqui o dispositivo da liberdade é fundamental, pois o neoliberalismo compreende tudo como liberdade, cada um faz suas escolhas, cada um gere sua própria vida, em uma ideia de que escolhemos o nosso próprio destino, nos perdemos de uma imposição nada livre desse poder e nos tornamos extremamente funcionais para ele quando nos compreendemos como empresas. Mas o que isso quer dizer?

O poder do governo neoliberal gira ao redor da lei absoluta que preza pela liberdade dos interesses individuais. Não é possível uma economia capitalista sem governo de uma sociedade. Aqui nos é elucidado a importância de uma sociedade subjetivada a partir de sua economia, os hábitos de um dispositivo (leis sociais) precisam ecoar no outro dispositivo (economia) para de fato abranger uma lógica absoluta de funcionamento. O que Foucault (2014) nos trouxe em seu estudo sobre biopolítica e que Laval (2020) prossegue em seu estudo sobre o neoliberalismo é como a liberdade é compreendida como uma tecnologia de poder. A partir disso, compreendemos a liberdade não como processo de escolha individual, mas como dispositivo de controle. O grande truque é produzir sujeitos supostamente donos de si, desejosos de liberdade e dispostos a se responsabilizar por suas decisões. Ora, não seria isso que um terapeuta também buscaria como objetivo? Um sujeito autônomo? Seguro de si? Aqui distinguiremos ambos os sujeitos.

O sujeito “autônomo” criado pelo neoliberalismo possui uma falsa sensação de liberdade, pois se sente em um lugar de falso controle, afinal ele compreende sua trajetória de vida, seus esforços, o emprego que conseguiu (ou deixou de conseguir), tudo como mérito ou demérito solitário. Uma ideia de que todas essas escolhas que são apenas dele, nada e ninguém interferiu nisso, afinal, ele chegou lá sozinho. Essa ideia de sujeito está alinhada com a ideia de uma empresa a ser promovida: o empreendedor de si. Ele passa a gerir sua vida, em todas as suas dimensões, como um plano de metas a ser batido e vê em seu sucesso um sinal de que cumpriu o que

prometeu para si. Nesse cenário que descrevo, partindo da ideia da subjetividade como algo fundamental para o funcionamento da sociedade capitalista, duas tensões encontram vazão: uma é o controle sobre a produção e a outra, a necessidade de uma autonomia individual. Com o sujeito se compreendendo como único responsável pelo seu fracasso ou sucesso, a meritocracia ganha força e os sujeitos se cobrarão sem a necessidade da intervenção de um Estado, ao mesmo tempo em que este é desresponsabilizado por qualquer coisa que dê errado no processo.

Ora, a arte liberal consiste essencialmente em garantir que os indivíduos sejam incitados a perseguir seus interesses, a produzir riquezas úteis para si e para os outros e, por meio delas, produzir sua felicidade, minimizando tanto quanto possível as inevitáveis perdas de liberdade que decorrem dessa maximização enquanto ação pública (LAVAL, 2020, p. 58).

O autor compreende a liberdade no contexto liberal e neoliberal como artificial, criada e entendida como dispositivo de controle. O fato de a liberdade estar sempre associada com a questão da segurança é outro fator que consolida essa ideia, porque a partir dessa associação é que tais realidades podem ser criadas e dimensionadas da melhor forma que se deseja conduzir o medo de uma população, por exemplo.

Portanto, a segurança consiste no modo de conformar um espaço, de dispor as coisas, de apresentar à sensibilidade e à inteligência objetos atraentes e benéficos. É pelo interesse naquilo que está disponível, ao mesmo tempo acessível e legítimo, que se forma o indivíduo (LAVAL, 2020, p. 60).

Se o sujeito neoliberal é constituído a partir de certa ideia de liberdade, aqui é importante retornarmos ao sujeito como “empresário de si mesmo”. A liberdade se desenha por desejos, e nada mais prático de que obter um sujeito que deseja maximizar todas as dimensões de sua vida:

Consumo, educação, saúde, amor, casamento, imigração, fecundidade, criminalidade. Todas as atividades e todas as instituições, inclusive a família são assimiláveis ao funcionamento de uma empresa, devendo combinar *inputs* escassos (tempo) e dispendiosos (aquisições), tendo em vista *outputs* específicos (LAVAL, 2020, p. 69).

O sujeito no neoliberal é esse ser que deseja a maior produtividade em todas as áreas da vida. Ele aceitará o trabalho com menor salário, por exemplo, em uma

lógica de investimento de esforço visando um ganho futuro, um investimento a longo prazo que traga uma ideia de oportunidade e uma falsa sensação de pertencimento ao um concorrido espaço no mercado de trabalho. Somos na verdade absorvidos por uma racionalização cada vez mais individual que vai pesar perdas e ganhos quase como um investidor mede como investir na ação que renderá mais lucro no mercado da bolsa de valores.

Nessa lógica financeirizada individual, a imagem do coletivo se esvazia para dar lugar aos desejos individualistas visando sempre mais ganhos para si, causando uma distorção de valores. Ao falar em “distorção” não temos nenhum interesse de passar por ideais morais rasas sobre conceitos como certo e errado. O que trazemos sobre distorção de valores representa a própria ideia neoliberal de que sempre se é possível ganhar, não apenas possível como fundamental que se ganhe, e que ganhe para si: “O homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial” (DARDOT; LAVAL, 2016,). O homem neoliberal não suporta perder nada.

Ora, mas veja só, para ganhar na vida é preciso perder já nos ensinou o estudo psicanalítico. Essa é a lógica que o capitalismo sempre tenta fazer escapar, usando muitos dispositivos para encantar qualquer olhar dissidente, como quem diz que nunca é preciso perder. Nesse caminho em que nada se perde, a lógica parece dizer que as coisas poderiam então se acumular. O neoliberalismo quer constituir uma ideia de o que se acumula são bens materiais, mas a partir do estudo traçado até então e da experiência da clínica é possível compreender que se acumulam bagagens de outra ordem também. Com a lógica da comparação pairando sobre todos nós, não é difícil percebermos que os indivíduos sociais tendem a medir seu valor e sucesso em relação à vida de seus iguais. Aqui encontramos outra questão: será que a comparação é feita entre nossos “iguais”? Em uma lógica concorrencial, quem possui mais recursos sai na frente, e por muitas vezes continua na frente justamente porque tiveram acesso a mais oportunidades. A lógica da comparação é sempre deslocada de uma realidade. O sujeito no neoliberalismo sempre se vê atrás dos outros, afetando sua autoestima.

O sujeito do neoliberalismo é necessariamente o sujeito que pode ser governado, ou seja, o sujeito neoliberal guiará suas ações a partir das regras que regem seu meio e

o mercado com o objetivo de produzir para si o máximo de satisfação. Tanto o sujeito quanto o mercado sempre desejam uma produtividade maior. A ideia do sujeito neoliberal como empresa, trazido pelo economista da escola de Chicago Gary Becker (DARDOT; LAVAL, 2016), é justamente esse sujeito a ser conduzido a monetizar seus recursos.

Governar à maneira neoliberal é agir sobre o meio de forma que o indivíduo aí evolua, em respeito às regras que regem esse meio e respondendo às incitações que tal meio produz na direção do crescimento de seu capital. No interior de certo espaço de regras e incitações, o indivíduo é perfeitamente livre para agir como pretende, para manifestar as preferências que queira, mas deve, sobretudo, “capitalizar” seus próprios recursos (LAVAL, 2020, p. 80).

Destacaria novamente que a possibilidade de sempre manifestar as preferências está cercada pela limitação de um espaço de regras. É possível ser livre, desde que dentro das linhas que foram desenhadas para cada um. Porque justamente essas linhas mudam conforme classe social, gênero, sexualidade, etnia, etc. Nem todo mundo participa da mesma corrida. Alguns são orientados a não chegarem nem perto da pista. O autor continua:

O meio que melhor desenvolve as incitações à capitalização é o mercado concorrencial. A política neoliberal consiste, então, em criar e sustentar uma ordem concorrencial na qual os sujeitos serão colocados e à qual devem se adaptar, funcionando como empresas, ou seja, como unidades de capitalização privada (LAVAL, 2020, p. 80).

A partir desse termo compreendemos os indivíduos sociais como ativos em um mercado financeiro. E ativos, na linguagem do mercado financeiro, precisam apresentar rendimentos a seus acionistas. Nesse sentido o sujeito neoliberal é “[...] aquele que se adapta à realidade para maximizar seus ganhos” (LAVAL, 2020, p. 80). A partir dessa lógica, o sujeito neoliberal se apresenta então como único responsável por maximizar seus ganhos, logo, também será o único responsável pelas suas perdas. É dessa forma que os comportamentos vão sendo redefinidos e forçados a partir dessa construção dos ambientes sociais. Pois “a perspectiva do mercado torna-se o filtro pelo qual os neoliberais avaliam a atividade governamental e a legislação” (LAVAL, 2020, p. 75). Se a partir da perspectiva do mercado será avaliada a construção de leis e gestão governamental, podemos concluir a força que isso tem na constituição de desejos nos comportamentos humanos. O grande

desafio é tentar construir rupturas nessa lógica, pois ela é insistente, ela vai reger todas as dimensões da vida. Importante lembrar que essa dimensão não abrange apenas nossas pequenas redes, falamos aqui de relações de trabalho e produção em grande escala, em um contexto global. E como ela regula tudo isso? Através da concorrência e da competição. E, a partir disso, cada realidade localizada no mapa, a partir de suas singularidades, produzirá uma construção subjetiva de um sujeito ideal para aquele território.

O mecanismo de adaptação e de reação às variáveis ambientais supõe “técnicas comportamentais”. É assim que, no campo econômico, podem se integrar práticas, técnicas e discursos psicológicos, do behaviorismo às neurociências atuais. A nova forma de normalização pode se articular finamente nas empresas, administrações e em toda a sociedade com técnicas que não são mais “disciplinares”, no sentido em que Foucault as descrevera no início dos anos 1970, mas de regulação, controle, avaliação e, sobretudo, de incitação e estímulo. Essa racionalidade neoliberal contém um princípio de ilimitação (LAVAL, 2020, p. 81).

Essa é uma parte fundamental para continuarmos nossa análise. De fato não vivemos mais na sociedade controle exatamente como Foucault descreveu em “Vigiar e Punir” (2014), mas o controle ainda persiste, não mais por uma lógica hierarquizada, ou até por um esquema mais preciso, porque podemos ser controlados por qualquer um ao mesmo tempo em que também exercemos o controle sob os outros. A concorrência traz esse fator às relações. O governo não precisa mais instituir constantemente regras novas, pois o próprio indivíduo na sociedade do biopoder exerce esse papel sobre sua família, com seu companheiro, vizinho, colega de trabalho, etc. Isso não significa que não há um atravessamento de poder normalizador em tudo isso, mas ele não precisa se armar dos mesmos dispositivos antigos de controle. Hoje, a partir do estabelecimento de certos padrões sociais “aceitáveis”, criam-se sujeitos desejanter desses modelos, que, portanto, direcionarão sua potência de vida e criação ao encontro com esses ideais de sujeitos.

Essa lógica constitui um perigoso ideal de ilimitação. A ideia de que tudo se pode ter, a qualquer hora, como se tudo estivesse ao alcance o tempo inteiro é o que constrói a falsa sensação de liberdade já citada neste capítulo. A liberdade é uma instituição muito importante no neoliberalismo, mesmo que funcione de fato apenas como uma ideia. Na verdade, não é preciso mais do que isso, pois essa idealização viverá nas

produções subjetivas, movimentando os desejos. Veja bem, o próprio conceito de que ser livre é fazer qualquer coisa que se deseja é de uma superficialidade que representaria uma pujante falta de análise da dinâmica social. Poderíamos apenas dizer que é apenas egoísta, mas realmente é uma falta de noção a respeito do coletivo, e isso é um prato cheio para o neoliberalismo, pois essas idealizações fazem com que os indivíduos ajam de forma individual, se responsabilizando por suas conquistas e por seus infortúnios, poupando o sistema econômico de qualquer necessidade intervencionista por parte, por exemplo, do Estado. Ou sem conseguir questionar ou problematizar comportamentos de tão naturalizados que se tornam. E para, além disso, possibilita aos sujeitos momentos de gozo extremo, reforçando mais uma vez o comportamento de um sujeito que não lida com suas faltas, pois pode sempre estar entretido; o sujeito neoliberal deseja o gozo eterno.

## 2.4 NEOLIBERALISMO NA CLÍNICA

*“Não consigo chegar onde quero porque sou ruim, preciso ser melhor”  
(Vinheta clínica 1).*

A escuta na clínica é um lugar sempre de muita potência, pois captura nos sujeitos, e com eles, esse tempo contemporâneo e suas nuances sentidas nas peles dos pacientes. Essa primeira vinheta clínica trazida aqui enuncia uma máxima dos sujeitos desejantes de liberdade e ainda assim presos completamente nas armadilhas em que se encontram. Narrativa recorrente na prática como psicóloga clínica. De forma alguma cabe ao psicólogo clínico dizer palavras motivacionais vazias que até poderiam direcionar o paciente para uma mudança de comportamento durante um ou dois dias seguidos. O trabalho no encontro com o paciente aqui é fortalecer a elaboração, dar lugar a ela primeiramente, fazer o sujeito de exaurir de sua lamentação, se escutar, e fortalecer a construção de um território onde ele compreenda a constituição de seu mal-estar. Trabalho árduo! Não cabe na clínica aulas de nomes técnicos que permeiam o campo de um *psi*, falamos de uma possibilidade de nomear o que se sente, de entender-se como parte importante do processo. Dar nomes é de certa forma elaborar o cenário ao qual se está inserido e

entender porque ele está desenhado dessa forma, quais são os elementos envolvidos. O motivo de se desejar o que se deseja. Não é problema desejar mais, almejar outros lugares, outros trabalhos, mas a questão sempre deve ser: isso servirá para quê? A quem? E como? Qual o papel do analisando no meio dessa lógica competitiva? Qual o papel do psicólogo nesta mesma lógica? Estamos “a serviço do” paciente ou do sistema que nos entremeia? Esse é um processo que leva tempo. Tempo é outro dispositivo que parece ser capturado constantemente. Parece nunca haver tempo, como se não houvesse espaço para refletir ou construir decisões. Isso não acontece à toa. Laval fala de uma “uma sociedade inteiramente regida pela maximização do capital humano” (LAVAL, 2020, p. 81) e continua:

Tal sociedade de ausência generalizada de limites não é não governamentalizada: é uma sociedade saturada de governamentalidade neoliberal. Por fim, é a noção de *meio* que dá coerência à racionalidade neoliberal e permite apreender a maneira pela qual ela levanta o desafio de uma extensão ilimitada de mecanismos reguladores das condutas (LAVAL, 2020, p. 82).

O neoliberalismo funciona a partir de uma lógica coerente que alimenta seu funcionamento. De outra forma, seria pouco possível que se sustentasse com as mudanças drásticas de comportamentos e valores que aconteceram e acontecem ao longo do tempo ao longo das gerações. A principal estratégia do neoliberalismo é intervir diretamente na produção do sistema de valores que rege a sociedade. Dessa forma, a sociedade se adapta tal qual uma engrenagem que mantém essa maximização do capital humano. Esse é o norteador da subjetividade neoliberal. Logo, intervir na construção de valores do social quer dizer modular a produção subjetiva.

A constituição do desejo não deve ser confundida com a vontade de consumir. Porque isso se faz pertinente nesta discussão? Porque parece que de certa forma, chegamos a esse tipo de compreensão que habita a torção confusa com a qual o neoliberalismo se alimenta constantemente: o *ter* substitui o *ser*. Consumir um produto inaugura-se como o acoplamento de um novo traço de personalidade: você pode ser mais divertido, atualizado, intelectual, dentre outros tantos atributos valorizáveis. Basta um simples kit de compras em um carrinho de um site qualquer. É o *prêt-à-porter* da produção subjetiva já detalhada por Rolnik (2019).

*“Eu fico roubando a personalidade dos outros”*

(Vinheta clínica 2).

É vendido no capitalismo a ideia de que cada um pode adquirir características através do que compra, mas, além disso, hoje, é apenas palpável tais características se você as exibir constantemente na vitrine das mídias sociais. A vinheta clínica acima traz esse recorte de forma bem evidente. É o momento que a paciente se dá conta desse lugar que ela está ocupando em seu processo analítico. Pode parecer um lugar indesejado de se assumir estar, mas me parece que com essa lógica *prêt-à-porter* de personalidades (Rolnik, 1996) é o lugar onde não se precisa permanecer. Afinal, não é preciso persistir nesse lugar, caso ele anuncie qualquer necessidade de elaborações profundas ou angústias no horizonte, logo se pode escolher usufruir de outra personalidade. A ideia de ser outra coisa se torna sedutora. O paciente que narra a vinheta atrela mudanças em sua personalidade ao consumo. Como? Pretende ser organizada?! Então compra muitos acessórios de organização em uma papelaria. Quer ser uma leitora ávida?! Rapidamente encomenda dez livros em algum site qualquer, que no final do dia apenas ganharão poeira nas prateleiras. O sujeito em questão usa do dispositivo do consumo, por entender ser a forma mais rápida de se sentir conectada aos seus desejos. Como se, de alguma forma, isso fosse funcionar como um disparador.

Há uma intenção real de que as coisas mudem, mas não há a sustentação dessa mudança de fato. As próprias redes sociais funcionam como um dispositivo onde qualquer decisão ou mudança para que ocorre feito um passe de mágica, sem muitas dificuldades. Isso traz superficialidade e frustração. Cada vez mais pessoas jovens se vêem adoecidas por desejarem algo e ao se encontrarem com aquilo se frustrarem por não cumprir a suas expectativas. E, de repente, não sabem o que fazer com aquilo que desejaram, e onde imaginaram que tudo seria mais fácil. Geralmente o que a gente mais deseja acaba nos levando justamente a um lugar onde nos encontramos sempre conflitantes, desconfortáveis, quase se luta contra. Desejo é sempre algo difícil de topar. É preciso criar um corpo que sustente esse desejo. O desejo é fluído e constituído por forças produtivas a favor e forças

produtivas contra. Ao mesmo tempo em que se deseja conseguir algo, também se deseja não conseguir. A partir dessa disparidade, constitui-se muita angústia.

Importante ressaltar a angústia real que atravessa a narrativa acima, pois é algo que passa por todo um âmbito dos pacientes dentro da clínica psicológica, mas também é muito fácil de identificar ao nosso redor. O neoliberalismo promete que se pode ser qualquer coisa, concepção extraída a partir da ideia de uma liberdade trazida neste texto através do Laval (2020). Entretanto, a realidade dessa promessa é se deparar com a impossibilidade desse ideal, já que a ideia dessa liberdade diz de personalidades superficiais, como se pudessem ser facilmente trocadas. É possível então ser muitas coisas desde que não se aprofunde ou permaneça nelas. Até porque essa rotatividade de desejos gera uma grande movimentação financeira que pode ser lucrativa, e mesmo quando não é logo há a possibilidade de ser outra coisa. Como é desejar ser autêntico nos dias de hoje?

A insurgência da internet como conhecemos hoje, em seu uso constante, em sua dimensão global, trouxe novas dimensões aos moldes competitivos do neoliberalismo. Com a exposição constante das vidas, nunca foi tão fácil de entender a ideia do sujeito como uma empresa a se apresentar. O empreendedor de si agora expõe a hora em que acorda, como se alimenta, mostra o seu estilo de vida que pode ser acompanhado de forma instantânea como em um reality show. O fato desse tipo de exposição ser monetizado e ter transformado as nossas vitrines particulares em negócios milionários não é surpresa. Se o sistema neoliberal captura e produz subjetividades, nada melhor que ter a possibilidade de expô-las o tempo todo e aparentemente sem nenhum esforço, visto que se cria um desejo por aparecer nesse meio.

*“Parece que as coisas só viram reais quando postadas”*

(Vinheta clínica 3).

Ser visto é sinônimo de não ser esquecido, logo, esse será o esforço da geração conectada do século XXI. O grande truque, nada novo, que está por detrás disso é que tudo tem um prazo de validade curto. A notícia fresca dessa semana será rapidamente esquecida pela novidade que surgirá na semana que vem. Em tempos de consumo excessivo, é possível consumir também pessoas. Não que isso seja uma novidade na história da humanidade, mas parece haver um desejo de se exibir

para o outro, dar significado a recortes da sua existência a partir de uma audiência online. Se sou o que mostro, selecionar o que vai ser exposto oferece certo controle que, por vezes, mascara ao que tudo isso está servindo. Isto é, um semblante que esconde uma lógica de aumento do capital humano. Na rapidez com que as informações são transmitidas, esquece-se de algo fundamental para a construção de um cuidado de si: a elaboração.

*“Por mais que eu queira, não consigo me aprofundar”*

(Vinheta clínica 4).

Nessa vinheta clínica, a paciente em questão, viciada em redes sociais, absorve rapidamente tudo que brilha a estética do seu olhar. Novos hobbies aparecem toda semana como solução da sua apatia e falta de encantamento duradouro por qualquer coisa. Mas eles logo são deixados de lado, perdem o brilho e abrem lugar a novas obsessões da moda no mundo online. Há um desejo de ser muita coisa, mas não se consegue alcançar nada. Compara-se constantemente com a imagem que tanto admira, das mulheres inteligentes que lêem e estudam e pintam e viajam, mas não consegue em nenhum instante investir energia para construir territórios consistentes, para que de fato abra-se espaço para ler, estudar, pintar ou viajar. Tudo acontece em um instante e não a satisfaz então ela parte para uma nova modalidade como tentativa de talvez sair do raso. Se afogar no raso: sintoma muito presente na clínica.

O recorte exposto nas redes sociais é suficiente para pressupor vidas perfeitas que configuram aos pacientes angústias perante a impossibilidade de se alcançar tal ideal, que tem como condição a impossibilidade. Fazer esse luto da realidade frente às expectativas faz-se necessário, sendo um processo doloroso ao sujeito que o protagoniza. Mas afinal, por que precisamos nos aprofundar? A produção de afetos só é possível no encontro dos corpos, em um jogo de aproximar e repelir, de se afetar e ser afetado (ROLNIK, 2006). Essa linha dos afetos (ROLNIK, 2006) que possibilita as linhas de fuga, que se desmancham em uma construção do campo social. A ideia dos afetos, de se afetar, vem da ideia do efeito da ação de um corpo sobre o outro. O que pode um encontro? A possibilidade de outros lugares.

“Não me conheço, conheço quem eu mostro ser”

(Vinheta clínica 5).

Essa vinheta é muito interessante, pois denuncia um conflito entre aquilo que se mostra ser e aquilo que se acha que é ou que gostaria de ser. É um conflito bem comum à vida humana. Conflito que atravessa a dimensão das redes sociais, mas se confunde com os personagens da vida real. Mostrar que se é algo seria um sinal de que não se é “verdadeiramente” aquilo? E por que seria outro? Essa fala é um exemplo de uma captura subjetiva do neoliberalismo onde se diz: você pode ser “qualquer coisa” (mesmo que você mesmo não acredite sê-lo) e desde que você não seja “coisa nenhuma”. O que se deseja, na verdade, é ser “qualquer outra coisa menos o que se é”. Na ideia da possibilidade ilimitada de personalidades disponíveis a serem consumidas parece haver uma liberdade para se escolher qualquer coisa e já compreendemos que a liberdade nesse sistema é um dispositivo de poder. Mas se deparar com a realidade é compreender que não se pode ser qualquer coisa, até porque nunca partimos do zero. Cada sujeito possui uma construção subjetiva, um caminho de escolhas que já percorreu. É uma frase escutada comum a clínica que também expressa que: quando se fracassa, é instaurada uma ideia de que se retorna a um ponto zero, onde nada existe, onde nada foi construído. Isso diminui a potência que o sujeito poderia encontrar em si.

No final de tudo isso, o sujeito se compreende distante dele mesmo, onde ele cria *personas* (ROLNIK, 2006) diferentes, inclusive para não se confrontar com quem se deseja ser, e principalmente com quem de fato é. Mais uma vez não há espaço para uma elaboração necessária que o faça se deparar com suas limitações. Ele sente estar no controle, ele deseja isso, quando na verdade ele o perdeu durante o processo. Mas afinal, se demonstro *ser* não é porque *sou*? Ou atrai-se tanto por esse lugar de controle, que saber que aquilo é apenas um recorte é a conclusão mais confortante em que se pode chegar? Essa ideia do controle retorna constantemente nos jogos de poder do neoliberalismo, pois ele oferece isso o tempo todo no formato do empreendedorismo de si.

Trata-se menos da função específica do empreendedor dentro do funcionamento econômico do que da *faculdade* empresarial tal como existe em todo sujeito, da capacidade de se tornar empreendedor nos diversos aspectos de sua vida ou até mesmo de ser o empreendedor de sua vida. Em resumo, trata-se de fazer com que cada indivíduo se torne o mais “*enterprising*” possível (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 151).

A concepção do empreendedor de si é constante na clínica. Sujeitos se colocam facilmente neste papel, entendendo-se como únicos membros de seus investimentos, sempre esperando tirar o maior ganho possível de tudo. O fracasso se torna uma ideia insuportável de lidar. Logo, ele não ganha espaço. No lugar disso, encontramos adoecimento psíquico. Falhar não é uma opção, então fazem cair por terra os limites do que é ser um sujeito saudável: o ideal é *sempre* ser produtivo, mesmo que não se saiba muito no quê, ou para quê, e muito menos se aquilo gera algum tipo de potência na vida. O sofrimento presente na clínica é de pacientes que se sentem fraudes constantes em seus trabalhos, seus relacionamentos, suas amizades, seus estudos, mesmo sendo considerados bem sucedidos socialmente. Para isso, evocam mais um diagnóstico consumido das mídias sociais: a síndrome do impostor<sup>1</sup>. Sendo muito mais fácil se identificar com algo pronto a ser consumido e assimilado do que participar de sua própria construção acerca dessa sensação. Existe um dispositivo de medida inalcançável. Nada nunca está bom, mas não produzir se torna também insuportável, é como não existir socialmente. É necessário produzir a qualquer custo.

O corpo sempre cobra o preço em seu próprio tempo. Não é incomum ouvirmos sobre pessoas que ficam doentes assim que entram de férias ou até passam por um feriado prolongado. É como se o corpo, sempre sob pressão, compreendesse que pode desacelerar para cair em um estado da possibilidade de padecer de um resfriado. Já nos dizia Canguilhem (1966/2011): é preciso ter saúde para cair doente. Essa seria a norma da vida, o corpo que possui a capacidade de adoecer, bem como de se recuperar. Do corpo é exigido tanto, que a própria doença aparece como um infortúnio penoso sobre a necessidade produtiva. Tenho pacientes que dizem: “eu não adoço nunca” como algum sinônimo de força sobrenatural, quando na verdade, *ser humano é poder adoecer*. E quando se compreende que não se pode?

---

<sup>1</sup>“Será que sou uma fraude? Conheça a síndrome do impostor”. Disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/sera-que-sou-uma-fraude-conheca-a-sindrome-do-impostor/>

*“Não aceito fracassar, acho que estou abusando de mim”*

(Vinheta clínica 6).

No momento dessa frase, a paciente em questão denuncia um colapso. Perante a tela do computador onde trabalha, trava e começa a ter um ataque de pânico. Torna-se impossível trabalhar. Sempre buscando subir de posição na empresa em que trabalha, com altos números de produtividade, ela ganha uma promoção, mais de uma vez. É uma funcionária modelo, batendo metas diárias estabelecidas pela empresa onde trabalha. Nos dias em que não alcança a meta, a paciente é tomada por fortes crises de ansiedade e toma remédios para dormir. Importante ressaltar que a empresa estabelece uma meta, mas a pessoa que narra a última vinheta clínica estabelece as próprias metas, sempre mais altas. Esse é o trabalhador desejado pelo neoliberalismo, produzido por ele. É o trabalhador neoliberal modelo. O trabalhador que diz: “[...] tenho necessidade de sempre ser a melhor [...]” é o trabalhador em qual o sistema cola. A empresa não precisa cobrá-lo, pois ele passará a significar o seu valor subjetivo a partir dos números que ele próprio produz para a empresa. Uma empresa em que ele não tem, de forma alguma, qualquer vínculo que o faça dono, ou quem sabe um acionista distante, ou alguém que receba alguma fatia dos lucros. Não! Um funcionário de baixa escala no sistema, que se matará sozinho para alcançar um patamar de satisfação, que não existe. Esse é o colapso: o encontro com o vazio de chegar aonde se achou ter constituído algum desejo.

A paciente me procura querendo descansar um pouco do trabalho, parar uns dias para recarregar e começar de novo. Porém, orientada pela sua psiquiatra, resolve continuar trabalhando. Segundo sua médica, a própria ideia de uma pausa para a paciente em questão, torna-se preocupante na medida em que acredita que possa acarretar uma piora em seu quadro sintomático. Vivemos em um momento em que a possibilidade da pausa também pode estabelecer um quadro de crise. Como é viver com um corpo que não sustenta mais parar? Continuar até colapsar de outra forma?

A questão do sofrimento no trabalho é uma dimensão fundamental na constituição do sujeito no capitalismo. O sujeito compreende-se existente no sistema a partir de sua produtividade. Segundo, essa produtividade constitui a utilidade e o lugar social do sujeito. Logo, a constituição subjetiva e de produção de sentido de uma

vida dentro do capitalismo está completamente atrelada a um fazer laboral e seus ganhos financeiros. O que ocorreu ao longo desse sistema é uma mudança no lugar do sofrimento dentro do trabalho. É o manejo desse sofrimento que se transforma para tentar mudar toda uma narrativa do porquê de fato o sujeito sofre.

Sentir-se inútil e substituível expressaria um novo tipo de alienação ao trabalho, não como perda da relação entre meios e fins nem como estranhamento, mas como uma vida insuficientemente realizada (SAFATLE et al., 2021, p. 246).

Essa ideia trazida dos estudos sobre psicodinâmica do trabalho de Christopher Dejours, a partir do “Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico” nos traz um sofrimento que é compreendido como “[...] tradução psíquica do sentimento social de indignidade, desrespeito e humilhação do operário ou do trabalhador intelectual” (SAFATLE et al, 2021, p. 246). A partir da década de 1980, uma crescente substituição por um sistema robotizado ocupou o chão das fábricas, e alcançar um sentimento de reconhecimento ou pertencimento tornou-se menos acessível. Além disso, essa nova dinâmica estabelece assim novos parâmetros de sofrimento ao sujeito trabalhador do capital que se via cada vez mais diminuído frente aos avanços tecnológicos.

O sofrimento expresso pela repetição, pela perda de sentido e pela perda de satisfação no trabalho, bem como os sentimentos de frustração e ansiedade, não são o objetivo do gerenciamento. A defesa contra a angústia, ou seja, a preservação do eu, sob forma negação, racionalização, projeção ou sublimação de conflito, é que é visada pela gestão liberal do sofrimento (SAFATLE et al., 2021, p. 247).

Localiza-se então um manejo, naquele momento, de uma defesa da negação para a manutenção de um trabalhador produtivo. Como nos diz o trecho, não interessa mexer na questão de uma perda de sentido e de satisfação, para que de fato se crie um sentido e uma satisfação. O sistema escolhe confirmar o movimento de negação de tudo isso e de forma alguma constituir um enfrentamento de tais questões. Afinal, a dimensão da criação sempre diz de novos agenciamentos subjetivos e nem sempre isso é favorável à permanência da lógica liberal.

Já em um momento que diz respeito à última década, analisa-se que para além de discursos de negação era necessária uma mudança nas narrativas sobre o lugar

social do trabalhador. Cria-se um ambiente de competitividade constante, exige-se mais resultados, valoriza-se o discurso do esforço, aumenta-se as metas. Levar o trabalhador ao seu limite parece extrair dele o melhor. Não é incomum que se analisem respostas desejadas com este funcionamento. Não apenas porque sempre existem os vínculos frágeis de trabalho, ou devido ao que Marx chama de exército de reserva pronto para tomar os lugares de quem não cumpra seu papel, mas também por encontrar nessa produtividade laboral uma valorização como sujeitos sociais.

O apagamento do termo “trabalhador” e sua substituição por “colaborador”, “empreendedor”, ou “associado”, por exemplo, nas empresas e organizações, são um indício da forma como o neoliberalismo oculta as relações de trabalho em seus esforços de renomeação da categoria (SAFATLE et al, 2021, p. 247).

O dispositivo sujeito-empresa é o grande pacto que deu certo para fortalecer a lógica neoliberal contemporânea. Com uma extensa bibliografia que reforça essa lógica, muitos se prestaram a escrever fórmulas de como se superar no mercado de trabalho, não apenas para ser um trabalhador exemplar, mas para ser um ser humano “completo”, conhecedor de si, apropriado das suas forças e fraquezas, capaz de controlar o cansaço, a ansiedade ou qualquer outro mal que ouse comparecer.

A sociedade neoliberal contemporânea é a sociedade que valoriza o esforço. Vive-se a romantização do esforço do sujeito pobre que vence as adversidades da vida, como falta de energia elétrica, e alcança enfim o sonhado lugar em um curso de medicina<sup>2</sup>. Aplauda-se o jovem que precisa subir no topo de uma árvore na área rural para assistir a aula online em uma minúscula tela de um celular<sup>3</sup>. Essa lógica meritocrática cria sujeitos desejosos de um ideal de perfeição.

Sujeitos que irão se esforçar constantemente para alcançar patamares que consideram satisfatórios, porém, quando de fato os alcançarem não sentirão a satisfação que imaginavam que poderiam sentir. Nunca alcançamos de fato uma

---

<sup>2</sup> Matéria do G1 em 08/04/2021: “Jovem encara rotina de estudos em casa sem energia elétrica e tira 980 na redação do Enem: ‘Pensei em desistir’”.

<sup>3</sup> Matéria do G1: “Jovem sobe no alto de árvore para melhorar sinal de internet e assistir aulas no Pará”.

satisfação, afinal é isso que faz movimentar nossos desejos, mas é possível sim uma satisfação parcial. Algo que costuma atrapalhar essa satisfação parcial é que parece haver uma vontade instaurada de se chegar aonde ninguém nunca chegou e alcançar o inalcançável. É o mundo dos ideais e expectativas inacessíveis. Sujeitos que criam e vivem apenas em idealizações constituem grande sofrimento quando se deparam com a possibilidade de suas realidades, sejam elas negativas ou positivas, pois qualquer confronto com a realidade será um problema, seja qual for à ordem.

*“Desde criança eu sinto isso, não era uma ideia, era um sentimento,  
que eu não era uma boa pessoa, não era bom o suficiente”*

(Vinheta clínica 7).

A vinheta clínica traz um paciente que sofre constantemente com seu ideal de perfeição e sua síndrome do impostor. Aluno esforçado e membro de um doutorado de prestígio, ele trava completamente perante o seu objeto de desejo: seu doutorado. Ao chegar onde deseja, não consegue mais produzir, classifica tudo que faz como ruim e perante a possibilidade de um fracasso, ele paralisa. Ele escolhe fracassar para não ouvir de outro alguém que fracassou. Diagnosticado com depressão, tendo acompanhamento psiquiátrico e tomando remédios, o paciente descreve o sentimento de insatisfação como algo que o acompanha desde criança. Mas muito mais que isso, intenções suicidas desde a época da infância também. A vida soa para ele como amarga e completamente insatisfatória. Apesar dos amigos, do trabalho e de seu doutorado, a vontade de encerrar a sua vida não vai embora por completo. Não encontra em sua vida as possibilidades que justifiquem sua permanência. A verdade é que se torna possível viver uma vida inteira na insatisfação mesmo que se alcance tudo que se deseja. Encontrar-se com seu desejo pode trazer tanto sofrimento como nunca encontrar-se com ele. Essa é uma prerrogativa da vida, vivemos momentos de insatisfação para que nos movimentemos a outro momento de satisfação e daí habitamos a insatisfação de novo.

Na sociedade atual há um desprezo total por esse lugar de desconforto. Insistimos em uma lógica de sempre estarmos confortáveis e preenchidos, entretidos. Evitar o desagradável acima de tudo parece ser um lema da contemporaneidade. É preciso agradar a todos, estudar tudo, ganhar tudo, saber de tudo, fazer tudo. O encontro

com a perda é evitado a todo custo e dessa forma, muitos processos de luto pelos objetos libidinais não são elaborados e colaboram para uma produção de adoecimento.

*“Não quero abrir mão de nada”*

(Vinheta clínica 8).

A vinheta clínica acima ilustra bem essa vontade da não perda. Quem a narra é um paciente depressivo que se vê sobrecarregado de coisas, exausto. Porém, mesmo diante da tentativa de traçar algumas prioridades, não consegue admitir a perda de nenhuma posição que estabeleceu até então em sua vida. A ideia de recuar sempre soa como fracasso, continua decidido a prosseguir, culminando por fim, em uma crise grave de exaustão, agravamento da depressão, um esvaziamento do propósito sobre tudo aquilo, que explodira em uma tentativa de suicídio que fracassa. Depois de uma situação extrema é que o paciente consegue parar e reavaliar tudo, tão acostumado a ocupar-se de tudo justamente para não se encontrar com seu vazio, que lhe é insuportável. Enche-se de atividades, ocupa-se dos problemas dos amigos, da família constantemente, justamente para não se ocupar de si mesmo como quem diz “[...] eu tenho tudo, nada me falta”, mortificando o desejo e impedindo que novos movimentos surjam. Se haver com suas faltas é possibilitar também novos movimentos.

O neoliberalismo joga constantemente com essa sensação de vazio. A ideia de consumir a partir de uma falta extrapola uma ideia de necessidade. A sensação de comprar algum bem material na tentativa de preencher uma falta de ordem subjetiva, por exemplo, configura inclusive processos de adoecimento psíquico, como a questão dos acumuladores ou dos viciados em compras. Nesses casos mais extremos fica evidente como o excesso se instaura em uma desmedida compreensão de que nada pode faltar. E mesmo em casos onde esse lugar de extremo não se configurou, é possível perceber como o poder de compra é usado para aliviar momentaneamente uma sensação de falta que incomoda. Aprendemos a consumir, seja um objeto, ou comida, ou bebida, ou séries, filmes, pessoas, o tempo, vícios etc.; para mascarar algo que necessite de uma elaboração. É o jeito que o sujeito neoliberal se sustenta até o próximo dia útil. O fato é que não existe quem consiga (ou queira) lidar e problematizar tudo o tempo todo, porém, não conseguir

lidar com nada é um sinal da possibilidade de um adoecimento. Somos uma sociedade consumista onde o consumo mais perceptível tem sido evidenciado principalmente em nossos corpos exaustos marcados por síndromes que parecem aumentar a lista de nomes novos a cada ano.

## 2.5 DISPOSITIVO DO MEDO COMO GESTOR DE SEGURANÇA

Laval reforça em suas análises sobre o momento em que Foucault se localizava quando escreveu sobre *O Nascimento da biopolítica*, os seus estudos sobre o neoliberalismo e as limitações da escrita de Foucault. Com esse exercício ele nos destaca novamente um dos dispositivos analíticos mais importantes para Foucault: o recorte histórico. Apesar das limitações que ele enfrentou, assim como todo outro autor, esse traço foucaultiano, que atravessou todas as suas análises, contribui hoje para fazermos esse recorte do neoliberalismo. Foucault compreende o como governo de mercado. E hoje compreendemos os desdobramentos inteligentes que esse mercado regulador passou para permanecer como dispositivo de governo.

E Foucault precisa seu objetivo: não se trata de analisar o poder em geral, mas um poder particular, histórico, local, com o qual somos confrontados hoje e que ainda não é conhecido por aqueles que o combatem, que o confundem muito facilmente com o “fascismo”, com o “totalitarismo” ou, pior ainda, com o Mal em si (LAVAL, 2020. p. 87).

Estudar o neoliberalismo é analisar os poderes e os jogos que circulam ao seu redor. Não uma pessoa *ou* um governo, mas um grupo de pessoas e também um governo. Nunca um ou outro, sempre um conjunto de componentes que jogam esse jogo. Afirmamos que existe uma lógica que sustenta determinados papéis e instituições, para além da pessoa que o ocupa. Essa é a dimensão ao redor do conceito de biopoder.

A biopolítica também produz, produz vida e corpos: “A população torna-se o alvo de um poder que busca orientar, controlar e maximizar os mecanismos fisiológicos, demográficos e econômicos” (LAVAL, 2020, p. 90). Antes, no poder soberano, o medo da morte determinava os comportamentos. Agora, na sociedade de controle, há uma gestão de vida e morte. Deixa-se viver como condição dessa sociedade, mas de forma limitada conforme a categoria que cada grupo populacional se

encontra: qual sua classe econômica, sua cor etc. No Espírito Santo, em 2021, dois policiais abordaram uma criança de sete anos apontando armas para sua cabeça. Veja bem, uma criança que saía da creche e ia ao encontro dos pais, que se encontravam do outro lado da rua<sup>4</sup>. A mãe da criança, assustada com a situação, abordou os policiais tentando entender o ocorrido e proteger o filho. O pai, por sua vez, entrou para retirar a esposa da conversa por medo e o desfecho foi que os dois foram presos com a justificativa de desacato a autoridade. Ao serem indagados sobre o porquê de cometerem tal ato, os policiais deram um pronunciamento oficial dizendo que não se desculpariam, pois viram a criança levantar sua blusa e imaginaram que ela estaria armada. Ela, uma criança de sete anos. Esse foi o combo racista clássico desse país: a criança? Preta e pobre em um bairro de periferia. Assim, "justifica-se" esse medo instaurado nos policiais.

Foucault chamará de "segurança" o conjunto de mecanismos específicos voltados à regulação dos movimentos da população e da produção, que permitem agir sobre as variáveis e os meios que afetam a vida coletiva e individual: a disciplina prescreve, a lei proíbe, e a segurança regula a realidade. Essa regulação utiliza, entre outros, o mecanismo de mercado (LAVAL, 2020, p. 91).

A biopolítica pretende regular todos os meios que atravessam a existência humana, natalidade, saúde, morte, trabalho, educação, higiene, criminalidade, fome etc. Porém, dentre todos eles nada é maior ou mais determinante como produtor subjetivo do que a segurança. E não surpreendentemente a ideia de segurança vem acompanhada com a criação de medo. Se não estamos mais em uma sociedade de poder soberano, porque a instituição medo é tão essencial? A ideia do medo separa a população, dividindo-a, rachando-a em classes e infinitas categorias, para então justificar-se a suposta superioridade de certos indivíduos e massas. Nesta lógica, fica fácil identificar os corpos menos válidos, menos úteis socialmente. Isso não é algo que precisa ser determinado hierarquicamente o tempo todo. Essa lógica está intrínseca a nós, colada em nossas peles. Assim sabemos os territórios que são perigosos. São aqueles que um policial sente-se no direito de apontar a arma para a cabeça de uma criança de sete anos. Esse cenário não aconteceria em um bairro nobre. Ali, a segurança é a favor da população e não contra ela. Constroem-se

---

<sup>4</sup>"Criança de 7 anos é abordada por PMS e pais são detidos na Serra". Disponível em: <<https://www.agazeta.com.br/es/policia/crianca-de-7-anos-e-abordada-por-pms-e-pais-sao-detidos-na-serra-0721>>

inimigos o tempo todo dessa forma. A segurança, como Marx já anunciava em *O Capital* (2013), surge para defender a propriedade privada. Esse é o bem mais importante.

## 2.6 A QUESTÃO DA FINITUDE

O *homo economicus*, segundo Foucault (1978), é o homem que frente à iminência da morte, passará a vida perdendo todo seu tempo e investindo sua energia na tentativa de escapar da morte, ao invés de correr atrás de seus interesses e necessidades. Crer que a vida é frágil, vulnerável, finita é “[...] peça fundamental para certa moral e uma circulação de afetos fundados no medo e capazes de motivar a ação em direção ao trabalho compulsivo e à poupança.” (SAFATLE et al, 2021, p. 21). Esse é outro medo fundamental deste sistema: o medo da morte, não necessariamente da sua cena final de fato, mas da iminência de um certo fim. Por vezes, não tomamos a dimensão de tal assunto de uma forma mais profunda, para que se possa fazer uma análise mais atenta a respeito de como isso desenvolve comportamentos e sentimentos. Não é algo que se pode ignorar.

Com o medo da morte se desdobra a certeza de uma mortalidade, uma finitude, é o que nos interessa aqui. A sociedade neoliberal é também uma sociedade que investe tempo, energia e dinheiro com o propósito de estender ao máximo a vida, não só utilizando-se de um avanço da medicina para tratar doenças, estamos falando também do adiamento de aparentar pertencer a um corpo velho, com suas marcas do tempo e limitações. Há a tentativa também de adiar um fim. Por vezes falar sobre morte aparece como um tabu. Reforçando que a morte como tabu diz respeito às vidas passíveis de luto (BUTLER, 2015). Sobre os outros corpos, os não passíveis de luto, pode-se então dizer sobre o processo da morte, inclusive como entretenimento nos noticiários, na internet, às vezes com tom de desprezo, como citado no exemplo com a abordagem da criança de sete anos em um bairro da periferia de Vitória.

No ano de 2021, o crítico de cinema Jean-Claude Bernardet fez uma declaração polêmica sobre ter decidido não seguir adiante com seu tratamento de câncer, em

uma matéria da Folha de S. Paulo<sup>5</sup>. Ele declarou: “a longevidade é uma necessidade industrial, laboratórios farmacêuticos, fabricantes de máquinas de ponta para diagnósticos por imagem e outras finalidades, hospitais precisam da nossa “bio” — o que não quer dizer a nossa vida — para lucrar”. Bernardet, que vive com o vírus HIV declaradamente desde os anos 90, analisa esse processo médico de insistência na vida como uma insistência em uma cura da coisa e não da pessoa. E para ele, se é perdido o aspecto humano, que é o mais importante, o mundo ao redor dos que ele chama de “sacerdotes do vitalismo” é uma prática vazia por si, que não enxerga mais sujeito adoecidos que precisam de cuidado, mas sim coisas a serem mantidas vivas a qualquer custo e para ele a vida não deve ser concebida a qualquer custo.

Na teoria do poder farmacopornográfico de Paul B. Preciado (2008), ele explora como os corpos tornam-se capturados por uma molecularização do biopoder nas mais diversas formas que vão surgindo em cada época e se tornando dispositivos comercializáveis. “O êxito da ciência estaria em transformar a depressão em Prozac, a masculinidade em testosterona, a ereção em Viagra” (PELBART, 2016, p. 142).

O que está em jogo nesse embate, segundo o autor, é a força orgásmica — que justamente não pode ser pensada como matéria inerte ou passiva a não ser na sua redução farmacopornográfica, ali onde ela é inteiramente expropriada como “vida nua”, no interior de um regime de “controle pop”, em oposição ao controle frio e disciplinar que Foucault analisou [...] Já não se trata de um poder impositivo — é o corpo que o deseja, que o ingere, que o traga por cada orifício (PELBART, 2016, p. 143-144).

Evita-se também lidar com situações que dizem respeito à velhice e seus corpos ainda desejantes, por muitas vezes, dando um lugar infantilizado a essa categoria social. Não à toa há um desprezo com o mais velho, com os corpos mais velhos. Os idosos se encontram em uma categoria de minoria, visto que sofrem preconceitos e são invisibilizados em seus processos. Segundo a antropóloga Mirian Goldenberg (2021), que estuda sobre o envelhecimento há mais de 15 anos, sendo os últimos cinco dedicados aos nonagenários, os idosos experimentam uma morte simbólica em vida, ao sempre serem colocados em lugar de invisibilidade e inutilidade. Segundo dados de Goldenberg (2021), trazidos em sua coluna da Folha de São

---

<sup>5</sup>“Bernardet questiona longevidade de pacientes em relação ao capitalismo”. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatibernardi/2021/08/bernardet-questiona-longevidade-de-pacientes-em-relacao-ao-capitalismo.shtml>>

Paulo, denúncias de abusos contra idosos aumentaram 500% logo no começo da pandemia, o que é um número completamente alarmante. Pessoas idosas, consideradas um dos maiores grupos de risco durante a quarentena, se viram dentro de casa, isoladas ou precisando se deslocar para a casa de parentes próximos para sobreviver. E logo no início de tudo isso, denúncias já sinalizam o desprezo por essas pessoas. Para fortalecer essa ideia, havia um discurso ao redor do Palácio do Planalto de uma falta de preocupação, afinal, só iria morrer na pandemia quem “estava velho mesmo, para morrer”. É como dizer que essa categoria não é digna de cuidado. Miriam adverte que: “lutar contra a velhofobia é lutar pela nossa própria velhice” (2021). Goldenberg possui uma vasta rede de amigos nonagenários e busca dar passagem a desconstrução de uma visão infantilizada da terceira idade.

Por que dizemos isso? Dizemos para marcar um desprezo histórico com uma tradição do que veio antes e, nesse processo, é muito fácil constituir uma nação que não se apropria da própria história, visto que evita lidar com o envelhecimento em si e nos outros. O neoliberalismo absorve e se apropria disso. Mas para, além disso, precisamos dizer do que esse confronto com a morte produz. O confronto com a ideia da morte vai instaurar um medo, uma constituição de uma moral produtora de sujeitos motivados a trabalhar sem parar e determinados a constituir suas poupanças (SAFATLE et al, 2021). Esses sujeitos moralizarão todos os que não estiverem comprometidos com essa lógica, os julgarão e os colocarão em lugares inferiores perante a sociedade, reforçando uma lógica meritocrática. “A recusa ao primado da propriedade privada e da competitividade não seria apenas um equívoco econômico, mas principalmente uma falta moral” (SAFATLE et al. 2021, p. 20).

Quem não se comprometer com essa lógica competitiva, não merecerá certas posições, e não apenas isso, não terá um valor social. Desse modo o sistema cria um sistema regido pelo medo, primeiro o medo da morte, como já colocado, um medo que moverá o sujeito diariamente, como também um medo que pairará constantemente sobre seus pensamentos e construirá sua subjetividade: o medo do fracasso. Mas não apenas um medo de não conseguir alcançar um objetivo, o neoliberalismo todo dia acrescenta camadas a essa lógica como, por exemplo, o medo de não ser excepcional.

*“Meu plano é ser perfeita”*

(Vinheta clínica 9).

A paciente que narra essa vinheta a repete constantemente. Sua angústia gira em torno de um mal estar constituído a partir desse objetivo. Não admite erros e toda vez que erra, não consegue lidar com tamanho do vazio que se institui. Seja para dizer de seu trabalho ou de suas relações afetivas, seu desejo é ser “perfeita”. Mesmo que ganhe incentivos de terceiros sobre estar alcançando sua meta, ela já estabeleceu padrões ainda mais altos. Esse, na verdade, é um atravessamento em muitos pacientes dentro da clínica. Há um sofrimento enorme na busca de um lugar que nem sempre eles conseguem descrever. Penso ser sempre uma insatisfação com o lugar onde se encontram, mesmo que não se saiba para onde ir. Dessa forma, cair em uma lógica da comparação constante com o outro é uma armadilha cruel. Com o instagram e outras ferramentas online sempre exibindo uma vida melhor, constantemente há essa cena na clínica: a comparação sobre algo que viram na internet. Parece-me que, ao depararem com o outro, automaticamente sua vida ganha um lugar inferior.

*“Eu sou só uma média. Eu sou o que eles esperam, mas quero ser mais”*

(Vinheta clínica 10).

Essa vinheta elucida como é comum a construção de sujeitos empresas de si. Como a economia torna-se o centro de suas vidas? Como a economia torna-se a “figura mesma de um poder soberano” (SAFATLE et al, 2021, p. 28)? Esse lugar de submissão de uma sociedade à economia se estabelece a partir de dois pontos principais. O primeiro é entender o Estado como um triunfo do neoliberalismo, e não como um estado mínimo. A liberdade do mercado vem de um Estado forte que usará seus recursos para construir ferramentas que mantenha esse sistema e que controle também seus cidadãos. O segundo ponto principal é que é preciso criar sujeitos submissos e desejosos de viver dessa forma, o que Safatle (2021) chama de *design psicológico* para desenhar sujeitos. Isso se faz necessário para que haja uma recusa de uma autonomia dos sujeitos, e que isso aconteça de uma forma mais “natural” possível, algo que compareça tão fortemente em nossos inconscientes, que não precisará ser imposto constantemente, apenas reforçado. Essa é a lógica dos sujeitos como empresas de si e conseqüentemente da meritocracia.

Dessa forma, a empresa só poderia nascer no coração e na mente dos indivíduos. Um design psicológico que só poderia ser feito através da repetição generalizada de exortações morais que nos levavam a compreender toda resistência e tal redescrição empresarial da vida como falta moral, como recusa em ser um “adulto na sala”, em assumir a virtude da coragem diante do risco de empreender e abrir novos caminhos por conta própria” (SAFATLE et al, 2021, p. 30).

Não à toa o empresário é sempre representado como inovador, desbravador de novos caminhos, do sujeito ousado e disposto a correr riscos e há também sempre uma imagem de um sucesso financeiro atrelado a ele. A categoria dos empresários é uma categoria respeitada socialmente. O mesmo nível de prestígio busca o sujeito que fez dele uma máquina produtora. Esse atravessamento da lógica mercantil nas produções subjetivas é fundamental ao neoliberalismo. Não apenas em uma noção de âmbito individual de algo que vai nortear e gerir o sujeito, mas como de todo um coletivo, do funcionamento das relações interpessoais, relações com instituições etc. Estamos falando aqui de toda uma influência determinante do modo como nossa política é constituída, nas ações sociais, no conceito de pobreza, riqueza, discriminação, patriarcado, aplicação de políticas públicas etc., estamos levantando um arsenal de instituições que vão se formar a partir dessa lógica.

Essa retradução total das dimensões gerais das relações inter e intrasubjetivas em uma racionalidade de análise econômica baseada no “cálculo racional” dos custos e benefícios abriu uma nova interface entre governo e indivíduo, criando modos de governabilidade muito mais enraizados psiquicamente (SAFATLE et al. 2021, p. 31).

E aí retornamos à pergunta já feita nesse capítulo: para quem se produz? A quem serve essa busca frenética? Serve à produção neoliberal. Produção do que? Não estamos falando apenas de produções materiais, de cumprimento de horários de trabalho, mas também de uma produção de sujeitos mais obedientes, mais controlados, mais submissos a essa lógica produtivista. A forma de controle, que já nos anunciou Foucault em seus escritos, não mais consegue se sustentar apenas com dispositivos de violência. A própria ideia dos modelos capitalistas como o momento da revolução industrial, as longas jornadas de trabalho, seguindo por décadas depois pela tenacidade de um Fordismo e Taylorismo já não cabia mais para sustentar certo controle. Fora preciso modificar tais estruturas para que tomassem formas mais amenas aos olhos dos trabalhadores, aparentemente mais

humanas. A empresa passa a tomar termos mais familiares, então evoca pelo afeto o lugar da disciplina.

Essa “humanização” da empresa capitalista [...] com um vocabulário entre a administração e a psicologia, permitiu uma mobilização afetiva no interior do mundo do trabalho que levou à “fusão progressiva dos repertórios de mercado com as linguagens do eu” (ILLOUZ, 2011, p. 154).

Em outro autor:

As relações de trabalho foram “psicologizadas” para serem mais bem geridas (SAFATLE et al., 2021, p. 31).

Essa citação elucida como outras áreas do saber, a exemplo da psicologia, se somaram para sustentar uma lógica neoliberal mais humanizada no trabalho, e não só para isso, mas para manter certa ordem, certo cumprimento das regras. Esse tipo de movimentação contribui para criar novos padrões normativos e, conseqüentemente, pontos fora desse padrão: os marginalizados. Criam-se, assim, sintomas patológicos, enquadramentos patológicos, padrões de individuação. Enfim, uma classificação e compreensão dos processos do sofrimento que serão internalizadas em nossas subjetividades (SAFATLE et al., 2021).

No interior de tais padrões (de individuação) encontramos sistemas profundamente normativos de disposição de conduta, de produção de afetos e de determinação das formas de sofrimento. Nesse sentido, podemos dizer que modelos socioeconômicos são modelos de governo e gestão social de subjetividades, por isso, não podem ser compreendidos sem sua capacidade de instauração de comportamentos e modos subjetivos de autorregulação. Eles não podem ser elucidados sem a gestão de uma psicologia que lhes é inerente. Isso significa dizer que não se sofre da mesma forma dentro e fora do neoliberalismo (SAFATLE et al., 2021, p. 33).

E ainda continua: “Pois o sofrimento psíquico guarda uma dimensão de expressão de recusa e de revolta contra o sistema de normas” (SAFATLE, et al., 2021, p. 33). As dimensões que são entendidas comumente como forma de vida são: o desejo, a linguagem e o trabalho. São essas dimensões que se revoltam. O neoliberalismo deve anular essa dimensão de revolta que se expressa no sofrimento psíquico através de disciplina.

*“Não sei se eu sou assim, ou se é meu transtorno”*

(Vinheta clínica 11).

A paciente em questão foi diagnosticada com transtorno bipolar há alguns anos. Ao tecer suas narrativas, preferência identificar-se com seu diagnóstico. Por não saber seu lugar, utiliza-se do conforto do nome dado aos seus sintomas para buscar uma fuga, bem como certa satisfação em sua posição de reclamação. Dessa forma, não movimentada o seu desejo, não o faz pulsar, não sobra espaço para isso. A sua bipolaridade e depressão se tornam sempre uma desculpa para um sofrimento que não se interrompe. A paciente possui uma vida super funcional e ocupada, claro, justamente para não sobrar brechas. As brechas que chamo aqui são o ponto de uma elaboração de seus sintomas. É o ponto onde se perde também, e nesse caso, não se quer perder nada e esse é um jogo que o neoliberalismo sabe muito bem jogar.

Poderíamos dizer que essa é máxima do neoliberalismo: goze de tudo e de todos, o tempo todo. Como um slogan que fica se repetindo em diferentes dimensões de nossas vidas, justamente porque entende que ninguém quer perder nada. Porém, não podemos ter tudo. Precisamos suportar perder. O neoliberalismo joga com isso a partir de uma ilusão de que há lugar para tudo e para todos. Mas isso não é possível, o real<sup>6</sup> marca o tempo todo que não tem esse lugar que abranja tamanha diversidade. Para sustentar o sistema no qual estamos inseridos, torna-se preciso que não haja lugar para tudo e para todos. O capitalismo precisa de pessoas à margem para manter as pessoas em uma normalização produtiva, é preciso que haja o medo de compor essa margem a qualquer custo. E quem não dá conta de perder, quem não se enquadra em um padrão de produtividade, adoece. O sistema que pressiona e exige melhores performances, é o mesmo que diagnostica o sujeito que não se encaixa nele de uma forma a mascarar esse contexto histórico e social como quem “Veja só como você fracassou apesar de todas as ferramentas que demos”.

Dessa forma, o neoliberalismo nos levou a sofrer de outra forma, procurando retirar de nosso sofrimento psíquico a consciência potencial da violência social (SAFATLE et al, 2021, p. 44).

---

<sup>6</sup> Neste ponto, o real, diferentemente da concepção vulgar de realidade, diferencia-se da dimensão simbólica e imaginária. Essa diferenciação consiste em seu caráter não representável.

Esse movimento reforça a ideia de uma individualidade, de uma ausência de um coletivo, ausência de um cenário macro ao redor de cada sujeito. Mas o neoliberalismo vai nomear tal ideia de autonomia, de liberdade. E dessa forma, reduz a culpa e o fracasso a um único sujeito, assim como sua glória também. Temos reforçada a ideia de “capital humano” já citado neste capítulo. Onde o sujeito toma para si a responsabilidade de obter seu maior desempenho, alcançar seus objetivos, ficar livre para empreender. “É na figura do empreendedor, no homem empreendedor que se focaliza a autonomia” (SAFATLE et al, 2021, p. 49). Ser útil e produtivo torna-se o foco do sujeito neoliberal que constitui sua disciplina ao redor desse mesmo ideal. E conseqüentemente, frente à impossibilidade de cumprir tais padrões estabelecidos, o sujeito se frustra e adocece.

Essa subjetividade ilusoriamente inflada provoca inevitavelmente no momento de seu absoluto esvaziamento, frustração, angústia associada ao fracasso e autculpabilização; a patologia típica nesse contexto é a depressão (SAFATLE et al., 2021, p. 4).

Esse sentimento de frustração e adoecimento evidencia uma impossibilidade da elaboração frente à perda. Ora, se não se aceita perder, o sujeito realmente adoecerá, ao invés de lidar com a perda em si, e deixar espaço para que seja possível a criação de outras possibilidades. Nesse sentido compreendemos como o neoliberalismo constitui-se como um poder positivo, pois cria dispositivos a todo tempo, para ocupar a sensação de esvaziamento. Precisamos estar entretidos o tempo inteiro, não podemos nos aproximar da ideia de uma falta em nenhum momento. Não à toa, as redes sociais como o instagram, por exemplo, se propõem atualizações a cada segundo trazendo novos conteúdos com a intenção de que ninguém possa sair dali, uma ideia de que se o sujeito se afastar, estará perdendo algo no *roll* infinito, então ele fica, justamente porque não pode se dispor a perder. Ou seja, não é a situação de escassez que instaura um desejo. O desejo não se move apenas pela sensação de uma falta, caso assim fosse, condicionaríamos o seu funcionamento apenas a sua dimensão negativa, mas precisamos entendê-lo também como fonte produtora.

O poder deve sempre ser visto não negativamente, mas positivamente. E isso de maneira independente do tipo de poder com que se está lidando. Ele não deve mais ser pensado segundo um esquema jurídico proibitivo,

repressivo, negativo, concepção que ainda prevalece no marxismo ou na psicanálise, mas como “máquina produtiva”. O poder não se restringe a reprimir ou recalcar, ele organiza forças, faz surgir novas forças, canaliza e intensifica fluxos (LAVAL, 2020, p. 89).

Chegamos a um ponto fundamental dessa escrita: compreender o poder como positivo. Não porque ele é bom, mas porque ele age como um dispositivo que soma, que produz. E se produz, é da dimensão positiva. É a máquina capitalística! Isso se opõe ao posicionamento de um dispositivo sempre controlador e repressor. Compreender o neoliberalismo de forma positiva, e não pela falta, ou repressão, mas como uma “máquina produtiva” (DELEUZE; GUATTARI, 2014). “O poder não se restringe a reprimir ou recalcar, ele organiza forças, faz surgir novas forças, canaliza e intensifica fluxos” (LAVAL, 2020, p. 89). Neste ponto, nos encontramos novamente com a ideia do capitalismo como máquina de produção, sempre construindo e modelando subjetividades; somando e acrescentando possibilidades; mesmo que seja apenas aparentando possibilitar.

O neoliberalismo é essa máquina de produção subjetiva, que se utiliza de um governo do mercado, para criar e se organizar a partir dessa lógica. Tal racionalidade governamental faz do cálculo econômico o princípio de seu exercício e regulação. Logo, a gestão de todo um corpo social é feita a partir dos efeitos de uma política econômica. O mercado é compreendido então como o meio regulador pelo qual o homem pode ser governado. “O que nos explica por que o neoliberalismo é, na verdade, o triunfo do Estado, e não sua redução ao mínimo” (SAFATLE et al., 2021, p. 27.). Ao contrário de um discurso que privilegia a invisibilidade do Estado, compreendemos o importante papel que ele possui de regulador, criando condições favoráveis a esse funcionamento conforme vai se modificando.

O capitalismo *coisificou* a relação com o outro, de forma que nos desconectamos de uma responsabilização pelo outro. Vivemos em uma sociedade que se isenta dessa responsabilização, visto que tudo pode ser descartável. Desse modo, passamos a nos relacionar com o outro somente quando ele nos serve, como um objeto a ser utilizado. Precisamos nos responsabilizar e lembrar que, nesse processo, também nos tornamos produtos a serem consumidos. Essa lógica é bem retratada nas

relações da dimensão digital, com a cultura dos *influenciadores digitais*<sup>7</sup> ditando o que deve ser consumido com uma impressão de intimidade com o desconhecido do outro lado da tela. Há uma completa compreensão do mercado moderno atual que torna a linha de vínculos e dos afetos também necessária para o lucro, forjando, assim, falsas sensações de vínculos e afetos. Nada se constitui sem o afeto, justamente por isso vivemos a sociedade das performances, na qual são criadas relações superficiais que precisam ser rapidamente e repetidamente substituídas por outras, para que o sujeito não se autorize a lidar com essa questão.

Essas interpretações diversas parecem sugerir que no próprio movimento de desterritorialização capitalístico, conjugado às axiomáticas que ele multiplica, o “monstro” pode mudar de natureza. Por mais que o capitalismo dê a impressão de acaparar a totalidade do espaço, do tempo, da vida, dos corpos e das almas, do inconsciente, da própria virtualidade, no impulso mesmo de sua ampliação extensiva e intensiva ele libera linhas as mais inusitadas (PELBART, 2016, p. 142).

O capitalismo trabalha com essas decodificações de fluxos, com essas linhas inusitadas, justamente porque tem a capacidade de construir novos territórios constantemente, o que traz uma falsa dimensão de segurança no sentido que parece que sair disso é arriscado demais. Há algo de familiar em viver sob certas demandas do neoliberalismo. Não sustentar essas demandas causa adoecimento, mas, de certa forma, viver sem elas parece trazer aos sujeitos uma enorme sensação de falta de pertencimento. Compreendemos como também a ideia do homem-empresa como único responsável de si é cada vez mais consolidada. Essa estratégia neoliberal, ao mesmo tempo em que desresponsabiliza todo um constructo social por detrás dessa demanda, aparece também como uma solução para acabar com o mal-estar e determinar o sucesso. Pois exige do sujeito um compromisso consigo mesmo, no qual se entenderá como único responsável por seus fracassos e também por seus sucessos, isolando-se sempre de uma construção de um coletivo que é inerente à vida humana. No intuito de se fazer o seu próprio salvador, o sujeito neoliberal demanda de si resultados constantemente melhores e enxergará no outro sempre um próximo competidor.

---

<sup>7</sup> Influenciadores digitais são produtores de conteúdo digital que criam tendências e comportamentos de consumo a partir da capitalização de seus estilos de vida.

Essa construção do homem empreendedor de si, constituído sócio e historicamente a partir de uma sofisticação do sistema do capital desde o fim do século XX, não é apenas o homem investido no trabalho. O homem-empresa, “senhor e soberano de si mesmo” (HAN, 2017, p. 29), no que Byung-Chul Han chama da sociedade do desempenho, deseja atingir uma máxima produtividade em todas as áreas de sua vida. Esses sujeitos, obcecados por um estilo de vida que equilibre vida física, amorosa, laboral e entretenimento são desejosos de uma sensação de prazer constante em tudo que fazem. Não à toa, são muitos os discursos atuais de auto-ajuda altamente divulgados e absorvidos, que são centralizados em uma ideia de um vasto conhecimento de si através de ferramentas das mais diversas, seja por meditação, ou exercícios físicos, criação de listas de rotina, etc.

A mudança de paradigma da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho aponta para a continuidade de um nível. Já habita, naturalmente, o *inconsciente social*, o desejo de maximizar a produção [...] O sujeito do desempenho é mais rápido e produtivo que o sujeito da obediência. O poder, porém, não cancela o dever. O sujeito do desempenho continua disciplinado (HAN, 2017, p. 25).

O sujeito do neoliberalismo continua a produzir de forma mais rápida e eficiente porque dispõe de outros discursos das forças de poder. Um dos discursos mais potentes nesse sentido é o da liberdade e da ação. O sujeito se entende como livre e obriga-se a ser ativo. Ele se compreende como livre de um domínio externo que o obrigue a qualquer coisa. “Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo” (HAN, 2017, p. 29). Nessa complexidade se cria uma falsa liberdade que culmina em um excesso de demandas produtivas e, por consequência, configuram-se patologias a partir desse embate. “Poder, por conseguinte, que se exerce paradoxalmente apenas sobre indivíduos que se pensam e agem como livres” (SAFATLE et al., 2021, p. 257).

A questão da ação é justamente o conceito de vida sempre ocupada positivamente. A ideia do sujeito ativo e sempre disposto em suas dimensões de vida no lugar do sujeito passivo e obediente da sociedade de controle. Porém, como compreendemos, o sujeito neoliberal não cessa ou interrompe sua produtividade, mas arruma novas facetas de vida onde possa estar ativo e produtivo. “O *animal laborans* pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se” (HAN,

2017, p. 43). Alinhado com ideias de harmonia consigo e com a natureza, o sujeito neoliberal deseja sentir constante prazer a partir de tudo que investir seu tempo.

É nesse sentido que o neoliberalismo pode ser examinado como uma formação discursiva: uma concepção de governo protetor do mercado, uma concepção de ciência submetida à tecnologia e ao capital, e uma concepção de sujeito cuja liberdade depende do seu caráter associal (SAFATLE et al., 2021, p. 271).

Esse conceito de produtividade máxima é um traço que começa ainda na sociedade industrial. O inconsciente do sujeito produtivo se inicia nos chãos das manufaturas que um dia se tornarão grandes indústrias. Esse formato do trabalho que é recompensado financeiramente a partir de uma produção eficiente, estabelece ainda hoje no sujeito contemporâneo, uma busca por uma performance com a maior eficácia possível. É justamente por isso que junto a essa mudança de consciência do trabalhador, movimenta-se um governo que protege seu mercado para somar os dispositivos de poder que façam a manutenção desse funcionamento. Assim como a própria ideia da liberdade, que faz de cada sujeito o único responsável pela sua máxima felicidade, produzindo sensações constantes de fracasso, solidão e desconexão com seu próprio percurso.

### **3 PATOLOGIAS CAPITALÍSTICAS: UM MAL-ESTAR ANUNCIADO**

#### **3.1 O TAL DO MAL-ESTAR**

“Qual o meu propósito na vida?”: esse é um dos maiores questionamentos que escuto dentro do meu trabalho como psicóloga clínica. A própria finitude da vida traz incessantes questionamentos sobre um real sentido da nossa existência. Afinal, o que temos de concreto em nossas vidas é que um dia ela chegará ao fim de alguma forma, mesmo que algumas crenças passem pela ideia de uma possível existência pós-morte; cada pessoa sente em sua pele que há um limite para sua vida. Ao se deparar com tal limite, a vida por um lado pode parecer curta e sem sentido, e por outro há um discurso da vida que precisaria ser vivida ao extremo, sem ponderar, por muitas vezes, as responsabilidades e consequências que há nisso. Não à toa, esse já é um tema muito discutido pelos filósofos gregos e pelas tradições filosóficas do oriente, e provavelmente desde o início dos tempos atravessando diversas áreas do conhecimento humano.

Veza ou outra tal questão dispara constantes angústias que sinalizam uma dificuldade de se ajustar a tais possíveis ou sonhados propósitos, sejam eles de qualquer ordem. Uma consequência disso é a sensação de paralisação, engessamento frente a tal obstáculo, e, por conseguinte: uma falta de sentido. Não sente que é possível prosseguir. É um sentimento compartilhado com pessoas próximas e também na esfera das tecnologias da comunicação. Esta última é um lugar no qual se autoriza, de certa forma, a saber sobre os desconhecidos e vice-versa.

A dimensão da tecnologia é algo fundamental no entendimento de como funciona a produção de subjetividades dentro do neoliberalismo. Somos atravessados por essa dimensão tecnológica constantemente. Através dos nossos celulares, logo pela manhã podemos saber o que ocorre do outro lado do mundo. Marcar reuniões importantes, fechar acordos, trocar afetos com amigos e amores e, é claro, nos entretermos ou nos distrairmos também, tudo isso antes mesmo de sair da cama. Essa dimensão da tecnologia que invade nossas rotinas e casas representa um tempo ininterrupto de produtividade e consumo: é o tempo 24/7 descrito por

Jonathan Crary. Essa ideia de um tempo incessante transforma o “tempo sem tempo” (CRARY, 2016), retira demarcações de espaço e instaura uma demanda cada vez maior de uma produtividade constante.

[...] implacavelmente redutor, celebra a alucinação da presença, de uma permanência inalterável, composta de operações incessantes e automáticas. Inscreve-se num momento em que a vida comum se transformou em objeto de técnica. (CRARY, 2016, p. 39)

O uso da tecnologia de forma repetitiva se tornou comum na geração atual. Mesmo que a forma de uso e o tempo gasto de cada pessoa varia bastante, podendo inclusive ser mínimo, não há quem não se utilize desse meio de comunicação em algum momento, nos centros urbanos. Dessa forma, é inegável que isso produza efeitos em nossa produção subjetiva, na nossa construção como sujeitos e na própria criação de sentidos. Não se tem intenção de pintar a tecnologia como um vilão malvado do século XXI, podendo ser inclusive uma ótima aliada, uma ferramenta poderosa. Mas nesse processo, e justamente por compreender a força dessa ferramenta, na qual há uma maior exposição de todos, é preciso olhar para esses efeitos, que obviamente não ressoam da mesma forma em todos.

[...] o 24/7 nos incita a uma identificação insustentável e autodestrutiva com suas exigências fantasmagóricas; ele solicita um investimento sem prazo, mas sempre incompleto, nos diversos produtos que facilitam essa identificação. (CRARY, 2016, p. 41).

Olhando mais de perto as mídias sociais, percebe-se uma dinâmica onde todos parecem concordar com a exposição de uma realidade distorcida. Mostra-se o que é desejado mostrar, tudo pintado de uma forma mais atraente, onde o *feed* alheio sempre parece mais interessante, logo, a vida alheia, passada por bons filtros, parece muito melhor. Essa exposição contribui para um ímpeto de comparação aos demais.

Não é preciso ir muito longe para ouvir a palavra depressão ou ansiedade. Na experiência clínica, queixas relacionadas a esse tema são pontos centrais das demandas e um dos disparadores desta escrita. Não à toa, esse tema convoca de muitos modos um olhar cada vez mais fundo para as formas que temos lidado com o sofrimento humano nos dias atuais, pois ele sempre se atualiza e tem suas marcas a cada período histórico. Sentimento esse acessado pela escuta clínica, mas também

não é muito difícil nos vermos em tais momentos de certa paralisação frente às adversidades da vida.

É sabido que nunca antes, o ser humano conseguiu trocar tantas informações sobre seus sentimentos (entre muitas outras coisas) de forma tão rápida e globalizada devido à internet. Com certa possibilidade de liberdade de expressão, discutir saúde mental começou a ser mais possível nos últimos anos para fora de uma esfera médica, ao mesmo tempo em que os índices sobre quadros de depressão e ansiedade também só aumentaram. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), nos últimos dez anos o número de pessoas com depressão aumentou 18,4%, isso corresponde a 322 milhões de indivíduos, ou 4,4% da população da Terra. Ainda segundo a OMS, o Brasil lidera os índices de população com ansiedade e estresse, e 5,8% dos habitantes — a maior taxa do continente latino-americano — sofre com a depressão. Mas afinal, o que isso diz da constituição do sujeito atualmente?

Esse *boom* de diagnósticos de ansiedade e depressão não vem à toa. Joel Birman em seu livro “O sujeito na contemporaneidade” (2014) nos traz uma dimensão histórica para compreendermos o aumento de tais diagnósticos a partir de uma inflamação de um discurso médico psiquiátrico como a salvação do “mal-estar” da sociedade. Isso nos indica que o aumento de diagnósticos desse tipo ainda se sustenta devido ao peso dado a um discurso médico que “sabe tudo”. Birman (2014) avança por outras questões de relevância, a exemplo do próprio culto ao corpo, pois, se esse representaria um dos bens supremos da sociedade atual, estabelecer uma saúde “perfeita” se constituiria como um novo ideal supremo. A que custo isso tem se dado?

É difícil escapar à impressão de que em geral as pessoas usam medidas falsas, de que buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas e admiram aqueles que os têm, subestimando os autênticos valores da vida. E no entanto corremos o risco, num julgamento assim genérico, de esquecer a variedade do mundo humano e de sua vida psíquica (FREUD, 2013, p. 14).

Lança-se mão de Freud neste momento inicial, pois consideramos um disparador importante a sua discussão sobre mal-estar ainda no início do século XX. Buscaremos então desenhar o significado desse conceito e principalmente compreender como nos atravessa hoje, o que compõe nosso mal-estar contemporâneo.

Através de seu livro *O mal-estar na civilização* (1930), Freud faz uma análise tentando trazer à luz alguns dos elementos que ele julga por possíveis causas dos sofrimentos humanos. Ao longo de nossas vidas, segundo ele, desenvolvemos aos poucos respostas frente aos estímulos do mundo, suas sensações, dores, etc. Segundo Freud, surge uma tendência a afastar do Eu tudo que seria desconfortável, “formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador fora” (FREUD, 2013, p. 18). Nessa relação de defesa contra desprazeres do que Freud considera como “vindos do interior”, usando métodos que caberiam a uma defesa contra os desprazeres “vindos do exterior” do sujeito, é onde se encontram o início de significativos distúrbios psicológicos, pois é nesse momento que o Eu tenta se separar do mundo exterior através do desligamento, que seria nesse caso uma negação, afinal, Freud já nos advertiu: “Para fora deste mundo não podemos cair” (FREUD, 2013, p. 15).

Entendemos que não há separação do mundo, somos e o compomos o tempo todo, em todos os instantes. Sentimos em nossa pele esse fardo, responsabilidade e privilégio. De fato, não é possível sair do mundo, porque nunca saímos de nós mesmos. Ainda que haja uma intenção de se sentir anestesiado por muitas vezes, apenas entra-se em um processo de negação, de um adiamento da elaboração de uma angústia, que pode ter desdobramentos ainda mais complicados em outros momentos. Quando dizemos sobre mundo, dizemos de nós mesmos, mas essa sensação de sair do mundo acompanha também a ideia de um bode expiatório onde se direciona toda a origem do sofrimento. Não é incomum apontarmos para um “fora” a causa das nossas angústias, delegando apenas a tal algoz a possibilidade de se cessar toda aflição. É necessário assumir responsabilidades na nossa produção subjetiva.

Outro ponto interessante desse movimento da culpa é a sensação por muitas vezes de “carregar o peso do mundo”. Por diversas vezes nos vemos sobrecarregados com acontecimentos que nos atravessam de tal forma que somos tomados completamente por uma sensação de dor e impotência tremenda. Acontecimentos catastróficos, guerras, movimentações políticas, aumento de fome no mundo etc. Essa é uma narrativa comum no cenário clínico. O paciente, ao se deparar frente a uma avalanche de acontecimentos no globo, diminui-se completamente, seus problemas parecem insignificantes e um pessimismo exacerbado projeta-se aqui e

evapora uma ideia de futuro, planos e sonhos. Um exemplo disso é o cansaço dos pacientes que possuem um histórico militante. A análise que fazem do cenário político atual no Brasil acaba por configurar um desânimo frente a seus planos. Como continuar estudando/trabalhando para uma profissão ou propósito que talvez não exista em um futuro próximo? A própria constituição de sentido em sua vida se esvai do mesmo modo que a configuração de uma cadeia de acontecimentos frustra o que almejam, não só em uma dimensão individual, mas também em uma dimensão de construção do coletivo.

Retomando Freud (2013), somos apresentados a outra importante questão que também emerge como uma questão fundamental do mal-estar: uma busca por finalidade, propósito, como ilustramos em um exemplo no parágrafo anterior. Busca essa muito bem absorvida e apresentada pelas religiões e também por algumas doutrinas filosóficas. Afinal, qual seria o propósito da vida humana? O que fazemos aqui? Freud nos apresenta, após olhar a própria conduta humana, a busca pela felicidade como uma resposta plausível. E nessa busca, segundo ele, se apresentam dois caminhos: o negativo, que busca a ausência de sofrimento, e o positivo, que busca experiências que proporcionem “fortes prazeres”. Interessante perceber que, nessa busca, sempre se criam maneiras para se esquivar de qualquer sofrimento. Há inclusive quem sofra sem conseguir construir uma narrativa para tal sentimento, ou seja, se sofre sem saber o porquê. Nessa fuga do sofrimento, o próprio tempo para elaboração tem se perdido e se evitado. E é nesse fio que mora grande parte da real experiência do sofrimento: como suportar o presente? A própria ideia de temporalidade exerce um importante papel na construção da experiência do sofrer. Uma nostalgia de um passado que foi perfeito ou a esperança de um futuro onde finalmente tudo dará certo, reforça uma apropriação do presente.

Segundo o professor e psicanalista Christian Dunker (2017), a experiência do sofrimento gira em torno de três condições principais: a narrativa do sofrimento, o reconhecimento de tal sofrer, e a transitividade, que diz respeito a transformar a experiência em algo pertencente ao coletivo de alguma forma. Dunker sinaliza com essas condições uma dinâmica de poder ao redor do sofrimento, que nos interessa muito aqui.

O poder dos opressores, o poder das vítimas, o poder dos indiferentes e até mesmo o poder da indiferença ao poder. O poder gerado por quem pode

reconhecer o sofrimento e de quem esperamos legitimidade, dignidade ou atenção, seja alguém o Estado ou o ordenamento jurídico e suas políticas públicas, seja as imagens do médico, do padre, do doutor ou do policial, sejam ainda aqueles com quem compartilhamos a vida cotidiana e, mais ainda, aqueles a quem amamos (DUNKER, 2017, p. 12).

A dimensão do sofrimento parece poder percorrer vários caminhos; quando não ocorre a “fuga” do sofrimento, ele transborda para o coletivo e precisa então ser validado por um grupo, ou grupos, como colocou Dunker no trecho acima. Há um caminho de validação aqui, de uma autorização do sofrer. No contemporâneo, assim como em todos os outros recortes históricos, o sofrer não é qualificado para toda as pessoas. É a sociedade que, através de vários sinalizadores, indica quem está autorizado a sofrer. Os limites traçados aqui podem ser inúmeros, mas o que interessa que se destaque neste texto é que há sempre vidas que são valorizadas em nosso constructo social e há vidas que não são. Ou seja, muitas experiências de sofrimento não interessam.

A greve da polícia no estado do Espírito Santo, ocorrida em fevereiro de 2017, nos ilustra muito bem isso. Em uma chamada de um dos principais jornais do estado se noticiou: “Greve da PM teve 219 mortes e prejuízo no comércio do ES”. Na ocasião, houveram momentos de fechamento completo de lojas e a população chegou a ficar sem sair de casa por dias. As mortes, no entanto, aconteceram majoritariamente em bairros periféricos da grande Vitória e banalizadas por grande parte da população, que viu as mortes como acertos de contas entre gangues rivais e mortes merecidas por suposto envolvimento criminal. Não houve comoção da maior parte da população, nem mesmo uma indignação pelas centenas de corpos negros e pobres mortos. A grande preocupação das classes média e alta naquele momento (e ainda hoje) era proteger suas propriedades privadas de serem violadas devido à falta de policiamento.

Segundo Judith Butler (2009) há uma “vida não passível de luto”, ou seja, vidas pelas quais não se chora, não se precisa lamentar. Logo, se há vidas consideradas “menores”, como subvidas, haveria também sofrimentos “menores”, julgados como de menor importância. Estamos falando das minorias sociais: negros, indígenas, quilombolas, comunidade LGBTQIA+, mulheres, pobres, imigrantes, entre outros grupos diminuídos socialmente, inclusive na aplicação de direitos fundamentais. Essa dimensão de validação comporta muitas outras em cada espectro social. Seja

qual for sua categoria, ou classe social, haverá regras sobre uma validação do sofrimento. Nesse sentido, o sofrimento só se afirmará legítimo a partir do olhar do outro.

Esse sinalizador social demonstra de modo simples e cruel como é possível existir diferentes níveis de validação do sofrimento social. Afinal, quem está autorizado a sofrer? Quem tem tempo para se debruçar em suas próprias angústias? Nesse sentido, é preciso reafirmar que nossa existência comporta parcelas de sofrimento. Não é possível uma existência sem essa dimensão. Onde muitos padecem questionando o porquê do sofrimento é preciso investir tempo na elaboração desse processo, pois só assim haverá a possibilidade da criação de novos possíveis.

É impossível criar sem amor e angústia, e essas duas experiências dependem de estar só. Não se trata apenas da quietude, isolamento e esvaziamento, mas de um conjunto de sentimentos altamente necessários para a saúde mental, sumariamente: estranhar a si mesmo, espantar-se como mundo, perceber-se contraditório, fragmentado, múltiplo, diferente de si mesmo, frágil, vulnerável, capaz de sobreviver e de “suportar-se” (DUNKER, 2017, p. 24).

Dunker (2017) nos traz à luz outro analisador do sofrimento humano, no sentido em que as pessoas possuem extrema dificuldade de estarem sós. Ele não se refere a uma auto exclusão do mundo, à falta de interações sociais, ou ao mero isolamento. Mas diz da necessidade de uma solidão necessária, condição importante para o próprio momento de elaboração de várias questões. A própria impossibilidade desse momento poderia, segundo o autor, configurar quadros patológicos. É preciso desviar de investir no outro a validação de nossos desejos, para não ficar à mercê de critérios alheios. De muitas formas, estamos inseridos nessa dimensão desde que nascemos e por isso travar limites se faz necessário até para tentarmos fugir de uma dívida constante com o outro que persegue o sujeito contemporâneo.

A solidão benéfica nunca se estrutura em torno de *Eu não preciso do outro*. É justamente quando me dou conta de que preciso do outro, mas não absolutamente, que a solidão se torna um espaço criativo. Ou seja, nesse momento ela deixa de ser sentida como experiência deficitária. A solidão patológica é sentida como humilhação social, o que costuma ser resolvido por meio de mais e maiores práticas de isolamento, distância e controle sobre a presença do outro ou por meio de próteses na qual mimetizo estados de compartilhamento com o outro, que na verdade são divisões de falsa solidão. Solidão benéfica é solidão reconhecida (DUNKER, 2017, p. 31).

A famigerada busca pela felicidade pode levar a diversos caminhos diferentes visto que cada um tentará trilhar um que busque alcançar algum nível de satisfação. Ora, segundo Freud (2013), a própria satisfação dos desejos singulares de cada um traria essa sensação de felicidade, porém, qualquer forma de negação da libido, uma negação do mundo a determinadas vontades, culminaria em sofrimento. Freud (2013) inclusive apresenta o deslocamento da libido a outros objetos como tentativa de afastar algum sofrimento. Ainda diz que ante alguma barreira inaceitável do mundo e frente ao nosso desejo, qualquer um de nós poderia agir como paranoicofrente a tamanha frustração.

O mal-estar (*Unbehagen*) é uma noção intuitivamente acessível, mas difícil de conceitualizar. Todos nós já passamos por aquela situação na qual o que deveria ter ficado tácito e pressuposto vem à tona, revelando um desencontro de expectativas e rasgando o semblante de nossa representação social [...] O mal-estar é a experiência desta zona de indeterminação, anomia e contingência que acompanha toda transformação, mas também todo fracasso transformativo; por isso seu afeto fundamental foi pensado por Freud como sendo a angústia e suas variações mais próximas: sentimento de culpa, desamparo e ansiedade expectante (DUNKER, 2017, p. 243).

Na análise de Freud (2013), ele já se situa em uma sociedade com grandes avanços tecnológicos vividos pelo ser humano naquele momento. Assim, coloca em evidência esses avanços, assim como várias formas de dominação da natureza pelo homem, algo que trouxe novas possibilidades à humanidade, mudando o mundo como conhecemos já em 1930. A evolução tecnológica para Freud é um falso problema, que só adia a problemática do vazio existencial, o que entendemos como a dificuldade da elaboração de criação de sentido. A própria ideia da falta é produzida, fabricada socialmente. As tecnologias inclusive são grandes aliados na tentativa de evitar essa sensação, pois constroem a promessa de um entretenimento constante. O uso da tecnologia inclusive implica em uma possibilidade de conexão virtual em uma dimensão 24/7. É interessante pensar que, por mais que muitas discussões e informações consigam se expandir nesse sentido, ao mesmo tempo cria-se outro tipo de pressão aqui: a comparação 24/7. E a impossibilidade cada vez maior da solidão, a dificuldade — uma disciplina muito grande — para se desconectar em alguns períodos. Inclusive Dunker já nos sinalizou sobre a solidão como necessária à formulação das questões de cada um.

O *feed* alheio sempre parece mais interessante, mais completo, cheio de experiências incríveis, e não vivê-las, parece diminuir a própria existência. Esse olhar para o/do outro sempre esteve presente em nossas construções subjetivas, mas, de várias formas, parece ganhar nuances mais intensas justamente no ganho de uma presença quase ininterrupta, em uma ideia do panóptico de Bentham usado pelo Foucault em “Vigiar e Punir” (2014), ou até a ideia de um Big Brother trazido pelo escritor George Orwell em “1984” (2020) que sempre está a nos vigiar, e que também utilizamos para vigiar o outro. Passamos dessa forma a não apenas almejar outra vida mais atraente e sofrer com tal impossibilidade, mas como também a entender o uso das mídias sociais como uma forma de validação para nossas vidas. Nesse sentido, qualquer experiência só parece ganhar veracidade se compartilhada nas redes sociais. Muitas vezes, isso é uma forma de tentar construir o que se desejasse, visto que, em um mundo virtual, tentamos ter o controle do que dividimos com o outro, e (quase) ninguém parece dividir os aspectos que acha negativo sobre si. Tanto pela impossibilidade de reconhecê-los, quando pela ocultação consciente desses aspectos.

A própria ideia de um controle aqui é completamente questionável em um sentido que a necessidade de uma postagem vai de encontro a demandas sociais, a quem se deseja agradar, um reforço a ideias pré-estabelecidas, a tentativa de ser admirado, etc. Estamos nos colocando à mercê do outro em um jogo que todo mundo concordou em jogar dessa forma. Será que somos assim tão donos do que postamos? Somos atravessados por essa demanda do outro, por nossos desejos, por nossa história, experiências, frustrações, perdas, alegrias, conquistas, enfim, tudo isso compõe o que tentamos expressar como singular em nós, e dessa forma, também construirá a parcela que tentamos expor de tudo isso.

O mundo atual, mundo da tecnologia onipresente parece também tentar adiar para sempre o “fim do mundo”. A ideia da imortalidade através da tecnologia tornou-se um tema discutido em diversos meios do saber, seja no cinema, na literatura, mas também na própria ciência, que promete estender a vida até onde nossos antepassados não conseguiram. Não apenas há a promessa de uma extensão de vida humana, mas o também acompanha isso, ou seja, uma promessa da possibilidade eterna de repor recursos necessários para tal acontecimento. Por vezes, há uma falsa sensação de que os recursos naturais disponíveis são infinitos,

justamente porque vivemos em um momento de extremo avanço tecnológico. Disparam então por um lado o fortalecimento do homem inatingível ao mesmo tempo em que, por outro lado, surge a preocupação constante em se preservar os recursos, entendendo sua finitude a partir dos movimentos ecológicos e os partidos verdes ao redor do mundo, por exemplo. Ainda no mal estar de Freud:

Atualmente os seres humanos atingiram tal controle das forças da natureza, que não lhes é difícil recorrerem a elas para se exterminarem até o último homem. Eles sabem disso; daí, em parte, o seu atual desassossego, sua infelicidade, seu medo (FREUD, 1930/2010, p. 122).

Freud (1930/2010) anuncia a audácia do homem para se manter no controle. Importante marcar a posição histórica de Freud que se encontra no limite entre o mundo do século XIX — início do século XX— e o mundo do consumismo pós-guerra: “o fim da tragédia”. Através dessa perspectiva, que mesmo representando um recorte histórico: a Europa em dado momento, nos faz pensar sobre o que compunha aquela construção social dos anos 1930 e como isso fala conosco atualmente, que é o que de fato nos interessa aqui. Como essas questões trazidas naquele momento ainda ressoam no nosso contemporâneo? Segundo Freud:

O programa de ser feliz, que nos é imposto pelo princípio do prazer, é irrealizável, mas não nos é permitido — ou melhor, não somos capazes de — abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização [...] Em nenhum desses caminhos podemos alcançar tudo que desejamos (FREUD, 1930/2010, p. 40).

Freud (1930/2010) expõe as limitações do ser humano e aponta a impossibilidade de estar no controle como se é desejado. É possível tecer territórios firmes e propor modulações em nossa constituição subjetiva, mas só é possível a partir do entendimento de tais limites. Não é possível inclusive dizer sobre mal-estar, sobre sofrimento, sobre angústia, ou ainda depressão, síndrome do pânico, entre outros diagnósticos; sem considerar o caráter político, as relações de poder e as máquinas dominantes nesse cenário caótico que trataremos a seguir.

### 3.2 A LÓGICA 24/7 E A MÁQUINA CAPITALISTA

A partir do trabalho de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tentaremos desenhar aqui melhor esse mal-estar contemporâneo que trago em destaque. Deleuze e Guattari elaboraram em sua obra *O Anti-Édipo* (1972) uma concepção de desejo que possui uma dimensão produtiva, ou seja, o desejo em si como movimento; ele modula os agenciamentos e reestrutura o real. “Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade, e de realidade.” (DELEUZE & GUATTARI, 2010, p. 43). “Na verdade, a produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas. Dizemos que o campo social é imediatamente percorrido pelo desejo, que é o seu produto historicamente determinado” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 46).

E por que dizemos do desejo? Ora, porque compreendemos que é ele quem produz o real, os agenciamentos, afinal, o desejo pede passagem, pede forma e devemos ficar atentos às formas que ele tem tomado. Enfim, pensar nessa produção de realidade diz do próprio fluxo do desejo, que, por sua vez, está relacionado a produção de subjetividade e de uma construção de sentido do sujeito em ser/estar no mundo. Afinal, que mundo é esse que temos estruturado a partir de nossos desejos? E a que o desejo tem pedido passagem?

Importante pontuar a historicidade também da obra *O Anti-Édipo*. Nessa obra, já em 1972, em um momento de efervescência política pós-maio de 68, Deleuze e Guattari buscam captar a potência dessa abertura que ainda ressoa. Para, além disso, os autores tentavam olhar para aquele momento borbulhante com mais prudência, mais cuidado, tentando tatear as novas possibilidades do existir e novas produções de subjetividade que brotaram dos encontros desse momento histórico. Sinalizo aqui essa linha histórica para marcar as possibilidades e limitações do lugar de quem emite um discurso em seu tempo. Estamos a olhar para o momento do “agora”, que é constantemente ultrapassado por novos acontecimentos, mas que nos coloca no olho do furacão, de quem também é afetado na pele a cada instante pelas novas dobras do mundo. E, por isso, se marca a possibilidade de que algo escape dessa análise, mas, mais do que isso, marcamos a importância de assinalar o tempo histórico no qual estamos inseridos. Não à toa esse recorte histórico de *O Anti-Édipo* também traz um embate ao discurso que a psicanálise ocupava em uma sociedade

disciplinar de por muitas vezes compactuar com o projeto de um corpo dócil, assim como muitas outras áreas do saber.

Dizer sobre as rupturas de maio de 68, também nos convoca a pensar nas rupturas que nos atravessam hoje. Em um sistema de um capitalismo 24/7 como chamou o professor Jonathan Crary (2016), chegamos a um ponto ainda mais crítico de captura desse sistema. Segundo o autor, avanços da ciência caminham para diminuir a necessidade de sono de nossos corpos. Projetos que são direcionados a soldados hoje, nos atentam a um processo que já vem acontecendo há muito tempo: a produção não pode parar. Com o *boom* das mídias sociais e tecnológicas, as formas de relações se alteram, não apenas relações pessoais, mas também comerciais e financeiras. Com uma tecnologia que nos permite sempre estar conectados online, a ideia de um mercado 24/7 torna-se não apenas possível como plausível e importante ao sistema. Sinaliza que sempre há um consumidor disponível em qualquer hora do dia, logo é preciso produzir mais. Uma produção que não apenas representa bens de consumo, para Crary (2013) é a representação dos mecanismos de controle que o capitalismo usa através das tecnologias e que modificará as relações sociais e produções subjetivas.

A financeirização do dinheiro em um sistema fictício, crédito, ações e bolsa de valores, criaram no último século uma nova dobra econômica que se expandiu para a produção de subjetividades. Há uma exigência de produção tão alta, que sempre implica estarmos em dívida com o outro. Não é apenas o mercado que precisa produzir, há uma economia das subjetividades que se instaura. Segundo Crary (2016), a ideia bélica de produção de um soldado sem sono em tempos de combate seria o “precursor do trabalhar ou do consumidor sem sono”, porém, o sono ainda é um último reduto protegido pelo capitalismo, pelo menos por enquanto. Isso não significa que não foi remexido ou alterado. A dimensão dos *workaholics*<sup>8</sup> pelo mundo nos exemplifica bem isso: a ideia de que um trabalho quase ininterrupto, noites de insônia, estresse, acaba por resultar em sucesso.

O termo 24/7 é um tempo de indiferença, ao qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e onde o sono não é necessário nem inevitável. [...] Foi-se a época em que a acumulação era, acima de tudo, de coisas. Agora nossos corpos e identidades assimilam uma superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico e

---

<sup>8</sup> Viciados no trabalho.

muitas vezes fatal. A sobrevivência do indivíduo, a longo prazo, é sempre dispensável [...] Da mesma forma, o imperativo 24/7 é inseparável da catástrofe ambiental, em sua exigência de gasto permanente e desperdício sem fim, e na interrupção fatal dos ciclos e estações dos quais depende a integridade ecológica do planeta (CRARY, 2016, p. 19).

Não é difícil perceber que esse processo já faz parte do nosso constructo social. Podemos consumir a qualquer momento graças à internet e seus dispositivos. Sendo que a própria ideia de um consumo interruptivo nos leva conseqüentemente a ideia de uma produção incessante. “Um ambiente 24/7 aparenta ser um mundo social, mas na verdade é um modelo não social, com desempenho de máquina — e uma suspensão da vida que não revela o custo humano exigido para sustentar sua eficácia” (CRARY, 2016, p. 18).

Deleuze e Guattari (1972) nos apresentaram o conceito maquínico das instituições. O inconsciente maquínico, habitado por máquinas desejantes. Máquinas desejantes referem-se a essa subjetivação, pois nos expõem a constituição do sujeito no social. Afinal, a subjetividade não se situa apenas no campo individual, mas é composta a partir de todos os processos de um campo produtivo social e, por consequência, pelo coletivo. A dimensão das máquinas nos aponta as possibilidades de acoplamentos com outras máquinas, cortes, fluxos, e, assim, desdobrando-se em outras formas subjetivas. O conceito maquínico é colocado para fortalecer o conceito de uma potência produtora. As máquinas desejantes são organizadas pela máquina social e o desejo compõe uma produção de realidade. Aqui mora um dos disparadores desta análise: qual é a realidade que nos detêm neste estudo? Estamos olhando para uma construção do real que produz sintomas, patologias e diagnósticos, por vezes confusos, e sujeitos paralisados frente às adversidades que enfrentam em seu meio.

A partir dessas formulações falaremos ainda mais sobre o sistema capitalista e sua composição junto ao fluxo de desejos, já que nunca se descolam, como muito bem exemplificado por Crary (2013). Destaca-se aqui a grande marca da máquina capitalística (DELEUZE; GUATTARI, 1972/2010): constituir-se como a máquina da descodificação. Se nas sociedades pré-capitalísticas o desejo estava codificado, ou seja, territorializado, com lugares sociais demarcados, o capitalismo apresenta sobre a subjetividade, a descodificação dos fluxos de desejos. Esse movimento traz uma experiência das incertezas, imprevisibilidades, a cada época a sua própria incerteza

e imprevisibilidade. E, devido a isso, o fluxo do capital torna-se também a normalidade desejada para fugir de uma instabilidade difícil de sustentar. A máquina capitalista compreendeu rapidamente que a produção mais importante para a prosperidade do seu sistema, não estava dentro das fábricas, nos poços de petróleo ou nem mesmo nas guerras. A produção mais importante é a produção de subjetividade.

Nesse sentido, o próprio cuidado com a chamada saúde mental também entra em pauta. Não à toa, o aumento de publicações de autoajuda, palestras motivacionais, e *coaches*<sup>9</sup> que surgem com a promessa de estancar o problema de forma mais rápida. Sem demora, a máquina capitalista trata de reafirmar, também com esses dispositivos, seu lugar à mesa e sua presença onipresente nas produções de subjetividades. A busca pela felicidade cria então um pujante mercado, movimentando altas cifras diariamente. É quase possível comprar o que se deseja *ser*, e nessa mesma dimensão, a impossibilidade da conquista material daquilo que finalmente te transformaria, causa profunda perda de sentido e angústia.

Não é tão simples assim: é que a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades, implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade (ROLNIK, 1997, p. 1).

Percebe-se tal movimento pela versatilidade do mercado, que lança a cada estação novos “objetos transformadores de personalidade”. Há sempre a nova chance de ser outro, é só trocar uma roupa ou fazer algo novo que está na moda, que tudo será restaurado novamente. A ideia de um vazio sempre retorna, pois todas essas supostas mudanças, que de fato podem operar algum significado, não conseguem se sustentar. Isso ocorre pois acontecem em um nível epidérmico demais, frágil demais. É nas entranhas que de fato sentimos algo mudar.

---

<sup>9</sup>Coaches: treinadores (tradução). Termo usado para referir-se a um trabalho dirigido por metas a serem cumpridas de forma a alcançar um objetivo traçado pelo cliente. Esse tipo de prática se expandiu para diversas áreas da vida e é manejado em sua maioria por trabalhadores que não são especialistas nas áreas que se propuseram a aconselhar sobre.

Nossas máquinas desejantes são organizadas pela máquina social. Precisamos descobrir nossas próprias máquinas desejantes, pois sentir a potência e não ter como expressar pode causar profunda angústia e sensação de falta de sentido. O capitalismo apresenta então como via de solução para isso a submissão e consumo.

Jamais encontraremos o sentido de alguma coisa (fenômeno humano, biológico ou até mesmo físico) se não sabemos qual é a força que se apropria da coisa, que a explora, que dela se apodera ou nela se exprime. Um fenômeno não é uma aparência, nem mesmo uma aparição, mas um signo, um sintoma que encontra seu sentido numa força atual (DELEUZE, 1976/ 2011, p. 5).

Suely Rolnik em sua recente publicação “Esferas da insurreição” (2018) nos traz uma interessante análise sobre os desdobramentos do sistema capitalista. Ela entende tais atualizações desse sistema como formas de sofisticação que o sistema vem passando desde sua fundação no século XV. Dentro dessas atualizações, o capital contemporâneo, ganha forma financeirizada, neoliberal e globalitária com mais força em um momento pós-guerra mundial. Diante disso, é fortalecido após a onda de movimentos micropolíticos dos anos 1960 e 1970. Não à toa a escrita de Deleuze e Guattari (1972/2010) nesse mesmo momento, tenta circundar as polifonias dessa época e seus efeitos nas produções subjetivas relacionais. Compreender o capital e sua ordem é tentar desenhar a própria subjetivação dos sujeitos, seus desejos e sonhos, suas rupturas e desordens. A partir disso, tentar cartografar os processos que nos atravessam principalmente nessa dobra de produção necessária ao capital que é a produção subjetiva. Rolnik avança nos apresentando uma nova dobra a partir de Toni Negri e Michael Hardt: “o capitalismo cognitivo”.

No caso da nova dobra do regime colonial-capitalístico, o abuso da pulsão vital nos impede de reconhecê-la como nossa, o que faz com que a sua reapropriação não seja tão óbvia como gostaria nossa vã razão (ROLNIK, 2019, p. 35)

Rolnik (2019), a partir de Negri e Hardt, refere-se a uma captura da potência de criação, que nos é fundamental na análise dessa escrita. Ao mesmo tempo em que anunciam a dificuldade desses momentos de captura (de ordem mais invisível), esses mesmos momentos são intensamente permeados de afetações potentes de movimentos micropolíticos que brotam dessas desterritorializações. As possibilidades dessas fendas se dão justamente porque existimos por uma

subjetivação, sendo importante ressaltar que nunca é individual e única, ela nos desenha uma conjuntura coletiva de sociedade. A partir daí, constituímos nossas individuações e nossas singularidades. Mas somos coletivos e *socius* o tempo todo. Nunca estamos dissociados disso. Por isso, faz-se indispensável analisar o sistema capitalista que também modula nossas experiências como sujeitos no mundo.

Nossos modos de existir dão-se através de codificações e desterritorializações constantes. E, por isso, o capitalismo modula-se a partir das reterritorializações como formas de captura, trazendo uma enorme dimensão de sofrimento e instabilidade à vida. Nesse próprio movimento opressor, a força coletiva insiste em resistir.

Períodos de convulsão são sempre os mais difíceis de viver, mas é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbis — uma condição a que estamos todos destinados pela cafetinagem da pulsão vital. Vale assinalar que em sua dobra financeirizada, o regime colonial-capitalístico exerce essa sua sedução perversa sobre o desejo cada vez mais violenta e refinadamente, levando-o a se entregar ainda mais gozosamente ao abuso. Nesse grau de expropriação da vida, um sinal de alarme dispara nas subjetividades: a pulsão se põe então em movimento e o desejo é convocado a agir [...] Por isso momentos como este de agora são sempre também os mais vigorosos e inesquecíveis (ROLNIK, 2019, p. 25).

Não é pertinente romantizar o sofrimento, mas não é possível descolá-lo da nossa experiência humana. Distanciando-se da direção de incentivá-lo, mas de entender como o não acolhimento desse sentimento, também face da vida, pode nos colocar em uma dificuldade ainda maior de produção de sentido. Qual a pertinência do sofrer?

Ora, tentamos sempre olhar para uma experiência pelo começo ou pelo fim. Ou seja, há sempre um esforço de uma construção de vida linear, quando, na verdade, a vida se dá no acontecimento do entre. A partir do meio, na explosão dos encontros e em uma forma de vida rizomática, como sugere Deleuze e Guattari (1972). Portanto, existimos nesse bordado de emaranhados e redes. Colocamos aqui uma possível via de construção de novos possíveis como a própria construção de uma vida rizomática. O rizoma é esse gerador de efeitos constituído por linhas com estruturas acentradas. Rizoma é formado por *platôs*, que por sua vez diz de uma rede de intensidades vibrando sobre eles mesmos. O rizoma não começa e nem conclui. Traz-nos uma vida que é formada pelos seus acontecimentos em redes, incluindo

inclusive o próprio sofrimento como parte dessas redes. Os agenciamentos maquínicos do desejo nos dizem justamente sobre o que se dá no entre, em uma ideia que toda experiência é “pega” pelo meio, ela não se dá pela raiz. É nessa linha que conseguimos compreender um agenciamento coletivo de enunciação sobre o nosso campo de representação na realidade. “O meio não é uma média, é onde as coisas adquirem velocidade” (DELEUZE; GUATTARI, 2007, p. 37).

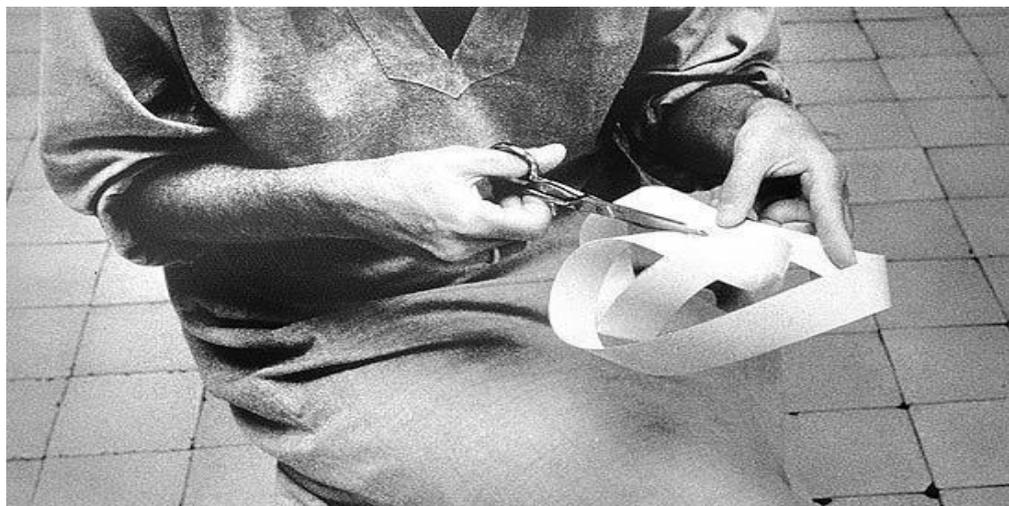
É nessa costura dos agenciamentos que produzimos sentido ao nosso viver e é sobre esse entre, essa nossa constituição de realidade do “agora”, que queremos olhar. Sobre isso Rolnik (2019) nos orienta sobre a necessidade de fugir de uma vida que define como “cafetinada”. Para a autora, é a própria exploração da força de trabalho, a fim de extrair a mais-valia, que levaria tal nomeação. A própria ideia de um abuso do capital que invade nossas vidas configuraria tal termo. O termo “cafetinada” vem justamente de uma ideia de uma vida prostituída, tomada. Nesse contexto então, como é possível tecer linhas ao redor dos movimentos endurecidos? Mas primeiro, de quais movimentos endurecidos falaremos aqui?

Esse quadro nos conduz a uma busca incessante por um aperfeiçoamento de um corpo considerado bom, útil, onde o envelhecimento deve ser combatido e a morte sempre adiada. O status social não escapa desse ideal de aperfeiçoamento do corpo. Ou seja, aquilo que engloba coisas que você conseguiu adquirir: um diploma, um casamento, um filho, uma casa, uma viagem, o carro do ano, uma roupa, dentre outros. Essa categorização cria uma onda de sofrimento e ansiedade por uma busca incessante por um desempenho ideal dentro da nossa sociedade. Outro aspecto fortemente marcado nas mídias sociais. Na clínica, há uma narrativa que tem atravessado pacientes mais jovens e em período universitário: a pressa. As falas vão a um sentido de estarem sempre atrasados, seja em relação aos outros ou aos próprios planos.

Com uma vida marcada pelas identidades *prêt-à-porter* (ROLNIK, 1997), já prontas a priori, a serem escolhidas, modos de vidas a serem consumidos, Rolnik nos sinaliza os desdobramentos disso na constituição do sofrimento ao usar a imagem da fita de Moebius da qual a artista Lygia Clark, inspirada por Lacan, apropria-se para demonstrar cortes e possibilidades de caminhos e de corte do desejo (Figura 1). A própria fita nos dá essa imagem do entre, de não ter começo nem fim, de nunca

estar fora ou dentro. É possível aqui que o desejo faça seu corte na fita, de forma que sempre ultrapasse o corte inicial e siga por novos caminhos: essa é a dimensão criativa. A outra dimensão é a qual nos atentaremos com mais cautela.

Figura 1: Caminhando (1964), de Lygia Clark.



No cenário da fita de Moebius que desenham os fluxos de desejo, sempre haverá o desejo que insistirá nos mesmos pontos para o corte, traçando um caminho linear e conservador. Alguns insistirão que esse é o caminho mais equilibrado e de fato é. Mas equilíbrio refere-se à conformidade, passividade, linhas retas \_\_\_\_\_ - - - morte. A vida nos pede movimento, inquietude, desobediência, transgressão.

Se a tensão entre estranho e familiar lhe traz esse perigo imaginário é porque, assim limitada ao sujeito, a subjetividade desconhece o processo que leva à constante transmutação de si e do mundo, por não ter como nele sustentar-se [...] Tomada pelo medo que provoca esse perigo imaginário de desfalecimento, ela é invadida por fantasmas que a assombram [...] Os fantasmas levam a subjetividade a uma interpretação equivocada do mal-estar da desestabilização que essa experiência paradoxal lhe provoca, o qual é por ela vivido como “coisa ruim”. Assim interpretado, tal mal-estar converte-se em angústia do sujeito (ROLNIK, 2018, p. 67).

A ideia de um mercado de imagens para a subjetividade se torna então, um refúgio para os que não conseguem ultrapassar os mesmos pontos. O consumo, nesse sentido, é um forte aliado das personalidades *prêt-à-porter*. Aqui se destrincham dois caminhos complicados, um em que o sujeito se culpapor tudo, entrando em um movimento de autodepreciação, e outro em que irá direcionar a outro o papel do algoz de todos os males. É preciso reforçar que esse tipo de corte, muitas vezes, encontra-se em sujeitos que possuem um quadro patológico: como depressão,

síndrome do pânico, crises de ansiedade, no qual torna-se ainda mais difícil se dispor a um movimento efetivo. Assim, tais pessoas mantêm-se em uma “zona de conforto”— que não quer dizer confortável — mesmo que em um estado extremo de desconforto, para tentar sobreviver.

O capital se apropria disso de muitas formas. Os diagnósticos e o próprio consumo de psicotrópicos também passam a ser utilizados como medida de estancamento. Não se pretende travar uma luta contra a questão do uso dos medicamentos em si, pois compreende-se a necessidade desse recurso em determinados casos e períodos. A intenção é problematizar essa dimensão.

Na verdade, tanto faz qual será o ponto discursivo elegido para o corte — da assim chamada “baixa cultura” às mais sofisticadas piruetas filosóficas. É que da perspectiva dessa política de desejo, diferentes visões de mundo passam a equivaler-se, já que a relação que a subjetividade estabelece com qualquer uma delas é a mesma: seu consumo para recobrar temporariamente uma voz por meio de seu mero etc. Seja qual for a visão adotada, ela é usada como um discurso-clichê que serve de guia para uma subjetividade [...]. É isto que a torna presa fácil de qualquer imagem ou discurso e a faz acatá-la como palavras de ordem (ROLNIK, 2018, p. 73-74).

Na experiência clínica é comum pacientes já chegarem ao processo terapêutico com diagnósticos e receitas prescritas pelos seus psiquiatras e o sujeito — por justamente pairar sobre os modos de existir — encontra no diagnóstico uma justificativa e a definição que estava faltando para seus sintomas. E, por vezes, essa definição é vista como único ponto de direcionamento possível pelo paciente pois essa relação com o diagnóstico traz inicialmente quase um alívio. É a chance de compreender o que sente, sendo nesse momento que consiste certo perigo, pois o paciente pode tomar para si o diagnóstico como uma resposta final de seu estado e não como um dispositivo que auxiliará em um processo de melhora. O trabalho psiquiátrico, por muitas vezes, pode ser um aliado ao processo terapêutico. É sobre o discurso medicalizante de captura dos corpos que estamos tentando nos manter em alerta. É nas possibilidades de práticas que reduzam as subjetividades é que devemos lançar nosso olhar.

Há vários pacientes na clínica que se utilizam do discurso médico como uma medida para indicar alguma melhora, como se o aumento ou não de dosagens medicamentosas fosse um sinal de melhora ou piora. Pode parecer uma forma

simplista de ter respostas mais “diretas”, e por vezes, quando sentem que há um avanço no processo terapêutico, podem se ver devastados pelo aumento da dosagem de algum psicotrópico. Não se compreende como uma forma simplista, mas uma urgência de se ver em um lugar de cura. Sendo isso, privilegia-se o trato dessa questão. Compreender esse mal-estar que rodeia a vida contemporânea, e em segundo momento, essa incessante urgência de uma cura, pois isso coloca em xeque o que compreender-se como saúde e como patológico. Não queremos todos nos curar de algo de certa forma? Ou melhor, nos livrar de algo? E isso diria de fato de uma cura? Há sempre uma queixa, um sintoma que urge a cada movimento da vida, e o qual não podemos ignorar.

## 4 CORPOS ESGOTADOS: UMA CARTOGRAFIA DO SUJEITO DEPRESSIVO NO CONTEMPORÂNEO

No diagramar de forças do contemporâneo, somos constantemente atravessados por uma constituição de vida moldada por um biopoder. Compreendemos, a partir de Michel Foucault, que esse biopoder refere-se a um poder investido em uma gestão do controle da vida (FOUCAULT, 1985/2014). Se antes, em uma instituição de soberania, o poder de vida afirmava-se a partir de um poder sobre a morte, num sentido de deixar morrer para afirmar uma vida, atualmente, a dimensão do biopoder nos apresenta uma face estranhamente mais cruel ao afirmar uma gestão sobre a própria vida. De certa forma, já ultrapassamos a ordem colocada por Foucault em *Vigiar e Punir* (1975/2014) unicamente, como apenas formas de docilização dos corpos e posturas de obediência. As sociedades de controle são, então, uma mistura entre disciplina e biopolítica.

Gerir a vida, mais do que exigir a morte. Assim, se antes o poder consistia em um mecanismo de subtração ou extorsão, seja da riqueza, do trabalho, do corpo, do sangue, culminando com o privilégio de suprimir a própria vida, o biopoder passa agora a funcionar na base da incitação, do reforço e da vigilância, visando a otimizar as forças vitais que ele submete. Ao invés de fazer morrer e deixar viver, trata-se de fazer viver e deixar morrer. O poder investe a vida, não mais a morte — daí o desinvestimento da morte, que passa a ser anônima insignificante (PELBART, 2016, p. 26).

O filósofo Peter Pál Pelbart nos apresenta uma análise do contemporâneo a partir de sua obra *O avesso do nihilismo — Cartografias do esgotamento* (2016), que pretendemos destrinchar para desenhar esse homem da atualidade. Partindo do conceito de biopoder de Foucault (1976) ele prossegue apresentando o homem atual como uma máquina biológica, numa dimensão de vida humana reduzida. Para além do fazer viver e deixar morrer, Pelbart nos atenta a uma proporção mais miserável de atualização da máquina capitalística, um homem constituído como sobrevivente. “A ambição suprema do biopoder é realizar no corpo humano a separação absoluta do vivente e do falante, de *zôe* e *bios*, do não homem e do homem: a sobrevida” (PELBART, 2016, p. 26).

Nesse sentido, o biopoder não permeia apenas os regimes totalitários. Ele nos atravessa em uma dimensão democrática ocidental e constitui novas desterritorializações capitalísticas, como já nos alertaram Deleuze e Guattari (1972).

Inclusive, há o retorno de um flerte com o fascismo, com linhas cada vez mais duras, constituindo territórios cada vez mais lisos, sem referenciais. Com a possibilidade de culpar um bode expiatório pelo mal-estar atual, essa maldade direcionada a um objeto externo possibilita a projeção de todo o ódio e ressentimento de uma população. No Brasil, um exemplo desse movimento é a máxima “a culpa é do PT”, que se iniciou nas grandes manifestações de 2013 e culminou no impeachment da presidenta Dilma Rousseff em 2016, seguido, entre outros fatos, pela eleição de um presidente de extrema direita em 2018, com direito a homenagem a torturadores. Aqui se abrem caminhos para discursos e medidas perversas, como acompanhamos durante o último ano, como a retirada de investimentos destinados para a educação e saúde.

Essa dimensão do capitalismo é fundamental. Ele se desdobrou ao ponto de não mais parecer enrijecido, visto que as possibilidades aumentaram drasticamente. Muitas opções de empregos, de cursos, de universidades, de relacionamentos, de pessoas para se relacionar, de lugares para ir, de livros para ler, de roupas para vestir, disso ou daquilo, e assim por diante. Frente a essa cartela de possibilidades, parece absurdo colocar o sistema como um aprisionador de identidades; afinal, pode-se ser o que quiser o tempo todo. É nessa fenda que nos deparamos com um analisador fundamental para olharmos de perto as capturas do capitalismo. Ao mesmo tempo em que as possibilidades na vida tornam-se abundantes, essa mesma quantidade de opções causa um sofrimento enorme ao arrancar os territórios mais firmes de cada um. Isso causa instabilidade e uma angústia profunda de não poder apropriar-se da própria vida. A própria apropriação dos corpos como sobrevidas nos indica uma captura densa que invade e cerca uma das possibilidades mais potentes do ser humano: a de criação.

Ao sufocar essa dimensão, o indivíduo, por vezes, é invadido por uma linha ainda mais perigosa: a da não afetação. O homem contemporâneo evita ao máximo o sofrimento, mas cai em uma impossibilidade de alegria; é o estado de anestesia, o esforço constante em manter-se entretido o tempo inteiro. É nessa dimensão que a máquina capitalista torna-se altamente qualificada. O pessimismo impera e as possibilidades esvaziam-se. O desejo sempre pede passagem e, em sua impossibilidade de expansão, ele retorna. É a própria ideia do corte feito sempre no mesmo lugar na fita de Moebius de Lygia Clark (vide Figura 1).

A permanência irresistível e insidiosa em algo que nos possui, com toda a sua sujeira, turvação e amargura, talvez seja uma espécie de retorno do que a vida líquida recalca uma vingança de nosso desejo de permanecer para sempre, sem ter que começar de novo (DUNKER, 2017, p. 47).

Nesse movimento, por muitas vezes uma sensação de paralisia se instaura, sempre sussurrando a ideia de um vazio. A experiência agora se instaura num curto instante, o tempo se torna instantâneo, as emoções não permanecem, as demandas de utilidade aumentam e nos tornamos devedores de nós mesmos o tempo todo. Torna-se intolerável ficar em uma mesmice: em um mesmo espaço, mesmo relacionamento, mesmo território. O homem contemporâneo se contorce e se esgota. Ele não está cansado como quem se recupera das atividades de um dia cheio e possui a possibilidade de recomeçar. Ele está esgotado — e o esgotamento diz do adoecimento dos corpos.

Tendo em vista o que se mencionou acima, deveríamos acrescentar: o que o corpo não aguenta mais é a mutilação biopolítica, a intervenção biotecnológica, a modulação estética, a digitalização bioinformática, o entorpecimento. Em suma, e num sentido muito mais amplo, o que o corpo não aguenta mais é a mortificação sobrevivencialista, seja no estado de exceção, seja na banalidade cotidiana (PELBART, 2016, p. 31).

Vivemos, então, um paradoxo muito perigoso, que nos acompanhará sempre nessa criação de novos territórios. Dizemos que é preciso estriar os territórios lisos, dar forma aos desejos, solidificar o chão que pisamos; ao mesmo tempo em que dizemos que devemos fugir de linhas duras demais, sobre a necessidade de propor sempre novos possíveis. Aqui mora uma linha tênue que precisamos olhar com muito cuidado. Sim, precisamos desterritorializar espaços em nós para que haja reflexão, movimento, criação; torcer estratos (DELEUZE; GUATTARI, 1980). Um estrato se forma entre duas camadas, uma mais velha e outra mais nova. Uma de dimensão de tradição e a outra de dimensão do moderno. Por isso há sempre conflito nessas relações dentro de nós e também das instituições. Porém, é nessa fricção entre a tradição e o moderno que alguma coisa se forma. Assim, apostamos na abertura e na desterritorialização, mas sempre visando às possibilidades de novos territórios firmes. A dimensão do adoecimento encontra-se também em uma falta de referenciais. Não ter referência institui uma angústia profunda. Terra de ninguém. Deserto. Como começar a estriar esses territórios lisos? É neste fio que

construiremos nossa aposta nessa análise, na qual perceberemos como damos sentido ao que vivemos.

Nesse sentido, podemos entender a angústia como “ressonância do ser em si mesmo” (PELBART, 2017). Uma pré-indivuação que não permite compor com o coletivo. O sujeito não vê essa possibilidade. Tenta sair de si ao mesmo tempo em que mergulha apenas em si mesmo a todo tempo. Esse movimento é a composição da própria angústia, mas ainda é possível pensar que o ressoar em si mesmo, lugar onde se intensifica uma tristeza, é o mesmo lugar onde se pode criar novas composições de vida. A angústia como processo do indivíduo. Não como um estado que espera um sentido, mas a angústia como próprio ato, entre a passividade e a atividade, na transformação de outro corpo. Há sempre a tentativa de eliminá-la, é inevitável que se queira curá-la; mas é preciso ultrapassar esse discurso, para que não venhamos a cultuá-lo. A angústia como morte e renovação, como novos possíveis que rasgam e desfiguram papéis que antes estavam rígidos, mas não se sustentam mais. Há possibilidade de fuga e de recomposição.

Afinal, quantas camadas nós carregamos? Quantas queremos carregar? Quantas precisamos transformar? Não é possível perder todos os territórios sem construir outros; precisamos de chãos firmes para caminhar. Somos formados por essas camadas, por esses estratos, por essas dobras, por essas contradições, e devemos nos apropriar disso. Compreender que, nesse *boom* coletivo de anestesia em que vivemos, precisamos urgentemente aprender a dar passagem à elaboração de nossos sofrimentos e angústias. É preferível o desarranjo ao esgotamento.

Diante disso, seria preciso retomar o corpo naquilo que lhe é mais próprio, sua dor no encontro com a exterioridade, sua condição de corpo afetado por elas: sua afectabilidade... Como então preservar a capacidade de ser afetado senão através de uma permeabilidade, uma passividade, até mesmo uma fraqueza? E como ter forças de estar à altura de sua fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força? (PELBART, 2016, p. 32).

A urgência de dizer desses atravessamentos que nos invadem de forma tão abrupta diz da necessidade de lhes dar nomes, territórios, para assim os analisarmos. Olhar atentamente para isso é uma forma de cuidar desse desenhar de um contemporâneo amaldiçoado, como nos alerta Pelbart, ao dizer que é preciso ficar atento a uma:

[...] atitude de demonização do contemporâneo, não raro apoiados em uma indignação politicamente correta e em um humanismo duvidoso, para não dizer regressivo. Tal conjunto, com todas as análises penetrantes ou sedutoras que possam aportar — e algumas delas foram aqui retomadas — impede de pensar a questão *a partir* do nosso presente, de suas múltiplas energias e sua molecularidade enxameante [...] (PELBART, 2016, p. 18).

Aqui está um dos pontos fundamentais dessa escrita. Pretende-se não permanecer em um discurso do pessimista que analisa a conjuntura em tons apocalípticos. É desejável abandonar esse discurso para dar lugar a um discurso que busca a potência da vida em suas rupturas micropolíticas. A máquina capitalística já nos dita lugares inferiores com suas constantes desterritorializações, então aqui, como pesquisadores, como profissionais *psi*, como máquinas revolucionárias, privilegiaremos o discurso da vida. Mas a qual vida estamos nos referindo?

Como já dito neste trabalho, nos referimos à vida afetada: uma vida na qual caiba a dimensão trágica, mas também uma dimensão feliz, que impulse, potencialize o viver, permitindo ser em tantas possibilidades. Valorizamos a vida para além da sobrevivência, apostamos em seu sentido mais amplo de criação, de permanência. Apostamos em um funcionamento da vida em rede. A máquina capitalística é a máquina da descodificação onde os jogos de forças sempre se atualizam. Nesse sentido, os processos subjetivos são sempre reorganizados. Por isso, o grande desafio é manter doses de autonomia — ou seja, criar zonas autônomas.

#### 4.1 DEPRESSÃO: UM BREVE HISTÓRICO E CONSTRUÇÃO SOCIAL

Como ponto de partida, é preciso entender o que chamamos de corpos esgotados. Nomear nos ajuda a constituir uma cartografia mais apurada desses estados de mal-estar descritos no texto aqui e nas vinhetas clínicas. Entender a construção de diagnósticos e dar nome a esse mal-estar é, de alguma forma, dar um contorno a esses processos patológicos. É importante destrinchar os termos técnicos de doenças, até mesmo para compreender porque hoje se fala tanto sobre depressão. A partir daqui vamos elaborar um pouco mais sobre o histórico da depressão e seus contextos no nosso contemporâneo.

No espaço de trinta anos, a Depressão passou de coadjuvante tardia no grande espetáculo da loucura, em meados do século XIX, à condição de atriz principal e diva preferencial das formas de sofrimento de nossa época.

Esse foi também o processo de literalização e de encaixotamento dos pacientes em uma lista de sinais descritivos, isolados de um nexos narrativo sem nenhuma conexão entre a emergência e a desapareção de sintomas. Se a depressão nasceu envolta em alegoria, carregada nos braços de seus nobres ancestrais filosóficos e poéticos, herdeira primogênita da Melancolia, hoje ela parece ter se reduzido a duas imagens empobrecidas: “falta de ingrediente químico no cérebro” e “gatilho” que dispara a repetição de crises de menos-valia e a piora funcional do indivíduo (DUNKER, 2021, p. 47).

Compreendemos, a partir de Dunker (2021), que a depressão como conhecemos hoje percorreu um longo caminho até ser constituída como uma patologia. Antes do século XIX, permanecia ao lado dos grandes pensadores, tanto filósofos quanto artistas, como uma espécie de aliada de criação e de compreensão da vida. Entender a vida em sua dureza, de uma forma crua, trazia esclarecimento, e obter certa angústia e mal-estar em torno disso era visto como parte desse processo de mergulho intenso em uma criação de uma filosofia de vida e de um olhar mais dinâmico. Com o virar do século, a depressão foi associada a um estado depreciativo do ser humano e o advento das construções manicomiais reforçou o lado pejorativo de ser taxado com tal diagnóstico, que ainda não tinha esse nome como oficial.

A depressão foi chamada de muitas coisas ao longo do século: melancolia, loucura, doença, dentre outras nomenclaturas. E seu campo de estudo atravessou muitos saberes, como a arte, a literatura, a medicina, a filosofia, a psicologia. Afinal, todos buscavam compreender e nomear esse tal de sofrimento constante que afligia pessoas sem distinção de gênero, idade ou classe social. Esses campos de estudo sempre convergiam ao entender como dispositivo de sofrimento o contexto em que a pessoa está inserida. O sofrimento vem de um cenário social e da forma como ele é compreendido por cada sujeito. Não à toa, a quebra da bolsa de valores em 1929 em Wall Street é chamada de Grande Depressão. “Os anos de formação da Depressão compreendem a Grande Depressão econômica dos anos 1929. Esta também mobilizou teorias cíclicas sobre as crises do capitalismo” (DUNKER, 2021, p. 49). Dessa forma, reafirmamos o contexto econômico como um dispositivo disparador de crises depressivas. Mas há muito para além disso. O capitalismo soube jogar com essa dinâmica, pois na medida em que se compreendia que pertencer a certo mundo trazia sofrimento, o sistema utiliza-se de um protagonismo para reforçar individualismos. Ou seja, torna cada sujeito responsável pela sua

angústia de uma forma solitária, usando facilmente do recurso da culpa e transformando o “depressivo como único anti-herói de sua tragédia” (DUNKER, 2021, p. 48).

O capitalismo sofre uma virada a partir da década de 1970, quando, “em vez da proteção e narrativização do sofrimento, descobre-se que a administração do sofrimento, em dose correta e de forma adequada, pode ser um forte impulso para o aumento da produtividade” (DUNKER, 2021, p. 53). Dunker (2021) cita como a economia chilena após o golpe de Estado de 1973 foi completamente alinhada com o advento neoliberal que ganhava forças graças à globalização e o pacto com as escolas econômicas e a política norte-americana. Havia uma necessidade de solidificar o conceito de livre mercado alinhado a uma política de leis rígidas sob o controle social nos países conhecidos como países de terceiro mundo, justamente por esses serem os produtores principais de muitas matérias-primas consumidas pelos países colonizadores. O controle é algo que sempre fez parte de um avanço neoliberal. Não se trata apenas de reger leis para regular comportamentos em alguns países vistos como centrais (países que ditam leis econômicas), era preciso instaurar uma subjetividade global, até porque, sem isso, o neoliberalismo não se solidificaria a longo prazo. Era preciso o domínio de uma ideologia neoliberalista nos países em desenvolvimento e muito disso deu-se através dos golpes instaurados na América Latina desde a década de 50.

A partir dessa nova dimensão do neoliberalismo compreendemos um atravessamento na produção psíquica da sociedade a partir dos novos comportamentos de consumo e produção subjetiva instaurada. É aqui onde se projeta uma manutenção do sofrimento para uma continuação da produtividade necessária. Não se torna mais preciso excluir os que sofrem da sociedade, mas apreender isso como parte do viver. Importante fazer uma observação aqui sobre exclusão a partir da dimensão da loucura. A loucura, compreendida como um desvio da construção psíquica, nunca teve lugar de importância social de prestígio, mas sempre um destaque negativo, um lugar de marginalização, exclusão, trancafiamento e invisibilização. A loucura e os loucos não foram compreendidos como um lugar de manutenção do sofrimento justamente porque não eram compreendidos como sujeitos produtivos no sistema capitalista, portanto seus sofrimentos não eram vistos como manejáveis e suas vidas não eram entendidas

como válidas. Compreendemos isso a partir de Foucault e sua “História da Loucura” (1961). Não à toa, também houve um *boom* de construções manicomiais que levaram, por exemplo, a uma série de acontecimentos que ficaram conhecidos como Holocausto Brasileiro, que ocorreu no manicômio da cidade de Barbacena em Minas Gerais. Estima-se que morreram 60000 pessoas em situações miseráveis de vida, passando frio, fome, maus-tratos, estupro e espancamentos. Muitos desses corpos mortos serviram de lucro, pois eram vendidos para estudos médicos em universidades. O corpo morto era a forma de uso a ser explorado nesse caso.

Retornando à história da depressão, compreendemos que ela ganhou espaço de discussão e divulgação maior nas últimas décadas, mas de formas diferentes a depender do saber que a considera: como a psiquiatria, psicanálise, psicologia, o cinema, a literatura, o teatro. Hoje a depressão é considerada uma questão sobre a qual devemos nos debruçar.

Quanto às hipóteses psicanalíticas, pode-se dizer que elas apontam para a Depressão como uma patologia do processo de reconhecimento — do eu, do outro e do próprio desejo. Essa hipótese também é subsidiada pelos que estudam como o aumento de casos de Depressão está ligado à expansão da cultura da performance e do desempenho (DUNKER, 2021, p. 118).

A depressão é um dos sintomas sociais do nosso contemporâneo. Para o filósofo Byung-Chul Han a depressão é “[...] a expressão patológica do fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo” (HAN, 2017, p. 26). Ele parte de uma noção de que o sujeito depressivo é aquele que está exausto de um esforço constante em ser o que ele é. Ele está cheio de si mesmo e por isso se esgota e adocece, cansa, paralisa.

[...] a Depressão é frequentemente uma resposta ao empobrecimento de nossa forma de vida reduzida a parâmetros de funcionalidade e adequação (DUNKER, 2021, p. 140).

Canguilhem foi quem elucidou ainda na década de 60 e de forma muito precisa, sobre o que o Dunker chama de “[...] empobrecimento de nossa forma de vida [...]” (DUNKER, 2021, p. 140) em seu célebre “O normal e o patológico” (1966). O conceito de normal que ele traz não equivale a ser sadio, pois reconhece a doença como uma “[...] espécie de norma biológica, conseqüentemente o estado patológico não pode ser chamado de anormal no sentido absoluto, mas anormal apenas na

relação com uma situação determinada” (CANGUILHEM, 2014, p. 138). Para Canguilhem, ter saúde é ter a possibilidade de cair doente, ou seja, quando o corpo não possui a capacidade de produzir novas normas frente a um processo de adoecimento, não é possível dizer que o corpo goza de uma saúde. Pois ter saúde não corresponde a nunca adoecer. Se o sujeito no contemporâneo, frente às demandas do mundo, encontra-se em processo depressivo, essa é uma resposta de um corpo não adequado ao sistema, um corpo que já não consegue produzir outra variação de resposta. O corpo adoecido, a princípio, é um corpo que sinaliza uma resistência a uma padronização da vida. Essa resistência inclusive diz sobre a impossibilidade de resposta a uma demanda de produtividade ao qual o sujeito contemporâneo está sempre colocado em um lugar de dívida. Essa posição de dívida, criada pelo sistema capitalista, coloca o sujeito em um lugar de angústia, de uma sensação de fracasso e também o leva ao movimento de criar outras dívidas para tentar suprir aquela primeira. Sejam dívidas emocionais, relacionais ou financeiras. Os excessos em alguns comportamentos nos sinalizam um endividamento psíquico com si mesmo que precisa ser pago através de algum dispositivo.

Em certa medida, o depressivo responde demasiadamente bem a demanda de renunciar a si mesmo, ao tematizar-se apenas como personagem pouco convincente, e ator cansado de seu papel. Sua resposta insiste na coerência, na unidade e na síntese em um universo no qual a produção se torna deslocada, no qual os manuais de gerenciamento nos ensinam a criar mais sofrimento para incitar mais produção [...] (DUNKER, 2021, p. 86)

A depressão sinaliza essa tentativa falha de se encaixar em uma padronização da vida, de uma subjetividade diminuída. Não à toa as narrativas em torno de uma dimensão depressiva são sempre recorrentes na clínica. E comparecem através sempre de uma sensação de uma inferioridade constante, de um ódio declarado à si mesmo.

*“Não gosto de mim, não gosto da minha existência”*

(Vinheta clínica 12).

As narrativas que repetem esse pensamento são muitas. A angústia em torno de uma falta de sentido em torno de si é uma constante. Como lidar com uma angústia tão profunda, tão sincera? Ela diz da subjetividade do depressivo que sofre ao se deparar com a vida que se encontra vivendo. E por muitas vezes se despedir dessa

vida aparece na linha da intenção suicida. Por não saber mais como se encontrar com a possibilidade de um *viver* ainda em vida, o paciente encontra na morte a única possibilidade. O encontro fatal com esse desejo precisa ser escutado de forma muito atenta, cuidadosa e compreensiva, não para que se normalize a intenção suicida, ou não se atentar para o alarme que essas falas constituem no sujeito. Mas em um sentido de acolhimento pois, são os inúmeros motivos que caminham uma pessoa para esse pensamento. Questões tratadas nesse trabalho como de ordem financeira, relacional, questões sobre miséria, sobre racismo, sobre homofobia, questões sobre não atingir expectativas que criou para si mesmo. O depressivo incomoda a sociedade, pois não sabe o que fazer dele e com ele. Ele não responde as adversidades em um modelo pronto de máquina. Ele desafia e cria buracos em um sistema. Ele denuncia um capitalismo que só pode adoecer e excluir e matar. Pois dentro dele o sujeito que não se encaixa se transforma em fraco, descartável e sem valor. A questão da depressão, que atravessa todos os consultórios nos convoca a um trabalho denso e, nos lembra da dificuldade que é se haver consigo mesmo a partir do que encontramos nesse mundo. “O excesso da elevação do desempenho, leva a um infarto da alma” (HAN, 2017, p. 71)

#### 4.2 A PANDEMIA COMO VINGANÇA DO ANTITRÁGICO BARTLEBY?

Em meados do século XIX, Herman Melville escreveu “Bartleby, o escrivão” (1853), um pequeno conto que na época foi publicado em revista. O personagem Bartleby, muito conhecido e explorado por diversos autores, é um sujeito que a princípio não parece ter nada de fantástico; apesar de parecer peculiar, aparenta na verdade ser um tanto comum demais. Exatamente por isso, tornou-se um dos personagens mais emblemáticos de Melville. Suas características peculiares e seus comportamentos nos interessam na investigação desse contemporâneo que descrevemos aqui.

Na história de Melville, Bartleby é o novo contratado de um escritório de advocacia localizado na turbulenta Wall Street, na cidade de Nova Iorque. Bartleby demonstra ser um sujeito muito tranquilo e paciente, motivos que levam seu chefe, estressado com o montante de trabalho, a contratá-lo. Pensa ele que a calma de Bartleby traria benefícios ao ambiente de trabalho e seria uma boa adição a um ambiente que já carrega muitos personagens temperamentais. No início do conto, Bartleby devora

todo o trabalho até então acumulado naquele espaço. Sem reclamar, sem hesitar, Bartleby trabalha avidamente, em silêncio e obediência, quase que em um ritmo de conformidade solícita que muito agrada a pessoa que o contratou. Bartleby não é de muito papo e é difícil saber qualquer coisa sobre sua vida pessoal, pois se mostra reservado. Em uma Wall Street cinza, a própria mesa de Bartleby é virada para um muro, uma vista ainda mais desbotada e sombria. Em certo momento, o nosso personagem também começa a trabalhar atrás de um biombo, afastando-se ainda mais de qualquer disposição de um trabalho em grupo e mantendo seu fazer mecânico de tirar cópias.

Porém, em um determinado momento da história, ao ser solicitado pelo seu chefe a copiar documentos como acontecia em todos os outros dias, Bartleby responde: “eu preferiria não”—“*I would prefer not to*”. O chefe interpreta como um dia ruim, ou algum lapso momentâneo, mas ao ser indagado em outros dias, Bartleby mantém sua posição e continua a dizer: “eu preferiria não”. Seu chefe começa a ficar indignado, tenta questioná-lo, mas Bartleby segue firme em sua postura. Ele decide não fazer e também decide não sair dali. Ocupa o escritório como uma casa, habita-o, e quase se funde a esse lugar de uma forma que parece apática. Mas, veja só, manter uma posição que exige um esforço.

É essa, diz Agamben, a natureza secreta de Bartleby, a mais antitrágica das figuras de Melville, embora aos olhos humanos não exista destino mais desolador do que o dele. É aí, em todo o caso, que reside a raiz de seu “eu preferia não”. É uma espécie de inocência que desbanca a lógica humana e divina, e que equivale a um suplemento de potência (PELBART, 2016, p. 335).

Muito nos interessa entender como Bartleby é colocado nesse lugar de uma figura antitrágica. Como poderia ocupar esse lugar se constantemente foge do que o seu chefe esperava, do que nós leitores esperávamos? Essa é a questão que Pelbart explora, como Deleuze em “Crítica e Clínica” (1993), trabalho no qual dedica um capítulo a destrinchar o que ele chama de fórmula da glória de Bartleby — esse sujeito que não parece ser composto de nada especial, mas que, ao verbalizar sua famosa frase “*I would prefer not to*”, causa uma estranheza tamanha que desloca personagens e leitores a indagar que sujeito é esse que ocupa tal posição.

Bartleby ocupa constantemente uma postura de não fazer, sendo sua postura tão inesperada que seu chefe não sabe como lidar com a situação. Fica confuso, passa raiva, justamente porque espera que, frente a um chefe, o trabalhador responda, reaja ou, enfim, obedeça. Mas Bartleby decide continuar a não fazer e decide continuar a não ir embora. É muito interessante a cena do chefe perdido frente ao trabalhador do “eu preferiria não”, como se fosse impensável esse tipo de reação.

Agamben insiste em pensar a potência não apenas em relação ao ato que a realiza e a esgota, necessariamente, mas também como *potência de não*, potência de não fazer ou pensar alguma coisa, potência pela qual se afirma a tabuleta em branco não somente como estágio prévio à escrita, mas como sua descoberta última (PELBART, 2016, p. 335).

Pelbart (2016) analisa Bartleby como um sujeito que renuncia à lei. Bartleby escolhe o não fazer e compreende-o como uma potência de ação, inclusive demonstra um domínio sobre seu tempo, escolhendo como o utilizar, mesmo que seja para ficar parado. Por isso, ele é o personagem antitrágico, pois toma para si a escolha. Apesar da sensação de apatia que esse personagem provoca ao leitor, ao fazer o inesperado e não fazer nada podemos pensar nele como um revolucionário? Até podemos, mas é preciso pensar em outra hipótese também. Estaria Bartleby dizendo de um lugar de exaustão que seu corpo já não consegue responder mais? Quando a inércia é uma resposta com potencial de criação de fato? Ou de sucumbir completamente?

É nessa dimensão que o filósofo Han (2010) pensa o personagem Bartleby. Ao contrário de Deleuze (1993) ou Agamben (*apud* PELBART, 2016), Han (2010) analisa o Bartleby apenas como um sujeito que denuncia em seu corpo uma exaustão de seu tempo (1853). Não como um herói antitrágico ou algum tipo de salvador revolucionário, mas como o sujeito completamente contaminado pelo sintoma de apatia. Para ele, a fórmula de Bartleby apenas expressa apatia: “ali, toda vida foi apagada” (HAN, 2010, p. 61). Segundo esse autor, Bartleby é descrito como um personagem da sociedade disciplinar, portanto ainda não foi tomado por tensões internas de exigência de uma excelência e produtividade que geram a sensação iminente de morrer em um estado sempre de fracasso frente a tamanha demanda e, por fim, de sempre se depreciar. Esse sintoma que Han (2010) localiza na sociedade do desempenho da pós-modernidade ainda não alcançou Bartleby. Para esse autor,

Bartleby ainda não está cheio de si mesmo. “O que faz Bartleby adoecer é aquele excesso de positividade ou de possibilidade” (HAN, 2010, p. 62).

Nesse contexto, como poderíamos pensar no Bartleby durante o nosso momento de pandemia? Se ele fosse um personagem atual, ele veria como uma revanche ou agiria frente a uma paralisação? Imaginemos como uma revanche dele. De repente o mundo todo é obrigado a parar. E a princípio Bartleby talvez dissesse: “melhor não sair de casa, melhor não ver as pessoas” como um alívio de escolher a *potência do não* como opção. Mas, ao se deparar com essa opção enquanto única possível, o cenário mudaria? Já não seria então uma escolha em si — ou seria? Será que ele sentiria alívio por finalmente ver as possibilidades diminuídas, por não precisar escolher? Pois, veja só, o Bartleby de Melville não era o personagem descrito como adoecido de seu escritório. Todos os outros personagens possuíam questões vinculadas a problemas de saúde ou de temperamento, mas o Bartleby em sua postura não está escolhendo não copiar ou copiar; na verdade, essa resposta lhe é demandada o tempo inteiro. O que faz dele um sujeito peculiar é que, através da sua fórmula expressa em uma linguagem que parece simples, ele evidencia o que Deleuze (1993) chamou de “nada de vontade” ao invés de uma “vontade de nada”.

A fórmula-bloco tem por efeito não só recusar o que o Bartleby prefere não fazer, mas também tornar impossível o que ele fazia, o que supostamente ainda preferia fazer [...]. Serenquanto ser, e nada mais. Pressionam-no a dizer sim ou não. Mas se ele dissesse não (cotejar, sair), se ele dissesse sim (copiar), seria rapidamente vencido, considerado inútil, não sobreviveria (DELEUZE, 2011, p. 94).

Deleuze (1993) entende que a fórmula que Melville cria para Bartleby, de não dizer sim e nem não, reside em uma dimensão de certa resistência por parte dele, de dobrar-se às demandas. E que cenário essa fórmula criaria frente à pandemia? A pandemia determinaria apenas a impossibilidade de sair de casa como forma de evitar uma contaminação de uma doença que coloca a própria vida em questão. O que isso causaria em nosso personagem? Será que manteria uma postura sem resposta e apática frente à possibilidade de morrer, assim como faz no livro? Por outro lado, em um segundo momento no sistema de quarentena compulsória, começa um movimento que cria possibilidades dentro dos lares e é propagado pelos dispositivos tecnológicos o tempo todo. Parece que o mundo começa a mudar de ideia.

Será que Bartleby recusaria essas novas demandas? Bartleby diria: “melhor não ver outra série, melhor não maratona” ao mesmo tempo em que o contexto social coloca uma obrigação em ser produtivo em meio a quarentena. Há algo de compulsório no gozo contemporâneo. De tudo e a todo instante. Bartleby teria um chefe agora que parece dormir e acordar ao seu lado, um chefe do qual não é possível livrar-se devido aos acessos tecnológicos. Se antes Bartleby pôde fechar a porta na cara de seu chefe, agora essa postura se tornaria menos literal e mais difícil de manejar. E mais do que isso, Bartleby se tornaria em seu próprio chefe, pois não poderia livrar-se da carga de trabalho onde quer que estivesse dentro de casa. É aí que entendemos que Bartleby não cumpriria o papel do bom moço neoliberal que vira o próprio chefe e maneja seus horários, ao mesmo tempo em que exige de si mesmo para dar o melhor. Se tomamos o Bartleby da segunda metade do século XIX e transportamos para a sociedade do desempenho, de um novo capitalismo, é compreensível analisar que Bartleby preferiria não cumprir esse papel esperado.

Será que seria possível criar, em meio a tudo, um espaço para si? Um espaço para produzir pensamento, para revisar as coisas? Momento de olhar para trás, fazer um balanço. Como é possível fazer um balanço sem ter, ao mesmo tempo, uma perspectiva de futuro? Mas será que isso seria uma questão para Bartleby? O começo da pandemia foi um olhar para trás sem olhar para frente ou foi um só poder olhar para o agora? Será que de fato estamos olhando para o agora? E o quanto isso seria suportável para o nosso personagem em sua jornada. “Novo normal”<sup>10</sup> é uma expressão nesse sentido. É normal, mas ninguém se sente participante deste normal. Supomos que Bartleby odiaria se enxergar nesse lugar de uma normalidade imposta.

Como seria nosso Bartleby na terapia? Ele fala o suficiente. Ele se cala. O que é dito no não dizer de Bartleby? Ele tem problemas, ele quer parar. “Melhor não fazer”, mas ainda assim há um fazer compulsório. O cansaço constante provocado pelas novas tecnologias 24/7, como o aumento da velocidade dos áudios no WhatsApp, ou também, com o aumento da velocidade da transmissão de um filme na Netflix, são

---

<sup>10</sup> Expressão amplamente utilizada na mídia para descrever o momento pandêmico e os novos comportamentos necessários desse tempo. Exemplo na matéria do jornal El País: “O Brasil busca o “novo normal” pós-covid, sob alerta de especialistas para não queimar a largada”. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-19/o-brasil-busca-o-novo-normal-pos-covid-sob-alerta-de-especialistas-para-nao-queimar-a-largada.html>>

exemplos reais de dispositivos que querem nos poupar tempo. Bartleby indagaria: poupar tempo para que? O que será feito desse tempo restante? Bartleby se recusaria aos usos excessivos da tecnologia, ou a utilizaria como recurso anestesiante? Será que ele escolheria fundir-se a elas como um dispositivo obediente? Partindo da leitura de Melville, entendemos que mesmo Bartleby compondo uma sociedade disciplinar, da obediência, ele escolheu uma postura contrária. Supomos, então, que ele preferiria a *potência do não*.

Mas será que há de fato potência no dizer não? No *não fazer*? Durante a pandemia experimentamos, como coletivo, as formas mais duras do poder de um não compulsório. Do não sair, do não fazer, do não encontrar, do não trabalhar, do não prosseguir, do não caminhar, do não ganhar, enfim, perdemos. Perdemos fôlego de vida, perdemos vida(s), perdemos experiências, perdemos coletivos, perdemos pessoas, perdemos territórios, perdemos o poder da expressão, perdemos respeito, perdemos empatia. Parece que o *não fazer* consumiu tudo e todos, às vezes com a rapidez de um fogo se alastrando em tempo de seca e às vezes com a lentidão de um caranguejo que se acostuma com a água quente e, não percebendo que está sendo cozinhado, morre aos poucos. De muitas formas, todos foram tomados pelas impossibilidades de vida colocadas frente a nós. Logo, foi preciso criar novas formas *de viver* para sobreviver. Voltemos então à *potência do não*, pois essa é uma possibilidade de vida, conforme colocado com o personagem Bartleby.

A *potência do não*, não vem de uma paralisação da vida, ou inércia frente à vida, como frequentemente o Bartleby é interpretado. Só diz não quem enxerga a possibilidade de dizer isso. Potência sempre está atrelada à movimentação, a certa coragem de enfrentamento frente a tantas adversidades, o dizer torna-se potente justamente por ser uma palavra de poder. Ou seja, uma palavra que constitui uma nova possibilidade frente a uma não vontade ou a vontade de outra coisa qualquer.

Sim, é preciso coragem! Mas o que dizer sobre os que não conseguem acessar tal coragem, aos que se esgotaram? O que dizer sobre eles e a partir deles? O aumento da depressão e diagnósticos de ansiedade, síndrome do pânico e transtorno bipolar enchem os consultórios médicos e de práticas *psí* em todos os tipos de ambientes, principalmente após a chegada e permanência da pandemia.

Segundo matéria da CNN, o Brasil lidera casos de depressão e ansiedade nesse período.

O deprimido é uma espécie de anti-herói de nossa época: não produz como devia, não performa a imagem de felicidade que esperamos encontrar no outro, não consome como deveria, não está no mesmo tempo dos outros. Torna-se assim, uma espécie de pária da sociedade, que nos diz algo sobre o que deveria mudar e sobre as contradições que nem sempre percebemos com facilidade. Nesse sentido, um sintoma social é também um signo de resistência, de oposição e de protesto à verificação de que vivemos no melhor dos mundos possíveis (DUNKER, 2021, p. 126).

Aos que se exauriram deste mundo, como trabalhar uma potência remanescente? Esse processo, como nos lembra Dunker (2021), sinaliza que não é possível performar sempre, que o sistema possui contradições. O depressivo é, a princípio, essa indicação urgente de que há algo de errado. É essa denúncia alarmante que incomoda. Esse é exatamente o Bartleby: uma indicação de um sistema que não funciona, que individualiza, que corta a comunicação. O incômodo aparece na medida em que não é um sintoma possível de ser resolvido rapidamente pela medicina, o que denuncia outra ineficiência do sistema. Chega um momento em que Bartleby já prefere não dizer nada, ou já não é mais possível dizer, ou já de fato não há mais nada a ser dito que será compreendido. Não há mais investimento libidinal no trabalho e talvez em coisa alguma. Bartleby não se opõe a nada, vai parar na prisão, prefere não comer; ele, enfim, definha e morre. Bartleby, para não se entender perdido ou desorientado, anestesia sua capacidade de ser afetado. “O pleno funcionamento do desejo é uma verdadeira fabricação incansável de mundo” (ROLNIK, 2006, p. 43).

Não é incomum na prática psicológica clínica, ouvir os discursos desanimados, o flerte com a morte, uma possibilidade sempre imanente de um suicídio. É possível morrer em vida? A resposta mais possível seria: é preciso morrer em vida para continuar vivendo. Então como? Ora, essa é a questão sempre presente dentro de uma clínica. O sujeito descreve um sofrimento e diz querer morrer, e sim, ele quer mesmo morrer. Ele quer morrer dessa vida sem possibilidades, dessa vida esvaziada de potência e movimento, dessa vida constituída de relações pobres, de vontade rarefeita. O desejo de morte é legítimo, evidencia uma urgência em criar outras formas de vida. Mas é possível que essa morte ocorra em vida. O *como fazer*

precisa ser construído com o outro, pois é apenas nesse encontro com o outro que o corpo pode ser afetado e afetar. É aí que, com muito cuidado, muita escuta, muito acolhimento, muita atenção, respeitando a singularidade e o tempo de cada um, podemos entender por onde as linhas de vida (ROLNIK, 2006) se constituem, por onde elas têm passado, onde elas têm ficado incontroláveis, onde elas têm ficado sufocadas.

## 5 TRAÇOS DE UMA CLÍNICA NO CONTEMPORÂNEO: UMA VIAGEM PARA O FIM DO MUNDO

Em uma caminhada formativa como psicóloga, a ideia de uma *psi* como agente de escuta, principalmente em um formato clínico, nos constitui a todo instante. Afinal, somos demandados constantemente a esse personagem de *psi* clínico, até com imagens caricatas que remete a Freud e seu divã. Esse formato da clínica constrói um ideal do que é ser psicólogo antes mesmo do ingresso em uma universidade, e por vezes, erroneamente, como final único de possibilidade de atuação. Mas a construção de um psicólogo clínico só é possível porque antes, durante e depois do encontro com esse saber, ele passa a ocupar muitos outros espaços. Não é possível apoiar o discurso de um saber indiscutível, pelo contrário, a escuta clínica é possível porque também estamos em processos formativos constantes, seja implicado em nossos próprios processos analíticos, ou como estudiosos, pesquisadores, professores, profissionais de equipamentos públicos, seja exercendo papéis em nossas próprias vidas como filhos, companheiros, irmãos, pais, na construção de nossos prazeres e desprazeres, hobbies e deveres, e etc. Constituímos personagens necessários, assim como quem senta à frente das nossas poltronas em um set clínico. Inclusive, muitas das angústias dos pacientes disparam de uma incoerência na construção e sustentação de seus próprios personagens em suas vidas. Aliás, sustentação é uma palavra que usamos muito no estudo das subjetividades, a dificuldade de sustentar o encontro com o desejo, sustentar quem se é a partir desse encontro e quem fica quando o desejo se transforma. Pensando na dinâmica social que encontramos hoje, como é possível sustentar quem se é? Como é possível sustentar o processo analítico? Como é possível sustentar o encontro com o desejo?

É que, sendo o sujeito estruturado na cartografia cultural que lhe dá forma e nela se espelha como se fosse o único mundo possível, da perspectiva desse tipo de subjetividade reduzida ao sujeito e que com ele se confunde, o desmoronamento de “um mundo” é interpretado como sinal do fim “do mundo”, bem como se seu “suposto si mesmo”. Se a tensão entre estranho e familiar lhe traz esse perigo imaginário é porque, assim limitada ao sujeito, a subjetividade desconhece o processo que leva à constante transmutação de si e do mundo, por não ter como nele sustentar-se (ROLNIK, 2019, p. 67).

Rolnik (2019) nos diz que o sujeito goza em uma ilusão de estabilidade, de manter e conservar movimentos familiares para não se encontrar em descompasso com seus pertencimentos. A repetição de formas conservadoras para não se afrontar com a angústia, ou com a necessidade urgente de criação. A repetição acontece na tentativa de se evitar um desprazer, mas a repetição em si já vira desprazerosa. O descompasso que enfrentamos é de outra ordem. É sabido que o imprevisível faz parte da clínica, assim como da vida, mas fomos todos acertados em cheio por imprevisibilidades catastróficas com a pandemia e seus desdobramentos, e encontrando poucos recursos para lidar com tal situação. E acrescento ainda às questões há pouco citadas, como é possível para o profissional *psi* sustentar sua atuação em meio a uma pandemia? Com uma nuvem de “fim de mundo” pairando sobre nossos dias como uma rotina amarga, a dificuldade de sustentar um presente se intensifica à medida que fica mais difícil visualizar um futuro. Mas se pararmos para refletir, sempre há dificuldade na sustentação do presente, justamente por ele ser o que há de mais urgente e intenso em nossas vidas. Nada é mais doloroso que vivenciar os acontecimentos em suas totalidades máximas, algo que só se dá no presente. O futuro é o tempo que nunca chega de fato, visto que ele se tornará um novo presente com toda sua intensidade e demanda do viver. O futuro sempre é um tempo de idealizações, sonhos, possíveis conquistas, um tempo *outro*, quase mágico, onde as coisas podem dar certo. Apesar dessa realidade idealizadora, é demasiadamente humana, urgente e necessária, a capacidade de sonhar. Quando esse recurso sai de cena, compreendemos ali corpos adoecidos.

Como pensar em um futuro a partir da computação de milhares de mortes diárias? Há de se pensar que a humanidade já experienciou tais crises de saúde que levaram os seres humanos a altos índices de mortalidade. Vivenciar uma delas, no entanto, é um tom muito diferente, mais angustiante e com grandes doses de realidade cruéis. No caso em que nos encontramos, com uma pandemia do Covid-19 sofremos de outro dispositivo de sofrimento e angústia: uma política pública não condizente com a urgência de nossos tempos. Com um governo negligente, que não prezou por medidas de proteção, de saúde, não tivemos uma gestão que agisse a favor da população. Não houve uma organização para garantir possibilidades de recursos para hospitais como leitos e oxigênios, causando uma crise ainda maior no sistema de saúde brasileiro. Sem levar a sério a doença, suas variações e consequências, o

governo fez promessas vazias a comerciantes que fecharam suas portas para proteção de todos, em um período de quarentena. Não obstante, não viram ajuda chegar do governo e muitos acabaram falindo. A crise de saúde logo toma a proporção de fato alarmante dentro de um sistema capitalista: ela se transforma em uma crise econômica e financeira (PELBART, 2016) e as pessoas se sentem convocadas a agir. Inclusive, nosso atual governo, porém com medidas protetivas aos grandes capitais financeiros, cortes de verbas na educação e meio ambiente, aprovações de leis questionáveis, tudo isso feito enquanto as famílias choravam as perdas dos seus.

Esse momento tão desconhecido disparou muitas questões que foram sentidas de formas muito singulares por cada pessoa. Na impossibilidade dos encontros presenciais, as relações migraram ainda mais para um campo virtual. Se antes essa dimensão era uma entre outras, passa a ser a única possível durante muitos meses. No âmbito clínica psicológica, coloca-se um grande desafio: a transformação de atendimentos presenciais em atendimentos online. Logo no início houveram muitas desistências, justamente pela dificuldade de compreender um atendimento psicológico em outro formato que não o presencial. Mesmo que pareça simples, dimensionar esse novo território não é uma tarefa fácil. Neste redimensionamento, houveram perdas e efeitos clínicos variados. As intervenções, a escuta e as narrativas haviam também se redimensionado. Mesmo sendo uma circunstância única, um momento delicado que compreendia uma série de privações, a ideia de um confinamento reforçaria ainda mais a necessidade de dar continuidade aos atendimentos. Com a aposta de sustentar os processos que já aconteciam (e com orientações do Conselho de Psicologia) os atendimentos online se iniciaram.

Se no *fazer* de uma clínica da escuta já está posta a imprevisibilidade, a dimensão virtual traz ainda outras camadas desse cenário. O atendimento psicológico começa já no trajeto que o paciente faz até o espaço onde ocorrerá o atendimento. Aí entra o dispositivo da sala de espera, importante também para o início de um mergulhar na análise. E depois, a sessão em si, o encontro *face-a-face* entre o psicólogo e seu analisando, há ali os olhares, a intervenção por vezes com expressões. Tudo isso é cortado drasticamente em um mundo de telas. Não há caminho e nem espera. Você até entende o que está acontecendo, mas perde uma ambientação da primeira narrativa, talvez até alguns detalhes que ajudariam a entender a narrativa de forma

mais completa. Esse corte também se emendará para as constantes quedas de internet durante a sessão, a tela que se move pelo quarto da pessoa, uma obra do vizinho, barulho de outros membros da casa, o cachorro ou gato que surgem por vezes na frente da câmera. Enfim, a urgência de outra forma de vida urge constantemente durante as sessões online. O set clínico definitivamente não é mais o mesmo. E agora?

A pandemia tem produzido muitos silenciamentos, e era preciso dar vazão a isso mantendo o espaço da clínica como possível. Não era possível nos primeiros meses desse formato não ouvir e discutir sobre o que era a quarentena e como os pacientes se sentiam afetados de formas diversas a tudo isso. A impossibilidade de um ganho financeiro ou movimentos antes ensaiados para se dar, agora paralisados em uma constituição de um tempo estranho, ácido, solitário. A solidão aparece como atravessamento em muitas falas na clínica, inclusive por pacientes que não apreciam sempre um contato interpessoal, mas a diferença agora estava no poder de escolher ter ou não interações dessa ordem. Esse poder de escolha foi retirado.

O mesmo foi possível perceber sobre a interação virtual. Apesar das redes sociais, o celular, a internet de forma geral, serem meios muito usados para se comunicar e trocar informações, a redução desse elemento como único trouxe angústia na descrição dos pacientes que começaram a se sentir exaustos de um mundo de telas. Se antes era entretenimento “maratonar” uma série, começou a se tornar um peso essa via de escape.

*“O digital dá mais ansiedade do que o normal”*

(Vinheta clínica 13).

Há os que encontraram refúgio em não precisar deparar-se com interações sociais diárias, a necessidade de uma vestimenta formal ou o cumprimento de horários e outras formalidades que nos são exigidas no laço social. Mas, ao mesmo tempo em que as regras pareceram ter se flexibilizado, também se percebe a falta desses deslocamentos: seja dirigir-se ao local de trabalho ou a universidade e, por conseguinte, as relações insurgentes desses deslocamentos. Parece que esses lugares tomaram toda uma dimensão da vida ultrapassando alguns limites. Os horários de trabalho invadiram o tempo dentro de casa e, de repente, não havia mais tempo determinado para o trabalho ou para faculdade, para os amigos e família. A

disponibilidade passa a ser compreendida como 100% do tempo, se alguém pode estar online, então é possível que haja produtividade. São apagados os limites entre um e outro, entre entrar e sair de um compromisso. A sensação de um tempo linear durante a quarentena se dispersa, em um sentido que se você está em casa disponível não há mais uma questão de horários. Muitos pacientes relatam serem convocados pelos chefes antes do horário de trabalho, aos finais de semana e até madrugada adentro. Criou-se uma lógica em que se você está em casa, está livre e se está livre, está livre para se ocupar com algo. Marx (1867) já analisava a questão de uma falsa liberdade trazida pelo capitalismo ainda em seus primórdios das pré-manufaturas ao dizer ironicamente que o sistema capitalista necessita de trabalhadores livres: livres de terras, livres dos meios de produção, trabalhadores que são livres para ir aonde desejarem, consumirem o que desejarem. Que liberdade de fato possuímos hoje, alguns séculos depois dessa escrita de Marx?

Por exemplo, Christian Marazzi escreve: Pensava-se que o capitalismo, destruindo todos os pertencimentos, teria criado as condições para a beatitude: o nomadismo do indivíduo sem raízes, absoluto, resultado da “desterritorialização” inerente ao desenvolvimento da economia mundial. E, ao invés disso, justamente onde culmina a globalização, a “desterritorialização” capitalista, tudo retorna: a família, o Estado nacional, os fundamentalistas religiosos. Tudo retorna, mas como ensina o filósofo, de modo perverso, reacionário, conservador... A liberdade possível da “sociedade transparente” se reverte ao contrário (PELBART, 2016, p. 138).

Se não controlamos mais o nosso tempo e temos uma sensação de que estamos acessíveis mesmo sem querer, é a lógica do capitalismo 24/7 explanado por Crary no início desta dissertação. Nessa mesma lógica, a ideia de uma sociedade que necessita ficar em casa como forma de proteção, mesmo em meio à catástrofe, ainda é uma sociedade que precisa produzir. Interessante destacar que, após quase dois anos de pandemia, a lógica do tempo 24/7 foi tão instaurada na dimensão do trabalho que foram necessárias medidas para controlar isso. Segundo a BBC News Brasil<sup>11</sup>, Portugal aprovou recentemente em seu parlamento uma lei apelidada de “direito ao descanso”, na qual proíbe que chefes mandem mensagens aos funcionários fora do horário de trabalho estabelecido. Além de prever também ajuda financeira das empresas sobre contas de internet e energia, entendendo que os

---

<sup>11</sup>“Portugal aprova lei que proíbe chefe de mandar mensagem fora do horário de trabalho”. Disponível em: <<https://www.cut.org.br/noticias/portugal-aprova-lei-que-proibe-chefe-de-mandar-mensagem-fora-do-horario-de-traba-8139>>.

trabalhadores possuem maiores gastos, pois trabalham de casa. Há também medidas prevendo que as empresas organizem encontros presenciais regulares, justamente para os funcionários não se sentirem isolados completamente, mas conectados aos seus colegas de trabalho.

A pandemia ameaça a produtividade, mas logo todos se ajustam para se manterem ocupados, seja pela necessidade financeira óbvia de ganhar dinheiro para se sustentar (e não conseguir fazê-lo de dentro da sua casa). Ou até pela necessidade de continuar com projetos antes paralisados, até como uma forma de sentir-se retornando à ideia de uma vida normal. Surge, também, durante a pandemia, a demanda por outros tipos de produtividades disseminados pelas redes sociais. Houveram pessoas utilizando a pandemia e o privilégio de poder ficar em casa com o salário garantido, para colocar em dia muitas coisas: livros com leitura atrasada, estudos, filmes e séries nunca vistos, atividades físicas, trabalho. Algo constantemente trazido pelos pacientes nesse período, um sofrimento advindo de não ser produtivo como as outras pessoas das redes sociais. Um âmbito comparativo e competitivo deu-se de forma muito rápida e até sutil. Afinal, essas atividades surgem como uma forma de lidar com o peso de não poder sair de casa, ter interações sociais e conectar-se com os lugares aos quais estávamos vinculados antes. Esse cenário não é algo aleatório, a vida da comparação com o outro é um dispositivo capitalista de controle sob a produtividade alheia. Somos especialistas nisso, crescemos em meio a essa lógica e facilmente a reproduzimos. Mesmo que tenha surgido como uma forma de sobreviver a tudo que aconteceu (importante reforçar, novamente que, poder lidar com isso dessa forma foi restrito a camadas privilegiadas da população), o advento das redes sociais causou um efeito da ordem do imprevisível. É assim que as subjetividades são capturadas por uma lógica neoliberal de produção. É preciso ser um sujeito produtivo, mesmo em meio a todo o caos mundial. E transparece sempre uma ideia meritocrática: se uma pessoa consegue, as outras também são capazes. Afirmção que exclui completamente a história pessoal —singular e política —de cada um.

Durante a pandemia inclusive, o Brasil foi apontado como o país com mais casos de depressão segundo pesquisa da Universidade de São Paulo em matéria

apresentada pela CNN Brasil<sup>12</sup>. A pesquisa citada levantou o índice em 11 países, e o Brasil liderou o ranking com 59% da população com depressão e 63% que sofre com crises de ansiedade constantemente. Antes mesmo da pandemia, o Brasil já ocupava o segundo lugar da América Latina com mais casos de depressão (fonte), o que nos afirma como a depressão ganhou um espaço maior de discussão. Sendo, portanto, mais reconhecida pelas pessoas como uma questão a ser tratada, perdendo aos poucos um lugar de preconceito tão arraigado à palavra. Preconceito que dificulta a procura das pessoas por um acompanhamento de cuidado seja pelos saberes *psí* ou pelo saber médico.

*“Minha doença me atrapalha, eu perco a vida, o tempo, as pessoas”*  
(Vinheta clínica 14).

O diagnóstico da depressão é representado, frequentemente, pelo diagnosticado, da forma colocada na vinheta acima. Uma sensação constante de que a vida está parada, mas que a vida ao redor não está e por isso se vê paralisada enquanto todo mundo continua a se movimentar. Durante a pandemia, a sensação de paralisação foi geral. O que não significa um alívio às pessoas consideradas depressivas, na verdade, o que foi percebido através da experiência clínica, é que se intensificaram relatos de angústia ao se depararem com um mundo para o qual não tinha retorno. Como projetar um depois que por vezes se dissipou na frente de todos? A partir desse cenário pandêmico mundial, é possível aproximar-se de um sentimento sentido frequentemente por pessoas em um estado depressivo, a ideia de que um amanhã não existe ou que não vale a pena desejá-lo. Mas há uma questão importante aqui que rodeia a nossa sociedade e a clínica em geral: é preciso sempre desejar um futuro? Como fazer isso com a morte tão à espreita?

*“Gastei todo meu tempo e energia discutindo, argumentando comigo mesmo que eu não estou em um lugar bacana”*  
(Vinheta clínica 15).

Não há um tempo determinado para que o paciente tome posse de seu processo e saia de um lugar de passividade adoecida, de uma inércia mórbida para partir para o mais célebre da vida: o movimento. Para, assim, tornar-se um sujeito implicado em

---

<sup>12</sup>“Brasil lidera casos de depressão na quarentena, aponta pesquisa da USP”. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-lidera-casos-de-depressao-na-quarentena-aponta-pesquisa-da-usp/17/10/2021>>.

sua trajetória. O desejo nos impele a esse movimento, a essa necessidade de movimento. “Em outras palavras, o que captamos é que, através de movimentos do desejo visíveis e invisíveis, houve produção de real social; e o que desejo é fundamentalmente, essa produção” (ROLNIK, 2006, p. 45). Inclusive, se nos sentimos faltosos ou com essa sensação de vazio descrita, é justamente porque está na hora de constituir desejo, nos movimentarmos para desejar. E desejamos porque outrora houve movimento e finaliza-se, portanto é preciso haver outro movimento e depois de novo e de novo. A vinheta acima é muito interessante, pois expõe um processo de argumentação, esse discutir consigo mesmo sobre o que está acontecendo de fato. Essa argumentação, mesmo que dita no espaço clínico no qual há outra escuta, é elaborada na tentativa dele próprio se ouvir.

A vida consiste em barganhar consigo mesmo sobre o que se deseja e o que é possível sustentar a partir disso. Assumir para si mesmo, entender-se como parte do processo pode parecer óbvio, mas nunca é. Evita-se, sempre que possível, compreender-se como parte de seus problemas e questões. Na sociedade do cansaço em que vivemos (PELBART, 2016), todo mundo é mestre em assumir seu lugar nos erros e falhas que carrega, inclusive de forma prejudicial, mas há muito dificuldade em implicar-se de uma forma que impulse a vida, para além de momentos de lamúrias infinitos. Afinal, o gozo mora nessas lamúrias também, tornando-se mais difícil o deslocamento dessa posição. O trabalho de escuta clínica caminha nesse sentido para que o sujeito se perceba ali no processo, com todos os pesares e alegrias de ser aquilo que se é. E que compreenda seu lugar de não passividade, não em uma ideia banal vendida por best-sellers de auto-ajuda de um protagonista na vida, de um empreendedorismo de si, mas de um *cuidado de si* como nos desenhou Foucault (1978).

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pela qual os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão, de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade produzindo um processo que eu chamaria de singularização (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 33).

Cada um passa por um processo único ao deparar-se com suas angústias e outros sentimentos e compreender-se em meio a esses sentimentos. Para além das

queixas sobre tudo que acontece ao redor, tomar posse de seu processo é muito valioso no processo analítico. Nesse momento, as narrativas tomam outro contorno, assim como o processo analítico. Não é simples. É de uma dureza tamanha, porém é fundamental à vida.

*“Eu viajei para o fim do mundo”*

(Vinheta Clínica 16).

Certo dia na clínica, um paciente descreve um sonho que se repetia incansavelmente: ele entrava em um avião e viajava para o fim do mundo. As suas companhias de viagem variam entre família e amigos, mas o destino era sempre o mesmo. Por vezes, viajava de classe econômica e, por outras, viajava no conforto da primeira classe. Em ambas as formas, o destino era o mesmo. Aparentemente, pode-se viajar de primeira classe até o fim do mundo, mas não é possível escapar dele. Ao chegar lá, cenários completos de destruição, guerras, explosões compunham o plano de fundo da viagem. O paciente descreve que, depois de certo tempo, ele levava seus companheiros de viagem para fazer passeios no fim do mundo e conforme iam andando pelos escombros ele gesticulava e apontava cada lugar, fornecendo informações, como um bom guia turístico. Apesar de tudo ser um tanto assustador para quem chegava, ele conhecia tudo por ali e estava imensamente familiarizado com o fim do mundo. No final do sonho, sempre pegava um avião de volta para casa e acordava.

É muito interessante perceber o paciente habituado com seu mal-estar, com seu fim do mundo. Confortável a ponto de convidar pessoas para dizer como é, compartilhar a experiência do fim do mundo com a mesma naturalidade com a qual faria com qualquer outro destino. Mas também numa tentativa de entender esse fim do mundo, tentando apropriar-se dele. Tentando dar um contorno para as encruzilhadas e angústias em que se via inserido em sua vida. Ele depara-se com o fim do mundo como quem diz: “te conheço muito bem, mas não pretendo permanecer aqui, eu escolhi vir e escolho ir embora”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, trata-se de nossa própria existência, incompleta sempre, em estado de esboço, de obra por fazer, que cabe “prolongar” como se prolonga o arco virtual de uma ponte quebrada ou em construção.

Peter Pál Pelbart (2016)

Delinear as produções subjetivas do contemporâneo necessita de um corpo que se faz e desfaz no caminhar. Que esteja aberto para o ressoar do que se escuta no trajeto. Agamben (2007) nos alertou já no início desse texto que aquele que se diz contemporâneo só pode se dizer como alguém que vive em um tempo anacrônico de pertencimento e não sobre um pertencimento simultâneo. É preciso se sentir deslocado para pertencer a seu próprio tempo. Pois se não houver tal descolamento não é possível avistar o escuro mesmo no que se dispõe a estar à luz. É esse o lugar do pesquisador de seu tempo, se deslocar, mexer, revirar, afetar-se. Ser atravessado pelas dimensões afetivas que o rodeiam ao mesmo tempo em que observa; escutar ao mesmo tempo em que sente; se ver movimentar ao mesmo tempo em que se sente paralisado.

A dissertação apresentada preocupou-se em investigar a constituição de um sofrimento psíquico a partir dos desdobramentos do sistema econômico vigente: o capitalismo. Dizer do capitalismo é analisar suas dimensões produtivas atuais. Em um momento de tecnologias avançadas e globalização, o capitalismo encontra-se em sua forma mais sofisticada: o neoliberalismo. O conceito de neoliberalismo que se insere em nosso tempo, estabelece inclusive uma dimensão de tempo irruptivo, propositalmente desalinhado que nos invade com demandas sempre urgentes.

Compreendemos que viver na sociedade do desempenho, implicada em altos índices de produtividade, causa efeitos devastadores nos corpos e na saúde psíquica dos sujeitos contemporâneos. Suas singularidades parecem escancaradas quando se veem doentes. Hoje muito se fala sobre crises de ansiedade, depressão, tratamentos psiquiátricos, *burnout*, síndrome do impostor; fomos atravessados pelas denúncias limítrofes de nossos corpos. O sistema responde com soluções que se prometem rápidas e indolores, através de toneladas de terapias de

autoajuda. O que não raro causa ainda mais individualização e solidão, além de um estancamento momentâneo para que o sujeito continue funcional. Pensando nesse cenário, esta dissertação se dispôs a olhar os dispositivos de poder sobre os corpos mais de perto. Entendendo que tais meios se modificam constantemente, exigindo que o trabalho de melhor compreendê-los precisa ser continuado em muitas e diferentes frentes.

Escrevemos pela urgência de dizer sobre o que nos atravessa como coletivo, como seres singulares e como partes de um corpo social. Foi assim que começamos esta escrita e assim forçamos essa direção nesta conclusão. Esta trajetória parte de uma necessidade de escrever sobre o que ocupava a escuta na prática psicológica-clínica, de dar contorno às questões que atravessam essa prática e, mesmo assim, continuar carregando-as.

Escrever em meio ao caos de uma pandemia, em meio ao disparar de tantas mortes por Covid-19 (mais de 600 mil mortes) foi também encontrar-se em um corpo em processo de mortificação. Partir da questão de uma história do neoliberalismo, seguir pelo estudo de um sofrimento psíquico anunciado por tanto tempo e olhar de perto um fazer clínico não se configurou tarefa fácil. A pele testemunhou todo o esgotamento que escrevia. Compreendeu-se o cumprimento de um luto de um desejo que ainda não havia partido. Experimentaram-se sentimentos e sensações que antes só se ouvira dentro do consultório. De repente, tudo se esvazia um pouco, a escrita, o trabalho, os planos para o futuro... Que lugar tudo isso pode ter frente à proximidade da morte? Foi preciso uma pausa para se atentar aos próprios processos de adoecimento para, depois disso, continuar. Continuar a trabalhar com a escuta, mas sem atropelar a escuta de si. É impossível não escrever sobre nós mesmos. É sempre sobre nós. Mesmo quando o escritor esforça-se em apagar todos os sinais de si em seu texto, a escrita continua a denunciá-lo.

Recomeçou-se, compreendeu-se a força no continuar, a potência da escrita, a importância deste trabalho. Recolheram-se migalhas, assim como todo mundo, e sentiu-se culpa por poder fazê-lo de um lugar de privilégio, enquanto muitos outros só se viram despedaçar. A culpa ocupou tudo. A culpa foi digerida. Pausa. E, depois, continuou-se a escrever. Mais de mil vidas vividas dentro dos 67 metros quadrados de um apartamento. E fora dele também, na cidade de Vitória, no Espírito Santo, no

Brasil, no mundo. Vidas sobreviventes, vidas que não eram mais vidas, vidas que foram deixadas para morrer, vidas possíveis, vidas passíveis, vidas em construção, vidas também felizes, vidas com amor. A escrita deste trabalho dissertativo é uma carta endereçada à vontade de viver, apesar das capturas e achatamentos constantes impostos pelo neoliberalismo. Uma carta à vontade de amar em tempos de desamor, pois compreende-se que nas relações afetivas é constituímos a forma mais potente de vida.

Essa pandemia, que ainda vivemos, deixará rastros que ainda não conseguimos dimensionar, mas que já conseguimos entender como massacrou a população marginalizada, os pretos, os pobres e o proletariado. Escancarou processos de adoecimento e a urgência do cuidado psíquico. Escancarou também a fome e miséria em nosso país e quem é acolhido pela órbita da produção. Gritou sobre a diferença das classes sociais todos os dias. Mas nem todo mundo ouviu esses gritos.

A pandemia atualizou dispositivos de medo e angústia. Achille Mbembe (2011) em sua descrição de uma necropolítica elucida muito bem a constituição não apenas de um biopoder, como Foucault (1978) já havia descrito (uma gestão sobre quem vive e como se vive), mas também sobre quem morre e como se morre. Mbembe (2011), analisa questões como a escravidão, o holocausto, a ocupação na Palestina por Israel, uso de acontecimentos históricos trágicos, para exemplificar uma política de morte especializada em matar corpos considerados descartáveis em diferentes momentos da história.

A pandemia da Covid-19, que se intensificou quem 2020, talvez não se enquadra na mesma categoria de acontecimentos políticos descritos acima, mas evidentemente ela se tornou e continua sendo uma questão política. A pandemia foi classificada, à princípio, como uma crise de saúde mundial. Tocou em temas como a gestão do dinheiro público, a necessidade de investimento em saúde pública, bem como em assistência social. Mexeu com pautas da área de economia, obrigou os educadores e pedagogos a repensar e adaptar seus métodos e práticas de ensino. Transformou-se rapidamente em uma gestão da fome e da morte. O governo Bolsonaro, em todos os momentos em que teve oportunidade para retirar do povo brasileiro algum investimento, não hesitou em fazê-lo. Não apenas pensando em

uma gestão financeira, mas exercendo uma gestão de morte. Levando a um mar de *fake news* diárias como distração perversa de um governo demasiado insuficiente. A política constituiu sempre discussões dentro do trabalho clínico. A sensação de impotência e esgotamento perante os acontecimentos da política foram motivos de muitas angústias, ansiedade e depressão nas narrativas que compunham os atendimentos psicológicos. E como foi importante dizer sobre, ouvir sobre.

Ainda assim continuaremos na insistência de entender esses territórios que pisamos, das relações que estamos constituindo, do trabalho que é travado nessa sociedade 24/7, nos afetos possíveis de criar para enfrentar tudo isso. Continuaremos porque não é possível encerrar aqui essa temática, ela precisa seguir e continuar, mesmo que, por enquanto, se encerre nesta escrita. O trabalho na clínica é sempre de ordem política e urgente. Urgente de uma política que lute pela vida, e onde se acredite no próprio trabalho como psicóloga clínica como uma forma de resistência política frente a avanços que impulsionem vidas frias, vidas mornas.

Que se abrace e se convide à fragilidade da vida como sua força. Onde há esses estratos é onde mora o corpo sem órgãos<sup>13</sup> (DELEUZE; GUATTARI, 1972). Criar para si um corpo sem órgão é despir a própria vida de seus aprisionamentos, é fugir do horror da sobrevivência, ou de zumbis pós-modernos (PELBART, 2016). Nas camadas dos estratos é onde são produzidos os agenciamentos necessários à possibilidade do sentido criador nesse mundo. E é a partir desses agenciamentos, que podemos atestar uma ressonância mais possível, mais potente de vida. Deixar ressoar as polifonias dentro de nós e que falam conosco. A vida é entendida aqui como a possibilidade de experimentações micropolíticas para assim criar aberturas, para além da potencialização das singularidades, criem-se rupturas nas instituições coletivas, fazendo surgir novas dobras do existir. É preciso autorizar-se a criar, a inventar, a ser, a viver. É preciso coragem!

---

<sup>13</sup> Corpo sem órgãos é um termo cunhado por Deleuze e Guattari em sua obra *O Anti-Édipo* (1972): "O corpo sem órgãos é o improdutivo; no entanto, é produzido em seu lugar próprio, a seu tempo, na sua síntese conectiva, como a identidade do produzir e do produto [...] É o corpo sem imagem" (DELEUZE; GUATTARI, 1972/2010, p. 20). Por ser o corpo sem imagem é aquele possível de ser afetado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, Joel. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CRARY, Jonathan. *Capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu, 2015.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo*. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2014.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Volume 1*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio G. Neto; Célia P. Costa. São Paulo: Editora 34, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Disponível em: <[https://poars1982.files.wordpress.com/2008/06/deleuze\\_nietzsche\\_ea\\_filosofia.pdf](https://poars1982.files.wordpress.com/2008/06/deleuze_nietzsche_ea_filosofia.pdf)>. Acesso em 26 de março de 2020.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Tradução: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DUNKER, Christian. *Reinvenção da intimidade: Políticas do Sofrimento Cotidiano*. São Paulo: Ubu, 2017.
- DUNKER, Christian. *Uma biografia da depressão*. São Paulo: Paidós, 2021.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: a vontade de saber*. Tradução: Maria T. C. Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Tradução: Maria T. C. Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Tradução: Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2014.
- FREUD, Sigmund. "O mal-estar na civilização". In: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas; vol. 18)
- HILST, Hilda. *O roteiro dos silêncios*. In: *Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LAVAL, Christian. *Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal*. Tradução: Márcia Cunha e Nilton Ken Ota. São Paulo: Elefante, 2020.
- MARX, Karl. *O Capital, Livro I: Crítica da economia política—O processo de produção do capital*. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MBEMBE, Achille. *A necropolítica*. Tradução: Renata Santini. São Paulo: n-1, 2018.

MELVILLE, Herman. *Bartleby, o escrivão (uma história de Wall Street)*. Tradução: Cássia Zanon. Porto Alegre: L&PM, 2008.

PELBART, Peter Pál. *O avesso do niilismo: cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1, 2016.

ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: UFRGS Editora, 2006.

ROLNIK, Suely. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1, 2018.

ROLNIK, Suely. *Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização*. Disponível em: <[http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/viciados\\_em\\_identidade.pdf](http://caosmose.net/suelyrolnik/pdf/viciados_em_identidade.pdf)>. Acesso em: 18 de abril de 2020.

SAFATLE, Vladimir; JUNIOR, Nelson; DUNKER, Christian (org.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. São Paulo: Autêntica, 2021.

## ONLINE

BERNARDI, Tati. Bernardet questiona longevidade de pacientes em relação ao capitalismo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 2 de agosto, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatibernardi/2021/08/bernardet-questiona-longevidade-de-pacientes-em-relacao-ao-capitalismo.shtml>>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

GOLDENBERG, Mirian. Lutar contra a velhofobia é lutar pela nossa velhice. **Agência Pública**, São Paulo, 19 de junho, 2020. Disponível em: <<https://apublica.org/2020/06/mirian-goldenberg-lutar-contra-a-velhofobia-e-lutar-pela-nossa-propria-velhice/>> Acesso em: 15 de outubro de 2021.

GOLDENBERG, Mirian. Fora velhofobia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 23 de junho, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/miriangoldenberg/2021/06/fora-velhofobia.shtml?origin=folha>> Acesso em: 15 de outubro de 2021.

GRACIOLI, Júlia. Brasil vive surtos de depressão e ansiedade. **Jornal da USP**, 23 de agosto de 2018. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/brasil-vive-surto-de-depressao-e-ansiedade/>> Acesso em: 13 de fevereiro de 2020.

PASSOS, Letícia. Brasileiro ainda sabe pouco sobre depressão. **Veja**, São Paulo, 28 de agosto, 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/brasileiro-ainda-sabe-pouco-sobre-depressao-revela-ibope>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2020.

Criança de 7 anos é abordada por PMs e pais são detidos na serra. **A gazeta**, Vitória, 21 de março, 2021. Disponível em <https://www.agazeta.com.br/es/policia/crianca-de-7-anos-e-abordada-por-pms-e-pais-sao-detidos-na-serra-0721>>. Acesso em 20 de abril, 2021.

Folha informativa sobre COVID-19. **Organização Pan-Americana de Saúde**, Brasília, 2020. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:COVID-19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:COVID-19&Itemid=875)> Acesso em: 17 de abril de 2020.

Jovem sobe no alto de árvore para melhorar sinal de internet e assistir aulas no Pará. **G1**, Rio de Janeiro, 21 de março, 2021. Fantástico. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/03/21/jovem-sobe-no-alto-de-arvore-para-melhorar-sinal-de-internet-e-assistir-aulas-no-para.ghtml>> Acesso em: 10 de agosto de 2021.

Portugal proíbe chefes de enviarem mensagens a funcionários fora do expediente. **BBC News Brasil**, São Paulo, 12 de novembro, 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-59270146>> Acesso em: 13 de novembro de 2021.

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 —

80

## ÍNDICE DE VINHETAS CLÍNICAS

Vinheta clínica 1 —	41
Vinheta clínica 2 —	43
Vinheta clínica 3 —	44
Vinheta clínica 4 —	45
Vinheta clínica 5 —	45
Vinheta clínica 6 —	47
Vinheta clínica 7 —	51
Vinheta clínica 8 —	51
Vinheta clínica 9 —	57
Vinheta clínica 10 —	58
Vinheta clínica 11 —	60
Vinheta clínica 12 —	95
Vinheta clínica 13 —	107
Vinheta clínica 14 —	110
Vinheta clínica 15 —	110
Vinheta clínica 16 —	112